

REVISTA DA SEMANA

N.º 31



CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

30-7-49



Comece

antes que se esgote.

O ALBUM DE "A CENA"



★

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores: um presente especial para as férias do meio do ano com 100 páginas. Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso. A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar. O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20.00

★



A' venda em todos os pontos de jornais

★

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do correio á

Companhia Editora Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 - RIO.

TARDE DE DOMINGO

TARDE de domingo, quieta como um eco de sino, manchada de luzes e sombras. Luzes no alto das lombas e na ponta dos eucaliptos azulados. Sombras nos baixios, tingindo de negro os outros eucaliptos que vão descendo a lomba e se inundando de névoa. Mais longe a mancha escura das árvores está envolta na fumaça acinzentada que vem subindo do chão. E inundando tudo, invisível, há essa quietude morna e dolorida que parece um bater de sino, muito distante, plangente, choroso...

Chorosa passou a tropa, lenta, sossegada, como se ignorasse o rumo tomado, como se não soubesse daquele caminho que aos poucos a levava ao matadouro. Lenta, descansadamente, os bois iam tomando o rumo da morte. E sem saber! Sem pensar! Atrás deles iam os homens, o rebenque balançando de leve, com pena talvez de bater nos animais que iam morrer. E os homens iam pensando... Quanta coisa não pensariam eles!

Passou a tropa envolta na poeira leve levantada pelos cascos morescos, passou mas ficou a poeira amarelada, pintada de sol de longe em longe, como se o sol também viesse de mansinho trazer uma carícia com pena dos animais que tão sossegadamente iam entrando na boca do corredor que era a boca da Morte. As casas do saladeiro estavam ali, e se estendendo, muito brancas (feito grade de túmulo), as tábuas das cercas formavam o mundo do "nunca mais".

Os homens apearam e ficaram na porteira, pitando (pensando em quê?), esperando o resultado da pesagem.

Num rancho perto quebraram uma garrafa que fez estrondo no sossêgo da tarde morna de domingo. Depois um rádio começou a tocar. Um dos tropeiros apertou a cabeça entre as mãos grossas. Parecia impossível suportar aquilo! A música, e os bois morrendo. E um cusco gritando, longe, lembrando a querência e as campareadas.

Um soldado apareceu na porta de outro rancho. Depois uma mulher. E um sorriu para o outro, como se fossem donos da tarde de domingo. Sorriam, felizes, e se apertaram as mãos, e ficaram se olhando nos olhos, demoradamente, descansadamente. Para eles não existia tropa, nem os homens silenciosos na porteira, nem sequer o rádio gritão.

No corredor passou um homem, arrastando alpercatas, abanando bombachas escuras na claridade morna da tarde. Com um facão atravessado na cintura e um cigarro de palha entre os dedos. E foi conversar com os tropeiros. (Sabe lá se ele também não foi tropeiro algum dia e se não conheceu a mesma agonia de ficar horas naquela porteira, esperando?)

Na porta do rancho o soldado não queria deixar a namorada. Na porteira os homens não se podiam desviar de seus pensamentos angustiados.

Por dentro dos bretes veio um homem correndo e gritou qualquer coisa. O rosto dos tropeiros se abriu num sorriso largo, demorado, satisfeito, tal qual a quietude da tarde de domingo.

Ali na porta, bem na frente de todo mundo, sem mesmo saber se havia "todo mundo", o soldado roubou um beijo estalado dos lábios da namorada morena.

E na cidade... Bem, na cidade ninguém soube de nada disso! Nem sequer ficaram sabendo da existência de uma linda tarde de domingo, quieta e dolorida como o eco longínquo de um sino. Não souberam de nada! Havia futebol.

THEREZA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Tarde de domingo (Thereza de Almeida) ...	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24

REPORTAGENS

O destino de Margaret	4/ 5
Jôquei milionário (Hélio Fernandes)	12/17
A Divina Tragédia	27/29
Eles são a esperança do mundo (Milton Pedrosa)	32/37
Coroação solene de Miss Brasil	56/58

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	6
Vida literária (E. Catete Reis)	51

CARICATURA

Homens e bichos (Théo)	7
Bom humor	44
O mundo manca e a mula murcha	54

ROMANCE

Viver com amor	10/11
----------------------	-------

NOVELA

O homem que vendeu sua alma	18
-----------------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Em lá	20
Detalhes e novidades	21
O amor é assim	21
Intimidade	24
Cabeças bonitas	25
Os problemas da mulher	25
Week-end na cozinha	26
Use em casa	26
Linhas modernas	40
Blusas modernas	41
Mães e filhos	23
Para meninas	22
Écharpes e novidades	23

CONTOS

Umas férias (Bernard O. Perez)	30
O mistério de Adelaide (José de Oliveira Nunes)	42

CINEMA

Cine-revista	38/39
--------------------	-------

MÚSICA

.....	46
-------	----

TEATRO

.....	47
-------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	48
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	49
---	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

RADIO

Broadcast	55
-----------------	----

ILUSTRADORES

Orlando Matos	
M. Queiroz	
Armando Pacheco	

NOSSA CAPA

Figura em nossa capa de hoje a encantadora e jovem Gloria De Haven. Gloria é uma garota bonita e cheia de vida que já tivemos a oportunidade de apreciar em vários musicais. Depois de um afastamento prolongado das "cameras" de Hollywood, Miss De Haven voltou novamente, desta vez sob contrato com a Universal-International, e mais bonita do que nunca. (Foto Universal-International)





Aqui está num grupo a família do Presidente Truman. Sua Excelência, Mrs. Truman e a filha, cantora Miss Margaret Truman, que nasceu com a inclinação voltada para as conquistas da engenharia e que uma visita conseguiu mudar completamente para os caminhos da Arte do canto e da música

O DESTINO DE MARGARET

SUA VOCAÇÃO ARTÍSTICA É MAIOR DO QUE O FASCÍNIO DA CASA BRANCA ★ UMA JOVEM QUE CONSTRÓI SUA INDEPENDÊNCIA

JOHN T. V. SMITH

NUM dos altos edifícios que olham sobre Central Park, em Nova York, há um apartamento de onde se evolvam, desde manhãzinha, os sons harmoniosos de um piano, as árias mais deliciosas que se pode imaginar.

Quem as executa com tanta pontualidade, parecendo que estuda apaixonadamente? É uma jovem mulher. E não está sozinha. Alguém a acompanha e ela canta, faz treinos, aranca do teclado seis sustentidos, seus bemóis, pratica as escalas matinais.

Após o almoço, repetem-se os ensaios. Para que tanto labor, tamanha dedicação artística?

É que a cantora e pianista está se preparando para uma excursão de arte pelos Estados Unidos e quer ir absolutamente segura de sua eficiência. Mas, quem é ela? Margaret Truman, filha do Presidente dos Estados Unidos da América do Norte. Deseja ser simplesmente Margaret, modesta, simples, democrática, uma cantora, uma criatura dedicada à Arte da Música e do bel canto, fazendo disso sua profissão, seguindo uma carreira divinamente bela, própria dos povos civilizados, pertencendo exclusivamente a ela, servindo à cultura do país. Nada de política, nada de intrigas palacianas, nada de pistolões para seu pai.

Essa inclinação de Miss Truman teve seu definitivo desenvolvimento em 1945, precisamente no mês de abril; justamente quando o destino elevava à Vice-Presidência da República aquele que era seu pai, tornando-a a filha do segundo magistrado da grande e poderosa nação americana do norte.

Margaret, porém, não viu nessa ascensão de natureza política, nenhum

motivo que lhe comprometesse ou embargasse o desejo de ser uma cantora de profissão e tornou-se, positivamente, uma artista de concertos nos palcos americanos.

Em 1947 ela fez, oficialmente a sua estréia em Washington.

Mas, mesmo contra sua vontade, o seu talento artístico e sua simplicidade de moça desprovida de preconceitos, influíram na eleição em favor de seu pai, que, tendo feito em companhia de Margaret excursões eleitorais, obteve vitórias memoráveis, graças também à presença dela que encantou os americanos pela sua graça, sua modéstia e seu talento artístico.

Incontestavelmente, Miss Truman não liga muito a Washington, embora, de qualquer forma, a influência e o prestígio da capital a reclame e ela se apresenta em jantares diplomáticos, faça ligeiras viagens até lá, compareça a recepções oficiais, etc.

Ainda não faz muito tempo ela teve que correr até Washington para tomar parte, como membro da família do Presidente Truman, num jantar que seu pai oferecera a Winston Churchill, quando o ex-Premier britânico visitou ultimamente os Estados Unidos.

Como estivesse a Blair House em reparos, foi ela hospedar-se na Casa Branca, sucedendo mais recentemente o

mesmo, quando o Presidente Dutra esteve nos Estados Unidos.

Além dessas interrupções em sua preparação artística e treinos de rotina, há muitas outras, como, por exemplo, certos ataques de laringites que lhe faz silenciar a voz de soprano por algumas semanas.

Os seus amigos de arte são o regente, Mr. Coenraad V. Bos, que lhe dirige a vocação artística, e sua amiga íntima e dedicada, Miss Helen Traubel, a acompanhante, também exímia cantora, já tendo participado de festas na Casa Branca, onde desfruta de toda a amizade e consideração do Presidente e sua exma. senhora.

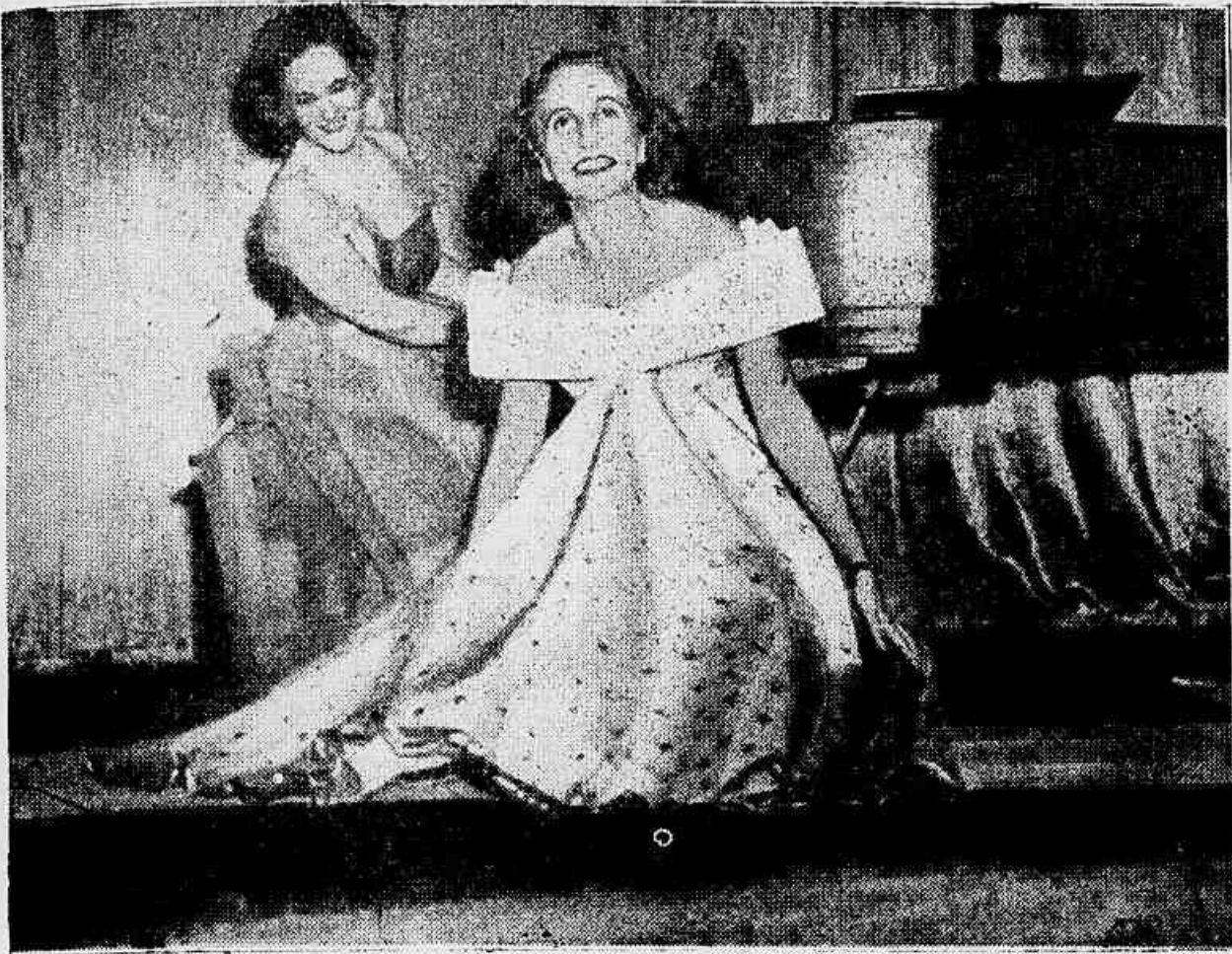
Como não podia deixar de ser, sempre que Miss Truman deixa o seu apartamento em Nova York, é o mesmo guardado por agentes especiais. Sua bagagem é bastante volumosa e está a cargo de Reathel Odum, secretário particular da senhora Truman e que veio com ela para a cidade de Nova York.

Essa jovem não é apenas uma dedicada secretária; é uma devotada amiga que reparte com Miss Truman todos esses pequeninos quefazer de um apartamento residencial de uma solteira. Miss Odum mora no mesmo luxuoso apartamento da cantora, ocupando um elegante e bem montado quarto anexo ao da patroa. Ali ambas vivem confortavelmente e preparam a maior parte de suas refeições.

Quem sempre vai aos armazéns comprar víveres e demais coisas para a despesa é Miss Odum, não que Miss Truman tenha preguiça; mas é que, quando sai provoca a curiosidade de muita gente, e, se repórteres ou outros curiosos a vissem em "stores" a encher a bolsa de latas e secos, teria ela que suportar horas de sérios aborrecimentos.

Para amenizar seus permanentes estudos no apartamento, ela se diverte um pouco. É apaixonada pelos concertos de arte, vai à Ópera, cinema e teatro em geral. Sempre que aparece causa alaridos entre os presentes e provoca publicidade. Mas Miss Truman tem ainda esta boa qualidade: sabe filosofar e diz que não lhe é possível renunciar a tudo isso apenas para evitar que dela se ocupem os diários ou as revistas. Muitas vezes Mrs. Truman dá um pulo a Nova York para visitar a filha e ir com ela a algum espetáculo.

Mas Miss Truman também possui um empresário. Mr. James A. Dabidson, que já registrou vasto programa de atuação em cidades dos quatro pontos cardais do país, inclusive em Washington com a Orquestra Sinfônica Nacional para apresentar no auditório do "Constitution Hall". Embora até ao presente não tenha ela experimentado a glória ambicionada por todos os artistas de cantar



Margaret tem um alto senso de compreensão do mundo e das coisas humanas, esquecendo a crítica hostil e rindo confiada, em seu futuro artístico

no Metropolitan House, esse sonho não a deixa, e tudo faz crer que Miss Truman, em futuro próximo cante naquele famoso teatro, que consagra definitivamente todos os gênios cantores do mundo.

Dizem os observadores e analistas da vida e da pessoa da simpática filha de Truman que, se ela não fosse dotada de especial talento, teria seguido uma vida mais ou menos igual à de Alice Roosevelt, filha do antigo Presidente Theodore Roosevelt, e empreenderia uma dessas viagens turísticas em redor do globo nas condições de uma princesa que aproveita o curto período de sua influência. Também Miss Truman poderia ter aceitado um lugar em emissoras de rádio, ou firmado contrato para alimentar artigos na imprensa como qualquer colunista. Mas, ao invés de qualquer dessas decisões, ela preferiu lançar-se na carreira artística, enfrentando a crítica, a má vontade de muitos, a incompreensão de outros.

E' oportuno fazer mesmo referência a esta particularidade que bem retrata o espírito democrático e desataviado de Miss Truman em relação à posição política de seu pai. Quando Harry S. Truman venceu a eleição contra o candidato do Partido Republicano, ao ver o resultado que dava a vitória a seu pai, Margaret, ao invés de exultar e soltar foguetes, murmurou com certa contrariedade íntima: "O calvário continua..."

Por que o calvário continua? Porque ela bem sabe até que ponto chegam as contradições da natureza humana. Para muitos, tendo o pai como Presidente da maior e mais poderosa república do mundo, ela não devia seguir uma car-

reira mais própria dos que não têm pai alcaide...

Tem essa jovem um espírito puramente artístico e dado às conquistas da alma. Sabe-se que sua mãe, quando ainda era uma escolar num dos educandários dos Estados Unidos, disputou com outras coleguinhas um campeonato de lançamento de peso. Certa ocasião, quando Margaret ouvia a mesma falar acerca desses acontecimentos colegiais deplorou com a maior calma deste mundo:

— Mas mamãe, não posso crer que a senhora houvesse escolhido dentre tanta coisa interessante para um campeonato, justamente o arremesso de peso.

Mrs. Truman responde à filha com um sorriso e continua a tricotar.

Apesar de muito jovem ainda, Miss Truman já possui uma vida com seu anedotário. Como sabemos ela nasceu em Independence, Missouri, a dezessete de fevereiro de 1924. Certa vez foi ela à cidade natal em companhia do pai e lá recebeu tal quantidade de presentes que ele ficou impressionado.

Isso mostra que a filha, cantora e pianista, possui seu exército de fans em todas as classes sociais, e não seria preciso que ele fosse Presidente para dar-lhe essa auréola de popularidade. Miss Truman é muito gentil, sem afetações pueris e muito simpática.

Ao contrário do que muitos podem julgar, quando criança não tinha ainda nenhuma inclinação para a arte da música. Isso se prova com interessante registro que ficou nos anais da família.

Quando Margaret completou oito anos, ou seja, em 1932, o pai lhe comprou um piano, o primeiro que ela possuía, portanto. E' natural que todos pensem



Sempre que Margaret Truman canta em público, as opiniões se dividem e há polêmicas na imprensa. Mas a cantora não se impressiona e continua

que ela pulou de contente, bateu palmas e beijou os pais como sinal de reconhecimento, chamando os vizinhos de sua idade para verem a beleza do presente. Mas nos enganamos. Miss Truman, a inteligente Margaret, olhou o belo presente e fazendo um jeitinho com a boca, disse:

— E'... Mas eu preferia um trem elétrico...

Margaret Truman até certa idade só sentia inclinação para a mecânica. Sua carreira vocacional seria a engenharia. Como se modificou tanto essa estrada da vida? Foi assim: uma antiga amiga da família, cantora da Ópera, quando Margaret estava com onze anos, visitando-a descobriu que a menina tinha uma bela voz. Seus pais aceitaram a sugestão da cantora para dar-lhe lições de canto. Logo que Margaret terminou seus estudos de letras, passou a dedicar-se inteiramente ao canto. Nos casamentos de suas amigas, nas igrejas,

em "soirées", ela começou a fazer-se ouvir com geral agrado. Depois, estréia no rádio e, enfim, dá o seu primeiro grande concerto público no imenso auditório ao ar livre do "Hollywood Bowl", diante de quinze mil espectadores. Cantou sob aplausos as árias de "La Traviata", "Lucia de Lammermoor", "Zemire et Azor", "Mariage de Figaro", etc.

Sua posição de filha do Presidente não lhe tem proporcionado nenhuma vantagem. Pelo contrário. Certa vez, ao ser-lhe oferecido um contrato para Hollywood, estranharam que a importância fosse tão pequena; mas seu "manager" respondeu com a maior naturalidade deste mundo:

— Você esquece que ela é a filha do Presidente!

E Margaret, em conversa com amigos, disse meio amargurada:

— Sim, sou a filha do Presidente, a criatura menos livre que vive na grande democracia governada por meu pai...



Reina a maior harmonia na Casa Branca, para onde vem, de quando em quando, Miss Margaret, a fim de assistir com os pais a concertos famosos



E' possível que os seus próprios pais jamais esperassem que aquela menina de 1932, que quase recusa um piano, chegasse às alturas artísticas de hoje

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

ITAPAGIPE

★
Páginas de memórias e de saudades, por HERMANO REQUIÃO

★
Livraria José Olimpio Ed.
Rio de Janeiro
1949

Este livro ligeiro, geralmente alegre, extremamente simpático, traz um sub-título: "Minha infância na Bahia". É portanto uma espécie de crônica da península sossegada, entre bonacheirona e patriarcal, que o autor conheceu quando menino e de que lhe não devem agora faltar saudades. Nos primeiros capítulos se trata particularmente de folguedos e travessuras. O sr. Hermano Requião foi um rapazinho mais ou menos "levado", um tanto "estragado de mimos", para quem a vida decorria perenemente no meio de carícias e guloseimas. Chegando à idade do colégio gozou de regalias excepcionais. Os favores que lhe eram concedidos iam além de escandalosos. Tornou-se o único aluno que não levava palmatoadas. Para isso a bolsa paterna se alargava em generosidades de toda sorte. O professor Honorato recebia uma propina especial, não só pelas lições que ensinava mas também, e principalmente, pelas punições que deixava de aplicar. Dêsse modo iníquo se mantinha a ordem e o respeito dentro da aula... E havia outro estudante, particularmente indicado, este, para tal fim. Chamava-se Felipe e exercia oficialmente a missão de bode expiatório, "souffre douleur" da coletividade. Exclusivamente, por assim dizer, lhe competiam os serviços escolares. Varria, lavava, arrumava, tratava das aves domésticas do mestre-escola. E como, além do mais, era de pais indigentes, em cima lhe caíam todas as penas disciplinares. Era Felipe para tudo: para os problemas que os outros não resolviam; as lições que ele não tinha tempo de decorar; os jogos em que não tomava parte ou em que era forçado a "perder"; e até as merendas que os outros, fartos e satisfeitos, sendo ele, provavelmente, o único esfomeado, lhe arrebatavam. Pobre Felipe... No meio de tanta injustiça e tanto sofrimento, que destino teria levado? Mas, daí, quem sabe? Talvez, entre todos os discípulos do inconsciente Honorato, fosse ele o que soubesse mais bem preparado e mais vitorioso na vida...

Mas a índole da obra presente não cuida de tristezas nem se presta a filosofias. Composto, ao cabo de alguns decênios de existência, o seu livro de memórias, o que o autor nele recapitula são passeatas e escapadas, sessões de cinema, espetáculos de circo e, mais tarde, os primeiros amores... Vieram então, e sempre a seu tempo, as festas de capela e de romaria; as competições esportivas na aurora do futebol; as velhas regatas e todas as inovações atléticas, de mistura com as serenatas, os versos, outros passatempos, outras inolvidáveis distrações ou fantasias "daquele tempo". Só para o fim do volume vem um capítulo doloroso: o enterro de um mendigo sem acompanhamento, abandonado no seu caixão, debaixo de ventania e chavarada...

Assim, pois, estas páginas se fecharam bem oportuna, providencialmente, a fim de evitar ao jovem Requião maiores contrariedades ou dissabores, porque, em verdade, para isso, sempre é tempo.

OS FANTASMAS DE SÃO PAULO ANTIGA

★
Estado "histórico-literário" de MIGUEL MILANO

★
Edição Saraiva
São Paulo
1949

Ihes, na sequência cronológica, todo o interesse, expressão e encanto.

Está claro de todos estes lugares: ruas, praças, travessas — ruas hoje alargadas, praças arborizadas, míseros becos desaparecidos — resultaram pontos da cidade, para a gente de hoje irreconhecíveis. Alguns anos, quatro ou cinco de ausência, e sem o recurso milagroso do cinematógrafo, bastariam para o forasteiro, chegado há pouco, se sentir perturbado, desorientado, sobretudo desambientado. Tudo cresceu com a rapidez mais surpreendente. Encontraram-se coisas que dão a impressão de mutações à vista, em cenários de milagre, de mágica. Em São Paulo, como em nenhum outro centro de população, as fadas do progresso deram que fazer às varinhas prodigiosas. Em tudo ou quase tudo se operou a metamorfose. E quando, de repente,

se nos depara um aspecto, um detalhe, reflexo ou sombra da cidade antiga — é então que devemos pensar em almas do outro mundo ou qualquer outra espécie de espectros do passado.

Onde está a ladeira de João Alfredo, de 1870? Onde o largo do Carmo, o largo do Teatro, o largo da Luz, a ladeira do Piques, o vale do Anhangabaú? Tudo se sumiu na voragem civilizadora de apenas alguns lustros. A cidade se revolveu, como num cataclismo de formosura e grandiosidade. Onde, no nosso tempo mesmo, se não contavam mais de cinquenta mil almas, se multiplicam hoje os esplendores de uma "urbs" colossal. Que veríamos então, daqui a mais vinte anos — se realmente lá chegássemos?

Ilustram a obra, como bem se deve depreender, numerosas estampas ou foto-gravuras. E há uma parte consagrada a velhas histórias de bairro, com lobisomens e outros estafermos há muito anacrônicos. Dessas páginas, porém, e embora andem por mais de cinquenta, quase não vale a pena falar.

AJURICABA, O GUERREIRO MANAU

★
Poema de HUGO BELLARD, com prefácio de PÉRICLES MORAIS

★
Manaus
1949

Este livro impressiona deveras pela veemência do sentimento, o calor eloquente que de todo ele se irradia. É o poema da selva amazônica, na sua bruteza, grandiosidade e lendário esplendor. O torção bárbaro e sagrado se revolta contra os poderes que não provieram do seu próprio seio, magnificamente criador. Não reconhece outra lei, outro princípio se não a beleza e a força que continuamente se renovam, para permanecer orgulhosa e insubmissamente as mesmas. Qualquer atentado contra aquela robustez instintiva e essencial lhe provoca arremessos de uma cólera que não se mede nem se calcula: vai ao absoluto. De onde, com efeito, viria o prestígio capaz de a dominar, disciplinar? Como deixaria ela de ser livre, senhora de si própria? Não admite que a dirijam nem mesmo para a tornarem mais poderosa, com mais largo horizonte e céu mais claro. Pela mesma razão por que não pede que a auxiliem ou de qualquer modo a protejam, por isso mesmo se há insurgir quando pretendam detê-la na sua legítima expansão vital. Tem que continuar como nasceu, porque a sua existência não muda à mercê de vontades estranhas, de qualquer forçada intervenção. Através de convulsões ou cataclismos que lhe possam advir, sentir-se-á igual a si mesma, perenemente e em face do universo. Assim, em plena natureza se deve sentir o homem primitivo.

Nas páginas aqui presentes se proclama e se consagra o direito integral do solo ao ser de quem nele abriu os olhos para a luz e o coração para a vida. Que outros venham pisar aqueles domínios, tomar-lhes os frutos, as flores, as próprias sombras e até mesmo a escuridão quando, tudo desaparece ao fim de cada dia, eis o que o dono e único senhor não tolera, sejam quais forem os motivos ou pretextos alegados contra a sua soberania. Ali está o seu mundo, de algum modo o seu infinito. Não lhe toquem contra a sua vontade, pois todas as energias que nele moram se empenharão no combate extremo, quer para o triunfo quer para o desastre, quer vencendo quer sofrendo e até se sacrificando, morrendo, — mas para ressuscitar.

Tal a tragédia de Ajuricaba e a sua glória. A figura do selvícola se ergue em símbolo supremo. Nela o amante se exalta, o guerreiro se arremessa, o poeta canta. E a história que todos três, em estrofes impetuosas e ardorosas rimas vêm contar se repetirá no suceder das gerações animadas da mesma fé — ou da mesma ilusão.

É a lenda de Ajuricaba, o guerreiro manau:

Aqui, na mata mais sombria e misteriosa do vale em que rolava a linfa tenebrosa do rio largo e negro, há mil anos viviam valorosas nações, que apenas conheciam o altivo destemor, a indômita coragem e a glória de morrer com bravura selvagem. É certo que Tupana, a deusa tonitroante, que o Curupira, das madeiras vigilante, que o pérfido Anhangá, em bicho transformado, e o peludo Caapora, em seu porco montado, enchiam de receio os crânios primitivos desses rudes pagãos, dessas brenhas nativas... Mas, se a hora soava, em que o insulto aviltante,

de sanhudo inimigo, insolente e arrogante, em prélio sem quartel deviam repelir, ou se em luta mortal tinham que garantir, contra conquistador cobigoso e feroz, o domínio da terra herdada dos avós, — a ardidez era tanta, o arremesso tão forte, que faziam recuar, tremendo, a própria morte!

MEMÓRIAS DE UM MASCATE

★
Autobiografia de TANUS JORGE BASTANI

★
F. Briguet & Cia.
Rio de Janeiro
1949

O sr. Jorge Bastani empreendeu larga e meticolosamente as suas memórias. Traçou-as, por assim dizer, desde a infância. E, de algum modo, antes já elas haviam principiado. Há uma forma de prólogo em que o autor evoca os seus irmãos de esforço, operosidade e aventura, disseminados um pouco por toda a América. Ali se encontram reminiscências do ideal comum, e, em certo sentido, invariável, por que labutaram tantos compatriotas ou correligionários, vindos ter às duas Américas. Uma estatística mais ou menos bem distribuída os situaria especialmente na República Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Paraguai, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Brasil, na América do Sul; na do Norte, Haiti, São Domingos, México, Estados Unidos e Canadá. E por toda a parte o "mascate" se adaptou, prosperou, alcançou os seus fins. Nessa regra geral, são tão raras as exceções que não chegam realmente a ser levadas em conta. No Brasil, então, não se conhecem indivíduos desse credo, nacionalidade ou profissão, que falhassem. É proverbial a solidariedade nos negócios, como tudo em mais, de tal categoria de homens, tal espécie de lutadores. Para que, no começo da sua carreira um negociante consiga estabelecer-se, arranjar crédito, freguesia, logo a caminho da fortuna e da riqueza certa, simplesmente lhe basta conhecer outro de tendência ou índole semelhante. E todos têm imensa "sorte". Não há indivíduos falhos como não há indolentes, sem jeito ou transtornados por alguma preocupação capaz de os desviar da estrada, nem sempre, de começo, larga ou livre mas infalivelmente certa, que vai dar ao "sucesso". E os homens de qualquer procedência, que, em tal sentido, fracassem, a culpa será deles, de mais ninguém.

Bem longe ainda de pensar que escreveria um livro, arrostou o sr. Jorge Bastani trabalhos, canseiras, perigos de toda sorte. Andou pelos lugares mais áspers, mais difíceis de lá se chegar. Para alimento do corpo e sustento exemplar do espírito, comeu aquilo a que os franceses chamam "la vache enragée" e nossos avós denominaram o pão que o diabo amassou. Todos os mistérios lhe serviam, quanto que confessáveis; e o próprio instinto, para isso, lhe valia, antes da inteligência e de qualquer saber. Todos os ofícios lhe pareciam bons e proveitosos, ou com eles se conformava, esperando sempre coisa melhor. Por isso mesmo, cedo encontrou por onde se dirigir, para dignamente lá chegar.

Mas o negócio ambulante o atraía para lhe traçar o verdadeiro destino. Mudava de terra, corria mundo, procurando sempre. Andou de região em região, de Estado em Estado — sabe Deus quantas vezes com a tentação de conhecer outros países, ir até ao cabo do mundo... Resistia. Continuava no Brasil, porque, também, mais do que isso, não precisava de descobrir nem aprender. Veio a conhecer tudo o que lhe podia agradar ou lhe convir. E, por fim, ser mascate lhe bastou para vencer na vida e, tanto quanto possível, ser feliz.

RECEBEMOS

★
Revista da Academia Paulista de Letras, nº 46, ano XII, que insere, na íntegra, a conferência de José Carlos de Macedo Soares "Cervantes no Brasil" e traz, além de algumas transcrições, obras póstumas e matéria de redação, trabalhos de Guilherme de Almeida, Alfredo Ellis Junior, Ulisses Paranhos, Afonso de E. Taunay, Alvaro Guerra, Afonso Schmidt, René Thiollier, Francisco Pati e Castro Nery.

A expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci, tese do 4º Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro, por Thomaz Oscar Marcondes de Souza, com parecer do professor Damião Peres refutado pelo autor da tese. São Paulo, 1949.

Revista da Associação dos Ex-alunos do Colégio Militar, nº 1 compreendendo janeiro a março do corrente ano. Rio de Janeiro, 1949.

HOMENS E BICHOS...



Os homens se parecem com os bichos, mas às vezes as aparências enganam. O bem nutrido governador Mangabeira, que lembra um leitão, tem, em política,



a visão de uma águia. O governador Ademar, que a muitos parece um macaco em loja de louças, é escorregadio como uma enguia...



O vice-presidente Nereu, que tem fama de ser esperto como uma raposa, vem se mostrando inábil e teimoso como um peru.



O deputado Valadares, que se deixa passar por um arara, na hora do perigo tem a prudência de um jaboti...



O presidente Dutra, que para todos era mudo como um peixe, assusta hoje muita gente como o mais palrador dos papagaios...



O ex-ditador, que durante o curto espaço de tempo fingia ares de leão, foi pôsto fora do poder como o mais manso dos cordeiros.



A característica da estabilidade da paz internacional nas Américas é, infelizmente, de quando em quando, contrabalançada pela instabilidade da paz interna de algumas nações latino-americanas.

Continente sem os velhos ódios que as vinganças internacionais inspiram, a América se tem inscrito num geral entendimento de paz entre as nações co-irmãs, e somente de longe em longe repontam desinteligências de fronteiras que a diplomacia procura, com êxito, resolver em favor do bem geral e da paz internacional.

O contrário, porém, sucede com a política interna. Processa-se, evidentemente, um ciclo de adaptação político-social entre vários povos deste Continente, e daí a razão de continuados pronunciamentos de caráter político-militar que sacodem os alicerces de suas estruturas e ameaçam até perturbar os próprios vizinhos.

O último desses pronunciamentos ou levantes de quartéis acaba de verificar-se na Guatemala contra o governo do sr. José Arévalo, sendo a vigésima intentona militar que irrompe no país desde que subiu ao poder o atual presidente, em 1944.



Sr. José Arévalo

O movimento tinha como chefes o civil Mário Mendez Montenegro e os coronéis Saturnino Barrera e Jorge Barrios Solares.

Os rebeldes conseguiram a adesão de alguns corpos de tropa inclusive de carros de assalto da Guarda de Honra da Presidência, de onde partiram os cerrados tiroteios contra o Palácio do Governo.

O prestígio do sr. José Arévalo, porém, não foi desmentido e, graças à fidelidade da aviação militar que não ficou com os insurretos, foram vencidos os rebeldes. Outra característica da consolidação do regime de Arévalo foi a afluência em massa de civis que vieram de vários pontos do país e pegaram em armas para defender o governo da ação dos revoltosos.

O movimento revolucionário durou apenas vinte e quatro horas, do que resultaram cerca de trezentas mortes e muitos feridos, constando que os chefes se refugiaram em várias Embaixadas acreditadas no país, terminando a luta com a vitória do poder legal.

Contra o movimento ficaram estudantes, operários, membros dos partidos democráticos, aviação, etc., o que demonstra não contar o movimento com o apoio da nação.

Infelizmente, porém, é prova de que permanece em estado latente essa incompreensão, esse fogo sob cinzas, contra a paz interna das nações latino-americanas, como índice ou sintoma de fraca adaptação às normas democráticas que as urnas garantem a todos os povos que vão eleger pelo voto os seus governos.

a Semana EM REVISTA

NÃO MATARÁS

O sr. Fernando Góis, diretor do Banco da Bahia e figura de grande relevo na sociedade do Salvador, presidindo uma sessão promovida pela Associação Comercial daquele Estado há poucos dias, protestou com veemência contra a onda de crimes que se está verificando no Estado da Bahia. Estendendo-se em considerações de ordem jurídica, diz ele que, até há pouco, os casos de litígios entre os homens eram resolvidos pela intervenção da Justiça, que, amparada no Direito, defendia a vítima contra o agressor, o perseguido contra o perseguidor, de forma que a sociedade pudesse manter-se tranqüila confiada nas nossas tradições de civilidade e cultura. Hoje, porém, assuntos de natureza privada estão sendo objeto de desforço violento, criando ambiente de desassossego, a reclamar das forças morais da sociedade uma natural reação de legítima defesa. Falou o presidente da sessão em seu nome e no da própria Associação Comercial da Bahia, tornando a assembléia sensacional pelo assunto na mesma tratado. Pelo que vemos, na Bahia, a terra do Senhor do Bonfim, onde Cristo nasceu, como diz a poética popular dos nossos trovadores humildes, o direito de punir extra-legal está também aumentando de violência como, aliás sucede no Distrito Federal, onde se mata com a maior facilidade deste mundo. Diariamente registra a imprensa fatos revoltantes de latrocínios, de homicídios bárbaros, assassinando-se pelos motivos mais fúteis. Na semana passada um desses criminosos, ainda muito jovem, declarou à reportagem, ao ser preso, que matou porque teve vontade de matar. Se não fosse aquele, seria qualquer outro! E esse monstro estará solto amanhã, para continuar sua sede de sangue. "Não matarás!". É um mandamento de Deus; mas...

A TAL POBREZA ENVERGONHADA

Instalou-se em Belo Horizonte uma sociedade filantrópica que recebeu o nome de "Sociedade do Apoio Fraternal", destinando-se a ajudar material, moral e espiritualmente todos os indivíduos que, por ventura, tenham perdido sua posição social, sua fortuna material, vítimas desses comuns azares da sorte nestes tempos de bancos fechados e crise de negócios, caindo em dificuldades sem coragem de pedir. O "Apoio Fraternal" vem em socorro dos cidadãos ou cidadãs que sofrem privações pelo fato de terem vergonha de ser pobres. É o que chamam "pobreza envergonhada". É propósito dessa sociedade *sui-generis* visitar pessoas em tais condições, levar-lhes o seu amparo espiritual, material e moral, tudo, porém, com a maior discrição, silenciosamente, sem que os protegidos possam abespinhar-se ou humilhar-se com as visitas providenciais. Essa organização de filantropia surge sob os auspícios dos missionários Filhos do Coração de Maria e decorre em homenagem da data centenária de sua fundação, estando a diretoria constituída de pessoas da mais alta classe social, dentre estas as senhoras do secretário da Educação do Estado de Minas e do prefeito da capital. Não resta dúvida que essa Associação vai ter muito trabalho de agora em diante. Com as constantes falências, concordatas, desastres econômicos e financeiros que há por todo o país e, naturalmente também em Minas, aumentam assustadoramente as vítimas da tal pobreza envergonhada. Um chefe de família que perde o emprego; um operário que é aposentado com vencimentos ridículos, um infeliz no comércio, todos estão na vez de ser socorridos, mesmo aberta e francamente. O que eles querem é dar pão aos filhos, mesmo perdendo a vergonha.

TRISTE E FÚNEBRE MANIA

A semana que findou nos trouxe curiosa notícia procedente da Espanha. Um cidadão da Catalunha, naquele país, deixou que alguém visse um dos seus mais belos tesouros: uma coleção de participação de falecimentos das mais variadas, e que ele vem conservando, aumentando, multiplicando há mais de dez anos. Como não podia deixar de ser, manteve relações epistolares com outras pessoas por esse mundo a fora, estabelecendo intercâmbio de trocas sob bases de verdadeiro câmbio, a fim de que sua coleção fúnebre alcançasse o maior êxito e até prestígio em matéria de coisas deploráveis como é essa história de morte. O sr. Rosado, que é este o nome do colecionador quase macabro, não empalidece diante de sua volumosa correspondência do interior do país e do exterior, mesmo que dentre certas participações haja alguns defuntos com o seu nome. Por mais estranho que pareça, o sr. Rosado já possui nada menos de 40 mil exemplares dessas participações mortuárias e sua tabela de permuta com os seus colegas se baseia em interessante sistema de troca "compensada" das mais eficientes. Assim, a participação do falecimento de um ministro de Estado vale por duas participações de sub-secretários de Estado. Entretanto, as participações fúnebres mais procuradas são as de toureiros célebres, especialmente quando mortos na arena da peleja com os touros que não puderam pegar a unha, as de antigos presidentes de Conselhos e as de cardeais. Pelo que se vê, esse sr. Rosado não tem medo nenhum de receber comunicações de cadáveres... O pior é que seus colegas vão exultar quando receber a dele!

SERVIÇO NACIONAL DE LEPRO

Grande e grave problema é o nosso em torno do mal de Hansen que tomou conta do país, de norte a sul. Minas Gerais, São Paulo, Paraná, etc., se tornaram grandes focos de lepra por falta de recursos técnicos, de leprosários suficientes para atender à população dos doentes. O Distrito Federal é conhecido como sendo terra em que os leprosos andam à solta, viajam em trens, ônibus e bondes, fazem refeições em cafés e restaurantes, não sendo possível evitar essa promiscuidade em virtude da falta de recursos do poder público. É claro que, não somente do Rio como de todos os Estados da Federação, recebe o Ministério da Educação e Saúde pedidos e apelos no sentido de que o Serviço Nacional de Lepra cumpra os seus objetivos, recolhendo a estabelecimentos especializados os atingidos pelo terrível mal, internando em preventórios os suspeitos, assistindo famílias atacadas, de maneira que, dentro de alguns tempos, pudéssemos verificar estarem diminuindo os índices que tanto alarmam a nação. Sem recursos suficientes para atender esses pedidos de socorro, o ministro da Educação acaba de enviar ao presidente da República uma exposição de motivos sobre as imensas dificuldades por que passa o Serviço Nacional de Lepra que está sem poder executar suas múltiplas atribuições, dada a falta de pessoal especializado no campo da leprologia. Desse relatório se verifica haver presentemente nada menos de vinte e dois mil e setenta e cinco morfeitos internados em estabelecimentos do país, sendo urgente o recrutamento de técnicos, e termina o titular daquela pasta dizendo que "se impõe desde já, pelo menos, a admissão de dois com a devida habilitação profissional". Será possível que não haja no país dois leprologos?... Não faltaria um zero nesse número?...

PRECONCEITO NORTE-AMERICANO

Dentre todos os países do mundo foi a América do Norte (Estados Unidos) o que mais aprofundou o preconceito de cor entre as populações brancas, especialmente nos chamados Estados do Sul. O negro nos Estados Unidos sofre toda espécie de restrições, a ponto de os sociólogos preverem a possibilidade futura de uma guerra de raças naquele país, desde que os negros estejam devidamente fortes e organizados. Monteiro Lobato divulgou uma obra nesse sentido, "O choque das raças", cujo centro de pensamentos é justamente o conflito que se vai formando dia a dia entre a população negra dos Estados Unidos e a branca do mesmo país. Os governos norte-americanos têm procurado solucionar o problema de várias formas, porém sem nenhum êxito. Já se lembraram de mandar os pretos para a República da Libéria; já houve até quem indicasse o Brasil para recebê-los... O caminho, porém, não é nem o da emigração em massa, nem o da segregação em territórios fiscalizados pelos brancos. O caminho é o da tolerância, da comunhão, do respeito aos direitos constitucionais, da generosidade humana, do espírito cristão. Ao que parece, alguns Estados da União Norte-Americana estão procurando conjurar os perigos, adotando medidas lógicas, como acaba de suceder em Atlanta. Pela primeira vez nos annais judiciais dos Estados do Sul, a Corte Suprema da Georgia decidiu, a 13 de julho, que os negros poderiam participar do júri, ordenando novos processos no caso de que negros tivessem sido eliminados do Tribunal Popular por motivo de preconceito de cor. Nada mais razoável, pois, como se sabe, a população da Georgia é composta de negros, e eles são da raça humana. Bom exemplo, esse.

CLUBE DE RESERVISTAS

Esteve (ou ainda está) nesta capital, vindo de Santos, o sr. Daniel Figueiredo, nosso confrade de imprensa, com o propósito de organizar no Rio a Delegacia do Clube dos Reservistas do Brasil, sociedade fundada a 7 de agosto de 1947 e instalada a 18 de setembro de 1948 em Santos, onde tem sua sede. Al está uma idéia digna de todos os aplausos e que merece a integral adesão dos reservistas das três categorias e de todas as armas. Um cidadão que deixa a farda ou que, sem jamais tê-la envergado, como sucede com os reservistas da terceira categoria, recebe o seu certificado, passa a uma posição de absoluto desinteresse das coisas atinentes à sua vida militar. Esquece deveres, instruções aprendidas na caserna, até mesmo a atitude que deve guardar diante da execução do Hino Nacional em solenidades oficiais ou em festas comemorativas de nossos episódios históricos. Com o Clube dos Reservistas que atualmente movimentam o seu fundador e vice-presidente, Daniel Figueiredo, cerca de duzentos mil homens se uniram para o bem comum. Esse clube, segundo declarações do mesmo senhor à imprensa diária desta capital, não tem por finalidade apenas o espírito militar, as comemorações de natureza guerreira; seu programa é mesmo mais civil e utilitário do que à primeira vista poderia parecer. Propõe-se o clube estreitar os laços de união e solidariedade entre os reservistas de todo o país, tratar de assistência jurídica, social, médica, odontológica, cultural, hospitalar, enfim, tornar todos os associados pessoas úteis à coletividade, a si mesmas e à Pátria, em todos os sentidos.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 31 — 30-7-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endergo telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-8570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

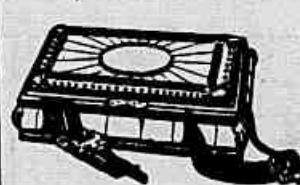
Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Truman pronuncia um discurso em Chicago, no "Soldiers Field", perante cerca de cem mil espectadores e empenha sua palavra em prol da paz e ataca o comunismo. Reynaud depõe no processo do ex-embaixador nazista Otto Abetz, acusando-o. O Partido Trabalhista Americano indicou Vito Marcantonio, deputado desde 1934, como seu candidato a prefeito de Nova York nas eleições de novembro próximo. Forças comunistas chinesas, em marcha acelerada para o sul, ameaçam isolar duzentos mil homens das tropas de Chiang-Kai-Chek. A Câmara Baixa do Parlamento holandês aprovou, por 65 votos contra 7, o Pacto do Atlântico Norte. Bevin e Stafford Cripps afastam-se de seus postos no governo da Inglaterra. Ocupa Attlee as duas pastas britânicas vagas com a retirada de Stafford Cripps e de Bevin. Rebenta na Guatemala a vigésima intentona político-militar desde que assumiu o poder daquele país o sr. José Arévalo. Reúne-se em Washington, secretamente, o Comitê de Energia Atômica. Exerce o governo tcheco represálias em massa contra o clero fiel ao Vaticano. Faleceu em Detroit o jurista norte-americano Frank Murphy, ex-governador de Michigan e secretário da Justiça. Três juizes do Tribunal Superior Eleitoral se manifestaram a favor da continuação legal do PRP. Prossegue com grande êxito o Primeiro Congresso Pan-Americano de Engenharia reunido em Petrópolis. Dá entrevista à imprensa carioca o escritor francês Albert Camus e diz que muito crê na humanidade e nos homens. Denuncia o Vaticano que o movimento religioso da Tchecoslováquia quer suplantir a Igreja Católica naquele país. Declara o "premier" interino do Canadá, Mr. C. D. Howe, que o Canadá pode fabricar a bomba atômica. Zarpou de Southampton o novo transatlântico argentino "Juan Peron", fazendo a viagem inaugural, devendo tocar no Rio de Janeiro. Toma o governo de Cantão providências para evacuar a cidade, já ameaçada pelo avanço dos exércitos comunistas. Descobre-se em Miami um plano de aviadores norte-americanos para jogar duas bombas de 500 libras sobre Trujillo em represália pela morte de três colegas mortos na recente intentona contra aquele governo. Vassil Kolarov é eleito para o lugar deixado por Dimitrov no cargo de primeiro ministro da Bulgária. Declara o general Marshall que o Pacto do Atlântico Norte melhorará as perspectivas de paz mundial. Estudam autoridades da Alemanha Ocidental e do Brasil um tratado de comércio entre os dois povos. É sufocado o movimento militar que pretendia derrubar o governo da Guatemala, tendo durado vinte e quatro horas, calculando em 300 o número de mortos. Índios de Tucuruí assaltam aquela cidade paraense. Jules Rimet fala sobre o campeonato mundial de futebol a realizar-se em 1950 no Brasil, achando que a Itália é o país mais credenciado ao título que já possui. Chega ao Rio o primeiro embaixador da Etiópia. Ratifica o Senado dos Estados Unidos o Pacto do Atlântico Norte pela contagem de 82 votos a favor e 13 contra. Truman tranquiliza o povo norte-americano sobre as conversações secretas em relação à energia atômica. Vem ao Rio fazer conferências econômicas Mr. Boris M. Stanfield, professor da Universidade de Columbia. Chega a Budapeste o poeta chileno Pablo Neruda. Declaram funcionários do governo mexicano que haveria uma revolução nas ruas do país se o México aceitasse as condições norte-americanas para um empréstimo de cem milhões de dólares para desenvolvimento da indústria petrolífera naquele país. Pede a promotoria pública de Paris a pena de vinte anos de prisão para Otto Abetz, ex-embaixador da Alemanha na França. Vai ser concedido um novo empréstimo de dezessete milhões de dólares à Usina Siderúrgica de Volta Redonda pelo Export-Import Bank dos Estados Unidos. Apresenta o Vaticano suas condições mínimas para entrar em acordo com o governo tcheco em relação ao dissídio religioso reinante naquele país. Doze exércitos comunistas estão em ação na China, dirigindo-se oito para o sul e quatro para o centro. Partiu para Formosa Chiang-Kai-Chek. Explodiu o arsenal de Kwantung, pertencente ao exército de Chiang-Kai-Chek. Aprova a Câmara dos Comuns o projeto de nacionalização das indústrias do ferro e do aço, as mais importantes da Inglaterra. A companhia de automóveis da Itália "Cisitalia" vai transferir sua fábrica para a Argentina. Vão pôr fim à greve dos portuários de Londres. Deseja o sr. Azevedo Lima ocupar no Senado o lugar vago pela cassação do mandato de Carlos Prestes. Retoma a Câmara dos Deputados do Rio o debate sobre a questão do petróleo. Denuncia um deputado argentino da oposição que estão chegando ao país técnicos aeronáuticos nazistas a serviço do governo Peron. O Partido Conservador de Winston Churchill descobriu sua plataforma eleitoral para 1950 e que tem por fim deter o socialismo na Inglaterra e o comunismo no mundo. Termina a greve dos portuários ingleses e são presos e deportados dois marítimos norte-americanos acusados de comunistas e instigadores do movimento. Debates na França sobre o Pacto do Atlântico. Baixa a temperatura a um grau negativo em Buenos Aires. É adiada a apresentação de ajuda militar à Europa pelo Congresso americano. Decide-se o governo britânico a defender Hong-Kong em face do avanço dos exércitos comunistas para o sul da China. Fugindo de sua pátria para a zona norte-americana da Alemanha, o chanceler tcheco Smutny diz suspeitar que Masarik foi assassinado. Apertam os comunistas o cerco à cidade de Chankcha. Henry Wallace ataca o projetado auxílio militar dos Estados Unidos às nações da Europa. Critica o cardeal Spellman a viúva de Roosevelt por motivo de auxílios religiosos do país a escolas católicas. Registram-se movimentos sísmicos no arquipélago das Canárias. Reúnem-se, mais uma vez, os líderes da UDN, PR e PSD para consertar os meios de enfrentar a luta sucessória à Presidência da República. Estuda a Inglaterra meios para auxiliar os países árabes. É condenado Otto Abetz a vinte anos de prisão com trabalhos forçados. Desmente-se que Tito esteja planejando a sua fuga para o México e é registrado pelo Tribunal de Contas da República o crédito de um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros para aplicar ao Plano Salte. Inaugura-se em Araxá a conferência das classes conservadoras do Brasil. Recusa-se o senador José a conferência das classes conservadoras com próceres de seu próprio partido para tratar da política da sucessão presidencial. Chegam ao Rio russos brancos fugidos de Xangai. As enchentes da China causaram a morte de vinte mil pessoas e desabrigaram dois milhões. Continua a causar desinteligências entre o operariado o aumento de preço das refeições do SAPS no Distrito Federal. É criticado o prefeito do Rio por ter isentado a Light do imposto de selo hospitalar. Inaugura-se na Bahia o Congresso dos Estudantes do Brasil, sendo denunciada a presença de agitadores da polícia carioca.

PRESENTES de fino gosto



Tudo o que há de mais encantador para presentear a mulher. Tudo que há de mais distinto para ofertar ao homem. Os mais lindos objetos para embelezar a residência. Um mundo de bom gosto em prata, cristal, marfim, porcelana, couro, etc.



Uma sugestão para cada presente.



Castro Araujo

OUIDOR 168

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Antes de usar "AMARALINA" leia a bula com atenção. Pedidos pelo reembolso postal Cr\$ 45,00 o vidro. Distribuidores: - M. M. Burla & Cia. Ltda. - Av. Rio Branco, 137 - sala 616 - Rio de Janeiro.

Então use "AMARALINA" quando os seus cabelos comecem a cair, afim de que não fique na contingência de fazer aplicações por longo tempo quando eles já tiverem caído. "AMARALINA" certeza absoluta de que seus cabelos tornarão a nascer.



Antes de usar "AMARALINA" leia a bula com atenção. Pedidos pelo reembolso postal Cr\$ 45,00 o vidro. Distribuidores: - M. M. Burla & Cia. Ltda. - Av. Rio Branco, 137 - sala 616 - Rio de Janeiro.

VIVER COM AMOR

CAPÍTULO III

Depois das conversas quase confidenciais que ela mantivera com Clive, ficara conhecendo que aquele homem tinha uma formação filosófica próxima do cinismo.

Carol começou então a rememorar seus encontros com Bill Sturtevant, quando ambos ainda eram jovens e cheios de ilusões. Via-se, naquele passado já algo distante, uma moçoila metida em seu vestido novo, feito por sua própria mão para uma festa na pequenina cidade onde morava.

De Nova York viera uma orquestra, despertando entusiasmo no colégio. Ela muito dançou com Bill e dessa amizade colegial resultou um amor mais profundo, até ao casamento.

Seu pensamento continuou no ritmo da trajetória e ela se viu em plena lua de mel no Atlantic City. Via-se ao lado de seu esposo a passear por Boardwalk, olhando as vitrinas das joalherias, unidos para sempre.

Nos primeiros anos, antes de sua mãe falecer, ela fora feliz ao lado de Bill e seu casamento parecia uma lua de mel infundável. Não tinham muito dinheiro, mas sabiam enfrentar a vida com serenidade, fazendo amigos, felizes no afeto daquele amor.

Com o andar dos anos a situação foi melhorando e Bill passava a ganhar mais, a dispor de economias, comprando seu carro, todos a gozar saúde. Todos os planos para sua vida iam em triunfos e eles dois achavam a vida uma delícia.

Carol estava ao lado de Clive e ele como que penetrava no íntimo de seus pensamentos para adivinhar o que estava ela a lembrar.

— Você está hoje muito mais bela e atraente do que era ao casar-se, Carol. E continua a sentir a falta do casamento, não? Lembre-se desta verdade: está hoje muito mais atraída do que quando casou com Bill.

Mudando de tom, o engenheiro falou:

— Expedi pelo rádio uma mensagem a uma jovem em Nova York. Ela é meiga, modesta, gentil, e por cinco anos tenho estado a pretendê-la a mão de esposa. Contudo, muitas vezes penso que ela não é nem meiga, nem modesta, nem gentil, mas portadora de uma educação inconveniente. Quer esperar por mim, Carol?

A divorciada sorriu maliciosamente e respondeu com uma pontinha de ironia:

— Não por cinco anos.

Ambos riram gostosamente e ele a cumprimentou e saiu pelo deck deixando-a a sós com seu passado.

Carol lembrava a sala de biblioteca do lar paterno de seu esposo onde se criaram e educaram três filhos, aquela mesma biblioteca onde todos eles desembrulhavam os seus presentes de Natal, na qual, depois, se ouvia a voz grave e solene do advogado da família lendo testamentos de última vontade.

Durante aquela leitura ninguém ousava pronunciar uma palavra e todos estavam admirados de como aquele homem que era o pai de Bill chegara a obter tanto recurso, podendo deixar tanto dinheiro para os herdeiros.

Carol revia aquele episódio do seu passado e se alegrava com os progressos materiais e sociais do esposo

que passara então a ocupar lugar de destaque na sociedade local, reputado e importante.

Carol estava, porém, desejando que Clive voltasse para sua companhia naquele isolamento sobre os mares. Ela sentia falta de um companheiro com quem conversar, divertir e amar.

Ela tinha certeza de que fora uma esposa ideal e consciente de seus deveres. Por sua vez Bill se demonstrava um esposo correto, meigo, gentil. Todas as vezes que ele ia a Nova York em viagem de negócios, era Carol quem arrumava sua valise e o acompanhava até a estação. Ao regressar ao lar, lá estava ela ansiosa, esperando-o na plataforma.

Nos últimos anos os trabalhos do esposo muito aumentaram, o que forçava Carol a auxiliar o marido até de noite. Quando chegava dessas viagens ela lhe perguntava, alegre, confiada no êxito do marido: "Boa viagem?", ao que ele, invariavelmente, respondia: "Oh! ótima!". E depois: "Como estão todos aqui?".

Mas desde aquela noite de novembro ele se transformou numa pessoa que ela não mais pôde reconhecer. Estava completamente mudado. Já não era o mesmo Bill.

CAPÍTULO IV

Frete a frete

Bill e Carol haviam acabado de jantar em casa e se sentaram na

isso se seguiu reconheceu ela que tudo aquilo não passava de razões fúteis, sem que ela o houvesse podido compreender e alcançar o seu fim perante Bill. Falou-lhe em dinheiro, na casa, e quando sua cabeça estava como que estalando com essas considerações do esposo, como se dentro dela estivesse a gerar-se um vulcão, Carol, em grande desespero e excitação, pôs-se a caminho, deixou o lar como cega, atordoada fora de casa.

Por sua vez Bill também não dormia em casa naquela noite, mas no dia seguinte, ainda cedo, ele voltou para saber qual a resposta da esposa.

Muito sofrera espiritual e mentalmente Carol diante de tudo aquilo. Mas já não havia mais nada a fazer e o jeito seria ir ao fim. De que lhes serviam palavras e palavras? Bill dava a impressão de que estava cruelmente torturado intimamente. E teve ânimo de confessar-lhe:

— Muito sinto, Carol. Daria tudo neste mundo para não vê-la sofrer como sucede agora.

Carol estava, em verdade, trespassada. Chorara às ocultas; mas não podia dar mais jeito nenhum para a volta à felicidade anterior, parecendo-lhe mesmo que os olhos dele denunciavam ódio e não amor. Tudo isso sucedia e as coisas permaneciam inanimadas enquanto Rosie continuava a trabalhar lá na cozinha.

Dentro em breve a notícia dessa separação correu os quatro cantos

no, ele já não ligava mais a nada no final daquele cruzeiro turístico, nem mesmo ao riso de uma mulher. Para ele tudo já estava findo. Para Carol, entretanto, todos eles eram humanos e se pareciam como crianças antes de findar uma festança quando os cremes e os doces são devorados.

Já não havia mais sinal de vida no navio, quando o engenheiro seguiu Carol ao deck inferior até a porta do seu camarote. Aquêl ambiente de risos e tilintar de copos entre sorrisos e palestras amáveis estava findo e o navio voltara ao mais completo silêncio.

Antes de meter a chave na porta e abrir, Carol voltou-se para ele. Clive rapidamente — tão rapidamente que fora impossível evitar seu gesto — beijou-a apaixonadamente. Antes que ela se refizesse da surpresa, ele lhe falou:

— Você tem vivido com amor. Poderia viver agora sem isso?

Carol nada lhe respondeu. Tinha as faces em fogo. Entrou na cabine sem pensar em Clive, mas sim no que ele lhe havia dito.

Quando Carol desceu da prancha usando aquele vestido verde protegido por uma jaqueta de castor, tendo à cabeça um chapéu de feltro marron, segurava ela numa das mãos um telegrama que lhe dirigira Freda Kelly comunicando-lhe que estaria em Clinton para encontrá-la quando Carol ali chegasse. Freda era a mesma amiga leal, impulsiva e dedicada que não desejava ver Carol voltar sozinho para sua casa.

Agora os empregados de bordo tratavam de desembaraçar as bagagens dos passageiros e viu Carol que o mesmo funcionário que recebera as valises, embrulhos e pacotes a bordo na ocasião da partida, era o mesmo frenético, nervoso, que agora tratava de retirá-las de bordo para a terra. As cenas de alegrias e expansões se repetiram, vozes graves e gritantes, brados de boas-vindas e o fatal verificar de tudo em obediência à lei.

Enquanto o inspetor da alfândega ia despachando a bagagem de Carol, correu-lhe ao encontro com as mãos estendidas o seu amigo Mr. Weger, com aquele ar de felicidade.

— Bem... bem... Suponho que isto agora é um adeus, Carol. Quanta coisa boa veio e lá se foi, hein? Muito desejava vê-la por mais tempo, privar de sua companhia. Agora, porém, tenho apenas que fazer votos por sua felicidade e que seja sempre uma boa moça!

— Farei o possível.

— Minhas filhas vieram esperarme. E já sei o que vão dizendo logo que me encontrarem: paizinho! Que trouxe de bonito para a gente?... Oh! vocês todas, minhas mocinhas, vocês todas são iguais!

Carol não conteve o riso em face daquela expansão paternal e afetuosas e pensou: "Como está pateta o velhote! Como ele precisa do amor de uma jovem! Isso lhe faz muito mais bem do que todo o seu dinheiro!". Voltando-se para ele, disse:

— O senhor é muito amoroso.

— Bem; não precisamos dizer adeus — continuou ele meio tímido. E quem sabe lá, Miss Carol? Qualquer dia desses eu posso estourar lá por Clinton e a ver se novamente.

Sua voz até dava a entender que de se ela ia insinuar-se perante ela, como se fosse algum pretendente...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no porto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, ir juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar.

sala de estar para tomar o café. Alguém telefonava e o rádio funcionava suavemente. Ela se sentara a ouvir o programa como de costume, enquanto ele se refestelara na cadeira favorita, estirando os pés sobre o soalho polido.

Depois de atender o telefone, Bill lançou um olhar pela sala e, dirigindo-se a Carol, falou-lhe com voz serena:

— Preciso falar-lhe sobre um assunto importante, Carol. Pergo-lhe que me conceda divórcio.

Levantou-se e começou a andar em volta da sala.

Ela o ouviu em silêncio e começou a acompanhá-lo com o olhar naquele movimento de vai-e-vem pela sala, com o rosto alterado, denunciando íntima preocupação, olhos com estranho brilho, reflexo do seu espírito atormentado repleto de mágoa.

Que havia nessa atitude de Bill? E que ele estava decidido a contrair nupcias com uma jovem a quem encontrara em Nova York, Evelyn Thayne e estava agitado. Jamais dera desgostos profundos a Carol e, em face dessa situação, não queria feri-la nem humilhá-la.

Tal era a impressão de dor moral de Bill que Carol, tempos depois, ainda pensava se não sofrera ele mais do que ela naquela noite. Durante os encontros de idênticas que a

da cidade. Todo mundo veio a saber como se um mágico anunciante houvesse visitado o dono do armazem, a lavadeira, a manicure, transmitindo-lhe a novidade. O mesmo sucedia nas reuniões íntimas das mesas de bridge, no country club, nos bares e nos cafés. E uns perguntavam aos outros:

— Já soube da novidade entre Carol e Bill Sturtevant? Não é incrível? E eu que os julgava tão felizes! Dizem que...". E lá recomendavam os boatos. De todas as bocas partiam histórias às vezes ridículas, proporcionando piedade, lamentação, censuras, mágoas e desdém...

Quando Carol passeava pelo convés do navio e avistou Clive, este se apressou a vir cumprimentá-la. Era já noite e fazia lindo tempo primaveril.

— Acho bom irmos dançar, querida. É esta a sua última noite.

A voz de Clive continha qualquer coisa de agradável, de louco, embora contrastasse com o ambiente primaveril e os seus olhos muito vivos.

Carol não se perturbou e lhe respondeu na mesma moeda.

— E também sua última noite.

— Bem, isto é mais uma aventura em relação a você do que a mim.

No salão, Mr. Weger, o velhote já conhecido de Carol, estava sozinho a uma das mesinhas. Mídas moder-

Carol lhe correspondeu a delicadeza com uma resposta amável:

— Oh! Dar-me-ia muito prazer!

— Bem, então seja sempre uma boa menina e não faça nada que eu não desejaria que fizesse!

Engolfada com os serviços de inspeção de sua bagagem e notando mesmo que o oficial alfandegário era mesmo muito condescendente e humano, não notou Carol que Clive estava por detrás dela a apreciar com um ar sardônico toda a palestra entre Carol e Weger. Logo que terminara aquele prólogo de romance meio esquisito, Clive lhe dirigiu a palavra a sorrir:

— Tudo em ordem?

O engenheiro sorria e a fitava com olhos meio gaiatos como se quisesse fazê-la recordar o seu beijo da noite anterior e as palavras que lhe dirigira no instante em que entrava para seu beliche. Não perdendo tempo, ele prosseguiu com voz firme:

— Você não almoçou. Procurei vê-la à sua mesa, naquele lugar do costume, e não a vi. Vejo que não quis almoçar. Além disso está a dever-me um jantar... Vou conferir nossa bagagem.

Carol ficou indecisa; mas ele cortou seus pensamentos dizendo-lhe decididamente:

— Não estou perguntando se vou tomar conta de sua bagagem, querida, e sim dizendo que vou cuidar da mesma. Sou perito nesse assunto. Deixe tudo a meu cargo.

Pondo em execução seus oferecimentos, Clive foi tratar de tudo enquanto Carol ficava a matutar como era que estava sob a proteção e a amizade de Clive, um estranho, e não da de Bill, a quem continuava a querer tanto! Só a ele sabia dizer as coisas, somente com ele estava habituada a trocar idéias, concordando ou não. Só se sentiria feliz se o visse ao seu lado, pois era a ele que pertencia...

Nesse interim o engenheiro voltou.

A mão de Clive lhe segurou o braço e a conduziu a um taxi, com toda a gentileza e cortesia. Intimamente Carol perguntava a si mesma: "mas que diabo fiz eu para ficar assim à mercê deste homem?"

Clive conduziu-a a um lugar sossegado, pequeno restaurante que não se recomendava tanto pelos seus pratos como pelos entretenimentos. Pediu coquetéis e cigarros. Já instalados em confortáveis cadeiras, perguntou-lhe Clive:

— Por que não teve filhos, Carol?

— Tínhamos projetado isso justamente para aquele ano — respondeu ela meio abstrata. Como se não desejasse seguir tal rumo, obtemperou: — Mas... será que precisamos falar nisso agora?

— Sim, precisamos. Precisamos falar a seu respeito. Desejo falar a seu respeito enquanto a vejo diante de mim. Ainda ninguém lhe disse as coisas que eu vou dizer-lhe. Nem mesmo o seu esposo. E' que você, Carol, é a mulher mais pura que já pode ter visto um homem. Interessá-la-la dispor de um emprego que lhe proporcionasse sua própria subsistência?

— Não — respondeu ela firmemente. Já havia Carol pensado nisso, mas também reconhecia que não estava preparada para desempenhar qualquer colocação em tais condições. E explicou:

— Toda a minha experiência é a de ser esposa, dona de casa, senhora e dirigente dos serviços domésticos. Para que tomar um lugar que pode ser ocupado por uma senhorita que disso precise e para o qual esteja preparada?

Olhou para as taças que o garçon havia colocado diante deles e sorriu. E terminou:

— Tenho dinheiro e tempo, duas coisas que nem todos possuem.

— Vejo cada vez mais que você é admirável. Vejo ainda que você é capaz de criar-me todos os embarços e evasivas inconvenientes que estão ameaçando o meu caminho em torno de sua pessoa.

Clive sorriu com um ar de grande jovialidade. E continuou:



RIGONI COM ESPANTOSO
Nunca mais montarei cavalo
do Buarque



RIGONI, A SENSACÃO DO TURFE

JÓQUEI MILIONÁRIO

Report. de HÉLIO FERNANDES

Este é Luis Rigoni, o mais famoso jóquei brasileiro da atualidade. Veio do Paraná há 5 anos, perfeitamente desconhecido, e hoje seu nome já atravessou vales e montes, serras e cordilheiras, projetando-se, com a força das grandes correntes, em todos os centros turfistas do continente, tendo inclusive recebido convite para atuar em um grande hipódromo europeu.

Forma com Ulhoa, o extraordinário Leguizamo e o famoso negro Acosta, o "four" de ases do turfe sul-americano. Qualquer deles brilharia em Epsom, Longchamp, Ascot, Newmarket, ou em qualquer lugar em que existissem dois cavalos e uma pista de corridas.

23 anos, solteiro, 5 anos de atividade turfista no Rio, 367 carreiras ganhas, uma conta de banco tão alta que chega a espantar, um belo "Pontiac" 48, um enorme apartamento em Botafogo, 1,62 de altura, 56 quilos (ah, o tormento da balança!), simpático, elegante, educado e de boas maneiras, eis Luis Rigoni sinteticamente apresentado.

Campeão da estatística em 48, líder absoluto em 49 (83 vitórias em 6 meses, 4 milhões e 600 mil cruzeiros de prêmios ganhos), é a sensação do turfe e o ídolo absoluto de milhares de turfistas.

Hoje, quase que não se joga mais cavalo. Joga-se Rigoni. Muito entendido e a totalidade dos leigos fazem Rigoni invertido em 2, em 3 e "no duro". E como acertam!

Como todo sujeito que atinge uma posição excepcional dentro da sua atividade, Rigoni tem muitos inimigos. Estes dizem que ele é "fominha", que não paga um café para ninguém, e citam até como exemplo o que aconteceu há mais ou menos 3 meses em S. Paulo: Rigoni havia ganho uma bela carreira com Saravan e seus amigos prepararam um banquete para homenageá-lo. Ele, a princípio, aceitou. Mas quando soube que a festa seria às 10 horas da noite e que teria que pernoitar em S. Paulo, perdendo assim a manhã seguinte na Gávea, recusou terminantemente. Pediram. Insistiram. Argumentaram. Mas não houve jeito de fazê-lo comer o banquete. Foi tranquilamente para o aeroporto e veio para o Rio. E no dia seguinte lá estava ele na Gávea "trabalhando" cavalo.

Dizem também que implora montaria. Mas a verdade é que é sempre o primeiro a chegar e o último a sair da raia todas as manhãs. Trabalha uma média de 10 cavalos por dia. Isso, aliado à sua condição de grande jóquei e de líder disparado da estatística, fazem-no disputado por tudo quanto é proprietário ou treinador que se preze. Daí a má vontade de alguns.

Mas tem grandes amigos. Ulhoa, Domingos Ferreira, Mesquita e os componentes do chamado "sindicato paranaense": Salomão Ferreira, Omário e Otilio Reichel, Olívio Macedo e Adão Coelho Ribas.

Assim é Rigoni, garoto ingênuo e tímido fora de carreira. Mas na raia completamente diferente. Em cima de um parreheiro, numa chegada, é um espetáculo. Parece um leão, ou melhor, parece um tanque de guerra arrasando tudo e todos.

Este é Rigoni, que diz confiante ao repórter: "Já disputei três vezes o Grande Prêmio Brasil e ainda não consegui ganhá-lo. Mas desta vez monto Saravan, que é uma "barbada". Em raia seca não perde para ninguém. E na pesada ganha de todos, incluindo, naturalmente, Heliaco..."



"Há três anos venho perseguindo o Grande Prêmio Brasil. Mas este ano monto uma "barbada" e não posso perdê-lo. Quero ver qual é o valente que vai ganhar de Saravan. Na raia seca ele é quase invencível e na pesada ninguém o supera."



Este quadro poderia chamar-se evocação. Evocação de um passado não muito distante, mas que encerra um fato lembrado com carinho. A primeira vitória na Gávea, logo na estréia, montando "Que Lindo!", aos cuidados do velho Gusso

JOQUEI... (continuação)

— "Como é que eu pensei em ser jóquei?". Rigoni se espanta um pouco com a pergunta, dá uma gargalhada, fica sério subitamente como que mergulhando a fundo no passado e depois responde:

— "Eu acho que no duro não pensei em ser jóquei. Fui empurrado. O que eu queria mesmo era ser marinheiro. Desde os 5 ou 6 anos de idade que o mar me fascinava. Adorava esse mar que eu não conhecia, que nunca tinha visto, a não ser em fotografias de jornais e revistas. Mas sonhava em ser marinheiro, em correr mundo. Quando completei 8 anos, ganhei uma roupa de marinheiro e quase enlouqueci de satisfação. Queria vesti-la de manhã e até dormir com ela. E quase fui desligado do colégio porque teimei em aparecer diferente dos outros meninos. Só pensava nisso. Li mais de 100 vezes a história de "Sindbad, o marujo" e briguei por causa de Robinson Crusoe."

"Mas um dia tudo acabou. Meu pai mudou-se para a capital do Estado, virou grande turfista, comprou cavalos de corridas, e eis-me aos 12 anos, pela primeira vez em cima de um "punga". Gostei do negócio, abandonei a idéia de ser marinheiro, que já andava meio adormecida, e entreguei-me de corpo e alma à nova paixão. Foi assim que eu me fiz jóquei."

Rigoni caminha pelo apartamento, entra num quarto, desaparece um pouco e volta com um quadro na mão. — "Eis aqui minha primeira vitória. Foi lá mesmo no Paraná, montando Namorada, uma éguinha valente e combativa. Tinha então 15 anos de idade e me entusiasmei todo. Continuei montando, continuei ganhando, e dentro de 3 anos atingia as 50 vitórias necessárias à promoção."

"Eis-me finalmente jóquei, dois meses antes de completar 18 anos, e julgando-me já o dono do mundo. A única coisa que eu queria era vir para o Rio. Devorava as notícias da Gávea e já admirava Ulloa, Gonzalez, Domingos Ferreira e outros. Mas meu pai não queria, achava que era melhor eu esperar um pouco mais."

Finalmente embarquei. Fiquei deslumbrado com a Gávea. Era natural para quem estava acostumado com o pradozinho modesto de Guabirubá.

O velho Gusso me apresentou ao pessoal, regularizei meus documentos e estreiei. Foi um sábado. Estava nervoso, meio "bobo" na fita, assustado com tanta gente. Entrei descolocado. No páreo seguinte montei novamente e cheguei em último. Mas não fiquei desesperado. Afinal, todos os grandes jóqueis quando estrearam não conseguiram mais do que isso.

"No dia seguinte, lembro-me bem, chovia desesperadamente. Fui novamente para a raia. Montava "Que Lindo", de propriedade do velho Gusso e consegui ganhar espetacularmente. Acompanhei o páreo e na retã quando ninguém esperava mais nada, estourei em cima deles que foi uma beleza. Ganhei de passagem, pagando a ponta 139 cruzeiros."

Estávamos em 44. Consegui ganhar 27 vezes nesse ano. Para quem começava não foi nada mau.

"Terminei o ano de 45 com quase 50 vitórias e entrei decididamente em 46. Aí as montarias já choviam, estava ganhando bastante, e comprei o primeiro carro. Foi uma "Fiat pulga" logo seguida por um Ford 37, e finalmente por um carro novo: um Oldsmobile 46."

"Nesse ano ganhei 72 vezes e fui o quarto colocado na estatística. Já estava calejado, experimentado, e já não me emocionava mais. Pelo menos eu pensava assim. Mas me enganava redondamente, pois a grande sensação de minha vida turfista, ainda estava por vir, e viria mesmo nesse começo de 47."

— Garbosa? — perguntamos.

— "Sim, Garbosa".

Parece que à simples evocação do nome da "lourinha", a voz de Rigoni se amacia, ele se enche todo de ternura. Nota-se que tem saudade da égua, das suas vitórias. Faz-se um silêncio de alguns segundos, mas finalmente Rigoni volta a falar:

— "Não montarei mais a Garbosa. Houve um incidente com o dr. Buarque, e seus cavalos terão outro piloto. Mas, juro que tenho saudade da éguinha. As melhores recordações, as grandes sensações da minha vida de jóquei devo à valente filha de Tintoretto."

"Lembra-se daquela tarde em que ela perdeu para Heliaco? Confesso que naquele dia eu chorei. Dez vitórias, nenhuma derrota, era a campanha da égua. Vinha gente de tudo quanto era lado para vê-la. A gávea era realmente um espetáculo. De ponta ou correndo de traz, era quase invencível. E foi realmente invencível, até o dia que encontrou o Heliaco pela frente. Nesse dia caiu. Mas caiu lutando. Sem desmerecer em nenhum momento. E perdeu para um cavalo também invicto e que era realmente uma máquina. Já perdi muita carreira que desejava ter ganho. Já perdi muitas vezes no olho mecânico, algumas até quando já estava com o páreo ganho. Mas se há uma derrota que eu desejaria ter transformado em vitória foi a desse dia. Dei tudo na entrada da reta. E quando chegamos às especiais, eu vi que não era mais possível ganhar. Heliaco trazia sobras, vinha braceando à vontade, quase com o Ulloa fazendo posição."

"Parece que a "Lourinha" se abateu com aquela derrota e passou um largo tempo sem vencer. Foi descansar no Haras, mas não adiantou nada. Voltou, e tornou a perder mais três vezes. Diziam que ela estava decadente, que não dava mais nada, e criticaram até o dr. Buarque quando ele alistou-a no Grande Prêmio São Paulo de 1948 em parceria com o Handam."

(Cont. na pág. 52)



Quando a mamãe não está em casa, é o próprio Rigoni quem se encarrega da refeição. Dois ovos resolvem tudo



Depois uma xícara de café com leite, umas frutas, e está liquidado o assunto. Qualquer excesso e a balança grita logo



A música é uma companheira inseparável. O orçamento de Rigoni consigna uma verba elevada para a compra de discos



23 anos. Solteiro. Simpático. Uma conta grande no banco. Um automóvel. Não é de admirar que o telefone não pare...



A correspondência tem também um capítulo especial. Todas as manhãs o porteiro do edifício lhe entrega muitas cartas



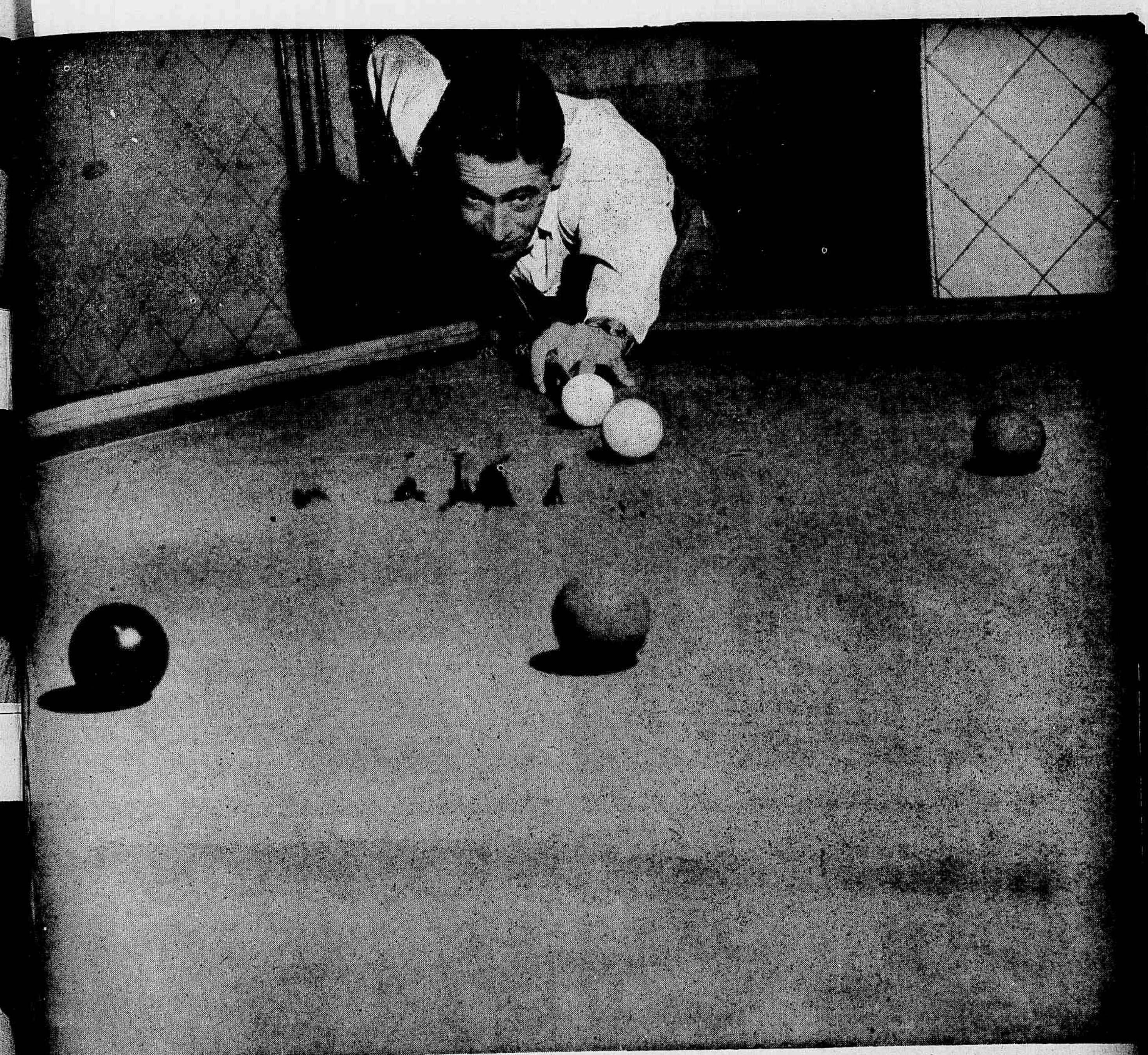
9 horas. Depois do trabalho matinal, Rigoni se dirige invariavelmente para a praia. Copacabana, naturalmente



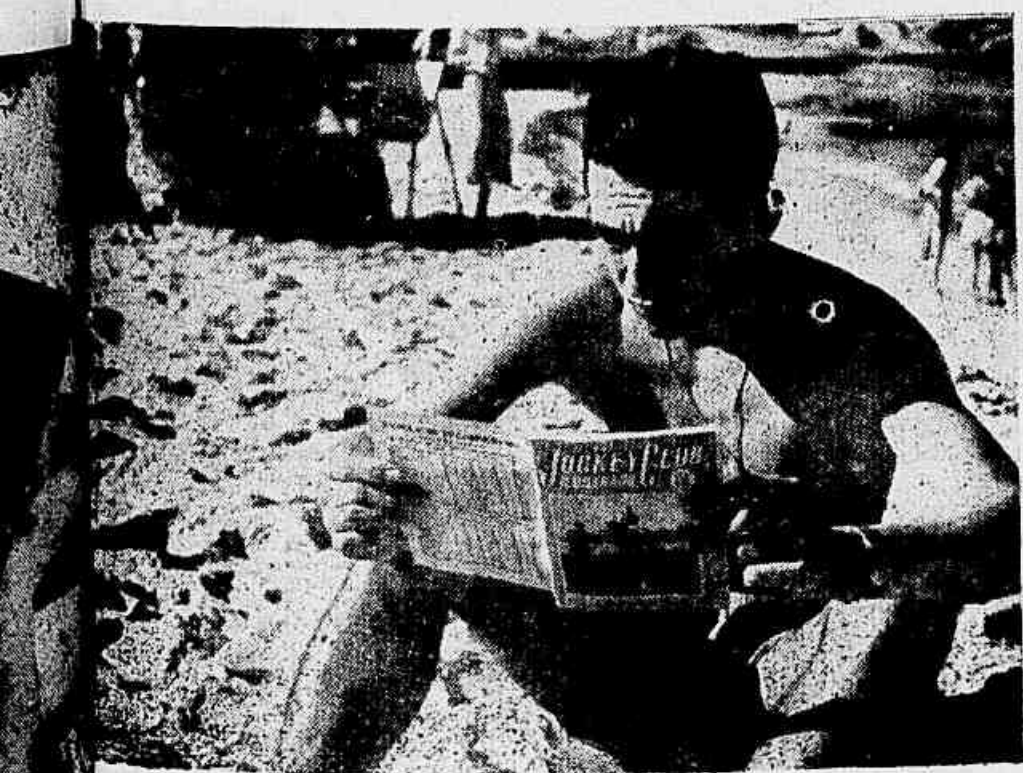
Morando na rua S. Clemente, ele muda a roupa no próprio carro. Basta uma camisa esportiva e uma calça qualquer



Enquanto se entrega ao banho de sol, vai lendo uma revista especializada, tentando descobrir os ganhadores próximos



Nas vésperas de corridas, Rigoni procura esquecer-se de tudo que se relacione com cavalos, "barbadas" e chegadas. Faz longos passeios de automóvel, vai a duas e até três sessões de cinema por dia, procura de qualquer maneira passar o tempo. E passa também em algumas horas na snooker. Suas partidas com Domingos Ferreira são memoráveis.



"Não jogo um tostão", diz Rigoni. "Apenas, vez por outra, arrisco nas minhas montarias invertidas, isso raramente".



Após uma corrida violenta na praia, debaixo do sol quente, a balança não deixará de acusar a perda de mais um quilo.



Finalmente o descanso depois da série de exercícios. Um mergulho final, a carícia das ondas e a volta para casa.



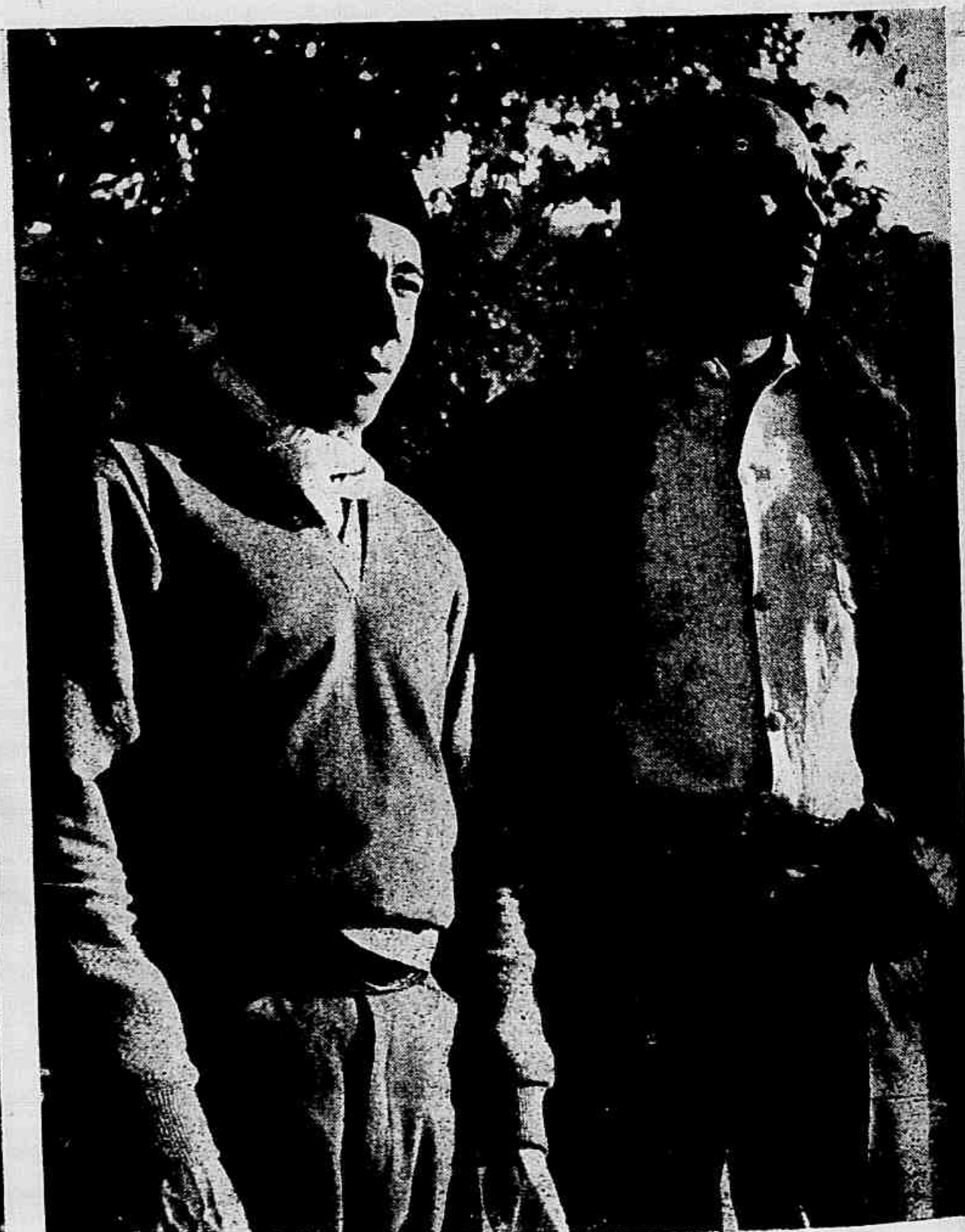
5 horas da manhã, ainda com sono e bocejando, eis Rigoni se vestindo para o trabalho diário. E' sempre o primeiro que chega na raia e o último que sai. Haja montarias



Quatro, cinco, dez vèzes ele consulta a balança. Não pode almoçar um pouquinho mais, não pode aceitar um doce gentilmente oferecido que a balança reclama em altos brados



Os tempos são rigorosamente cronometrados e conferidos. Rigoni não aceita montaria que não tenha pelo menos 60% de probabilidade. E só monta animal trabalhado por ele



Rigoni e Rubens Soares, duas glórias do esporte brasileiro. Rubens, o maior pugilista que tivemos em todos os tempos, é hoje furioso turfista, possuindo muitos cavalos de corrida

A HORA DO DESCANSO
Estabelecerei êste ano um
"record" difícil de ser igualado:
140 vitórias





O HOMEM QUE VENDEU SUA ALMA

E NTREI em meu lar melancolicamente. Virgínia que, fazia poucos dias, completara dezessete anos estava pondo a mesa ao compasso de um disco de Tommy Dorsey, intercalando de quando em quando largos passos de dança. Meu filho, com seus doze anos no costado, recostara-se ao sofá, onde lia com atenção um diário desportivo. Apenas consegui do mesmo uma ligeira saudação de distraído, mas Virgínia me deu as boas vindas com um beijo.

— Mamãe comprou o meu novo vestido! É cinza e super-maravilhoso!

— Um vestido novo? — perguntei de mim para comigo. — Depois é que me lembrei de que havia autorizado essa compra, um vestido novo para Virgínia que ia estreá-lo numa festa, cujo pivot era o sobrinho do meu chefe, Luís Heldon.

Com um sabor de amargura na boca perguntei a mim mesma se o desgosto com o meu chefe, esse intolerável velho Ernesto Heldon, não iria prejudicar o idílio dos jovens.

Com certo aborrecimento fui à cozinha procurar Olga. Fiz-lhe umas carícias e beijei-a. Mas Olga procurou afastar-se de mim e perguntou-me com voz de surpresa:

— Abel?... Que sucedeu?...

— Despedi-me do meu trabalho.

Ela empalideceu.

— Não! Não é possível, Abel!

— Estou farto, Olga! Recuso termi-

nantemente que esse velho cretino de Ernesto Heldon continue a tyrannizar-me. A mim ninguém domina, ninguém manda em minha pessoa. Sou dono de mim mesmo.

— Sejam sensatos, Abel. Só te faltam quatro anos...

Era como se ela me dissesse: — "Já estás com trinta e oito anos. Onde estão todos os teus sonhos? Teus sonhos de uma casa de campo, de boa educação para os teus filhos, e as viagens de nupcias que não fizemos ao casar?"

Afastei-me de Olga e fui ao banheiro, antes de jantar.

Antes de entrar no banheiro, lancei uma vista de olhos para a sala de estar. Vi-a adornada com cortinas feitas por minha mulher, os vasos com flores, tudo muito bem arrumadinho. Sem fazer na hipoteca, era verdade que, pelo menos, possuíamos aquela casa. Não havia motivo de preocupar-me.

Depois do jantar veio até nossa casa o jovem Luís Heldon, a fim de convidar Virgínia. Observei então, e me senti intimamente bem impressionado com a excelente parelha que eles formavam, ambos muito jovens, educados, finos e simpáticos. Olga também os acompanhava com os olhos, preocupada, naturalmente com o elevado custo do novo vestido de Virgínia.

Quando ficamos a sós na sala, Olga me perguntou:

— E agora, Abel, que pretendes fazer?

— Vou instalar-me na capital; esta cidadezinha de Puebla é demasiado pequena para mim.

— Monterrey era demasiado grande... Lembra-te?

— O fato é que não quero permitir que Ernesto Heldon se ocupe em amolar-me!

— Está bem; mas, o que tu devias fazer era acabar de vez com esse sistema de estar a passar de um trabalho a outro.

— Mas, para cada caso...

— Em cada caso não te foi possível um entendimento com o chefe. És um bom agente de seguros, Abel. Porém, quando será que vais dedicar-te firmemente sem estar a desfazer de quando em quando todo o trabalho anterior?

Segui-me a isso uma teima bastante aborrecida e ficamos de tal maneira indispostos um com o outro que, até à hora de minha partida estávamos frios e Olga, ao despedir-me, apenas me deu um adeus sem nenhum entusiasmo, uma despedida apenas cortês, sem carinho, nem ternura.

Ao instalar-me na capital do México, sentia falta dela, sempre tão animosa e amiga. Durante dezoito anos me havia acompanhado de uma cidade a outra, de um trabalho a outro, e, por vezes, a vida se nos apresentava muito árdua. Estava eu certo de que a vida de casados não havia sido uma estrada de rosas para minha esposa.

Eu bem sabia que Adriana Cartier já me esperava. Era ela uma francesa e não havia eu acabado de aceitar uma casa com ela, e já me sentia arrependido. Era eu um homem casado e não havia razão nenhuma para unir-me a outra mulher. E muito menos quando se tratava de uma mulher a quem conhecia fazia poucas horas, casualmente, no escritório da firma latino-americana.

Ela, porém, havia aceitado gostosamente. Adriana estava fortemente ligada ao ramo de seguros, desfrutando de grandes conhecimentos na praça, o que se me afigurou excelente pista para re-

solver minha desesperada situação. Havia eu terminado azedamente minhas relações com três gerentes de Companhias de seguros e agora já não sabia para onde virar-me em busca de trabalho.

Meia hora depois de começada a coisa, já estávamos em tratamento íntimo, de Adriana e Abel. Julguei-a uma criatura admirável, franca e amiga. Contou-me que havia sido secretária particular do gerente de uma Companhia subsidiária do Lloyd's. Porém, tendo morrido recentemente o gerente geral, ela se descolou e estava sem emprego.

De nada me serviu saber que a tal empresa estava a venda, pois me não era possível lançar-me à aventura de comprá-la, especialmente por falta de dinheiro.

Animado pela palestra cordial de Adriana, fiz-lhe também minhas confidências e lhe declarei minha situação.

— Em seguros, posso garantir-lhe que você, com sua personalidade e experiência, poderá ganhar, pelo menos, uns cem mil pesos anuais — disse-me ela.

Isso sim, era alimentar o meu velho egoísmo, minha vaidade!

Quando nos separamos já me sentia eu como um milionário. Mas, na semana que se seguiu, esgotei todas as minhas reservas de paciência recebendo na cara as negativas de Companhias que procurava para encetar trabalho.

Já estava chegando ao limite de tolerância quando recebi um telefonema de Adriana dizendo que lhe havia ocorrido uma grande idéia, e que me esperava para cearmos juntos, quando então me comunicava.

Adriana vivia em elegante apartamento em Narvarte e ali a encontrei em traje de crepon cor de vinho que se apegava maravilhosamente às curvas de seu belo corpo. Adriana não tinha mais que uns trinta e oito anos e era senhora de bela plástica, muito linda e agradável.

Tomámos uns coquetéis e nos preparamos para uma ceia apetitosa. Comemos com satisfação, trocando idéias gerais, sem que ela entrasse no assunto de nosso encontro. Quando, finalmente, tomámos o café, passou a confiar-me sua idéia.

— Que tal lhe parece uma firma intitulada "Lituan & Cartier, Seguradores"?

Ela, ao que parecia, tinha dinheiro e desejava empregá-lo nesse negócio. E concluiu:

— Não podemos perder, Abel. É certo o triunfo!

De início me entusiasmei loucamente. Mas, logo depois, fiz um cálculo mental e reconheci que não poderia reunir nem a metade do custo de tal empresa. Quando acabei de dizer-lhe isso ela começou a tamborilar na mesa com suas unhas vermelhas.

— Não se preocupe com isso, Abel. Poderá recorrer a um banco e levantar a importância desejada, por empréstimo.

No dia seguinte recordei a três bancos; mas continuava eu a receber negativas. Ao revelar o meu insucesso a Adriana, ela me animou dizendo que haviam de encontrar um jeito.

Dois dias depois me chamou pelo telefone.

— Já encontrei um meio, Abel! Venha até cá esta noite!

Embora com todo o meu ceticismo no espírito, fui ao seu apartamento como ficara combinado. Ela estava vestida provocadoramente, com um traje que mostrava todo o seu colo. Ao segundo coquetel me perguntou de quanto podia eu dispor.

Somei todos os meus haveres em Bancos, acrescentei o valor de minha casa, ressaltando, naturalmente a hipoteca e lhe apresentei o total de todas essas possibilidades e economias.

Muito bem — disse ela. — Suponhamos agora que seja eu a pessoa que fornece o que lhe falta para completar a metade, a título de empréstimo pessoal.

— Mas, Adriana! Seria isto um grande risco para você!

Ela sentou-se no sofá, ao meu lado, e disse:

— Olha, Abel. Sei que isto é o ideal para nós. Você tem experiência e uma personalidade envolvente. Eu, por mim, conheço o terreno e estou muito acostumada. Não há risco nenhum a correr!

(Cont. na pág. 49)

NOS BASTIDORES FEMININOS



WANDA HENDRIX



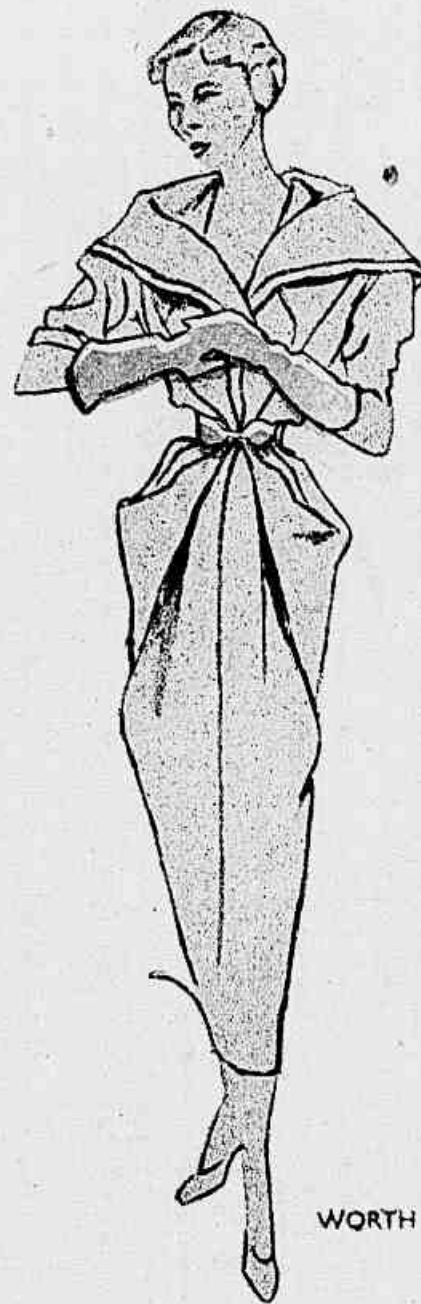
A BELEZA NÃO É PRIVILÉGIO DE HOLLYWOOD E' grande o número de moças cuja beleza supera a beleza das "estrelas" cinematográficas; é grande também o número das que podem se tornar atraentes com pequenos retoques, e todas elas podem melhorar a sua aparência, desde que para isso sigam algumas regras indispensáveis. Entre essas regras está, naturalmente, o "make-up". Os técnicos de beleza de Hollywood, sabedores desse fato, têm trabalhado na descoberta de meios e produtos capazes de reformar qualquer rosto. Pontos são destacados e outros são disfarçados. O "segredo" reside justamente nisso: realçar os pontos que se podem tornar atraentes e disfarçar os menos favoráveis. Para começar, dizem os "experts", a pele deverá estar rigorosamente limpa; em seguida, o formato do rosto deverá ser estudado e, finalmente, dever-se-á tomar em consideração a cor dos olhos, da pele e dos cabelos. Uma das questões mais sérias é a pintura dos lábios. Estes, antes de pintados, deverão estar rigorosamente limpos e secos; em seguida, com um lápis, deve-se marcar o seu contorno — nada de querer mudar o feitio da boca! Esse contorno deve depois ser completado com um pincel, usando-se uma tonalidade de "baton" que combine com a tonalidade da pele e com a cor dos vestidos; mais tarde, antes de sair, passe uma nova camada de "baton" sobre os lábios, fazendo pressão sobre um pano ou papel a fim de que saia o excesso. Algumas "estrelas" usam pó de arroz sobre os lábios antes de aplicar a segunda camada de "baton". Outro ponto importante é a aplicação do "rouge". Muitas vezes daí depende o fracasso do "make-up". O melhor sistema, antes de mais nada, é usar muito pouco "rouge". Não se deve também espalhá-lo inteiramente sobre o rosto, como também não se deve fazer pequenos círculos vermelhos, como também está fora de uso pintar-se o lóbulo da orelha e o queixo. Isto pode ser feito, com muita discrição, à noite. Para que o "rouge" produza um bom efeito, é mister estudar bem o feitio do rosto. Principalmente quando se tem o rosto redondo ou comprido, deve-se ter cuidado na aplicação do "rouge". Para tornar mais fino um rosto redondo, o "rouge" deverá ser aplicado não no centro do rosto, mas para os lados, e principalmente para cima, atingindo as têmporas. Nunca se deve aplicar o "rouge" perto do nariz. Os olhos merecem também particular cuidado; o "make-up" usado nos olhos tem a finalidade de aumentá-los e torná-los mais expressivos. Nenhum exagero é permitido neste caso, havendo sempre a necessidade de aplicar o "make-up" com moderação a fim de que o efeito não venha a ser justamente o contrário daquele que se deseja. Para esconder pequenos defeitos da pele, é aconselhável o uso de uma boa "base". Também aqui o exagero é prejudicial. A "base" deve ser aplicada suavemente sem dar a aparência de "máscara". E, para finalizar, o pó-de-arroz deverá ter uma cor que também combine com a cor da pele e da "base". O vestuário vem a seguir, mas sobre isto falaremos noutra ocasião.

Em lã

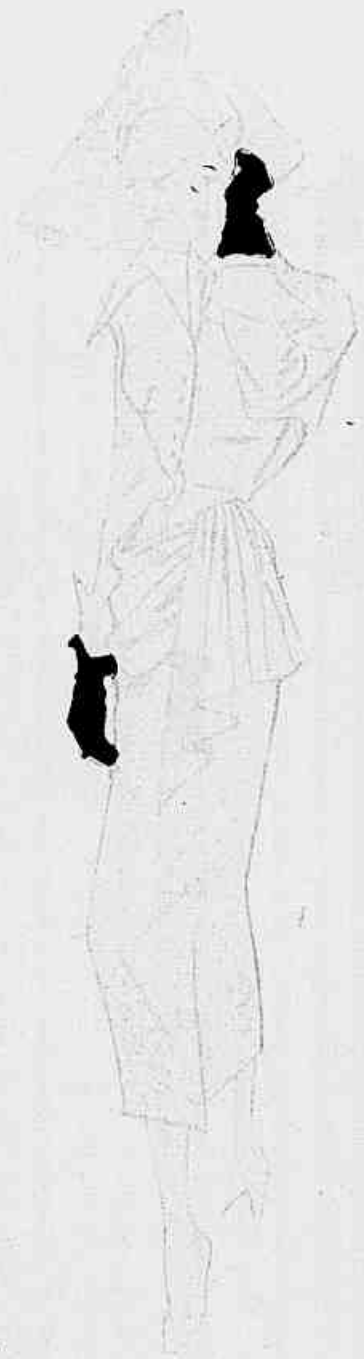
ALGUMAS sugestões modernas e elegantes apresentamos aqui às nossas leitoras, para as tardes de frio do camarada inverno carioca. São modelos interessantes, assinados por grandes nomes da costura francesa, e que, por certo, muito enfeitarão o seu variado guarda-roupa.



JACQUES HEIM



WORTH



JEAN PATOU



PIERRE BALMAIN



L. MENDEL



JEANNE LANVIN



CHRISTIAN DIOR

Modelo esportivo em lã quadriculada, bolsos na saia. Criação de Jacques Heim. ★ Criação de Worth. Grande gola e bolsos na saia formados pelos drapeados, dão à este modelo linhas modernas e audaciosas. ★ Em lã flexível, com drapeado e panejamentos. Criação de Jean Patou, um tanto audaciosa, porém de grande efeito

Encantadora sugestão de Pierre Balmain em lã marinho orientado com jersey listrado vermelho e branco, muito próprio para passeio. ★ L. Mendel apresenta este modelo em tecido de dois tons, um liso e claro para o casaco, e outro em tecido quadriculado para a saia, toda em pregas. ★ Lanvin sugere para as tardes mais frias este modelinho discreto em lã cinza chumbo. ★ Cristian Dior apresenta um modelo amplo e elegante em lã amarelo canário, gola de feltro bastante original



Maud et Nano lançaram este chapéu em lã xadrez

A direita: Para um vestido de "cocktail" bolsa em couro dourado. Sugestão de Jayne Meadows, da RKO

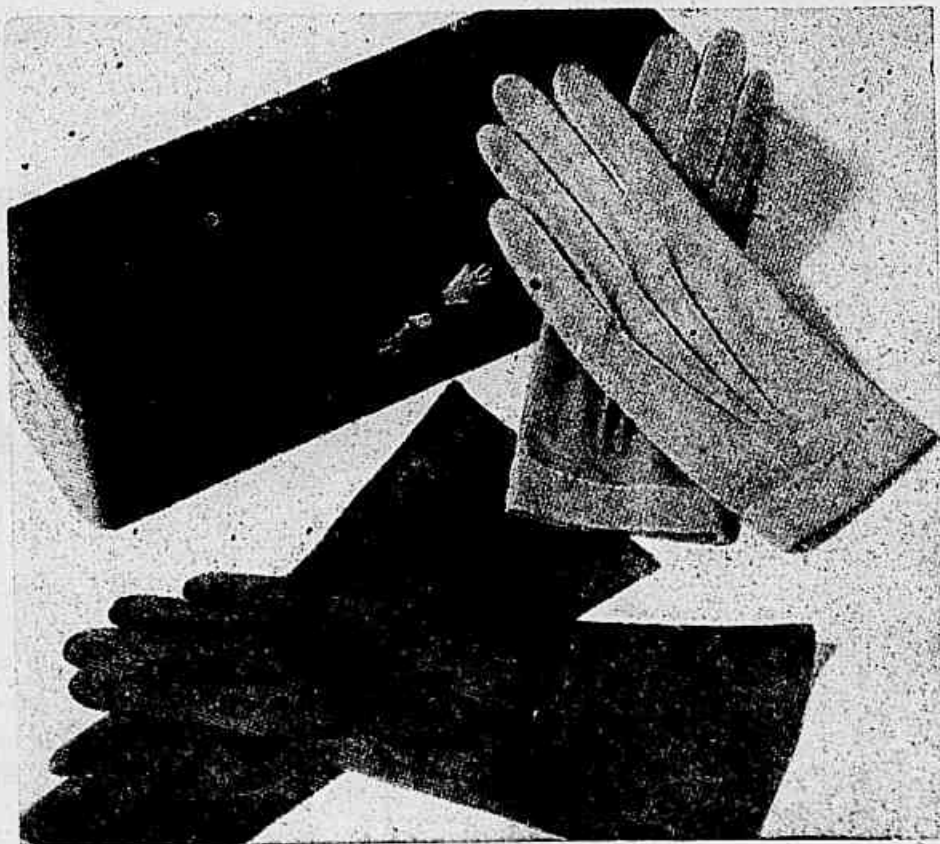
A estola continua na ordem do dia. Aqui ela é do tecido da saia e forrada com o tecido da blusa



A esquerda: Pierre Balmain lançou um colar de flores para ser usado com um vestido preto. A direita: Original pulseira dourada com pedras

DETALHES E NOVIDADES

A direita: Cintura tecida em lã num vestido também de lã. A esquerda: Bolsa em feltro de caixa e luvas pespontadas, para o dia



O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Será o ciúme, esse "monstro de olhos verdes" como o descreve o poeta, uma prova de amor? Ou será a própria contravenção de Cupido?

O amor é um sentimento básico no coração do indivíduo e quando se trata de mulher, esse sentimento atinge proporções de aspectos admiráveis.

Quantas vezes vemos uma jovem sacrificar sua vida, seu futuro, sua felicidade pelo amado que a desprezou ou que morre deixando-a desolada a chorar no silêncio da sua infinita saudade!

Outras vezes uma jovem cheia de vida, rica, prendada, portadora de esmerada educação, culta, esquecer-se de tudo e renunciar à própria existência levada pela tortura de uma vida que passou pela sua e a desmoronou por completo!

Segredos da natureza humana contra o que não há conselhos, nem exemplos, nem distração que sirva.

A História da Humanidade está cheia de episódios memoráveis do poder do amor. As mais belas páginas da Mitologia Greco-Romana inspiraram telas emocionantes que imortalizaram seus autores e arrancam exclamações de entusiasmo dos observadores de todos os tempos.

Tudo obra do amor.

Mas, quando sua força nutre os impulsos à tragédia, está ele, o grande e generoso sentimento, a serviço do ciúme, esse diabo destruidor de lares.

Raquel, menina de belos sentimentos, educada e gentil, enamorou-se de um moço de bons predicados, de recursos e promissor futuro.

Chegaram ao degrau do noivado entre alegrias de ambas as famílias que viam naquele futuro casal a garantia de uma união perfeita e a continuidade de uma geração sadia.

Mas, um dia, sem que se soubesse por que motivo, ela passou a tratar o noivo com frieza e até mesmo com antipatias visíveis.

Ele, de princípio, julgara que se tratasse de aborrecimentos íntimos com os quais nada tinha que ver. E monologava: "cada qual sabe onde lhe aperta o sapato".

Raquel, porém, aumentava de indiferença, de desdém, evitando manter aquela antiga harmonia de vistas com ele, como se estivesse saturada do noivo.

Sua atitude chegou a tal ponto que forçou um interrogatório da parte dos seus pais. Ela, entretanto, se mantinha reservada e sempre respondia que "nada havia de novidade entre ambos".

O noivo, um dia, descobriu tudo. Ela estava a abrasar-se de ciúmes! Suspeitara do futuro marido e, em lugar de investigar até à conclusão definitiva e clara, encerrou-se no seu mutismo, fechada dentro de si mesma como uma ostra a rochedos no fundo do mar. Tudo em vão. Ele procurou desfazer-lhe a suspeita; ela a nutriu como quem alimenta uma serpente no próprio seio e é envenenada afinal. Suicidou-se. Deixou os pais, o noivo a felicidade, sacrificada pelo imenso bem que queria ao seu eleito. E porque? Porque...

O amor é assim...



PARA MENINAS

TAFETÁ e veludo são os tecidos escolhidos para a confecção dos modelos desta nova "estrelinha".

São especialmente recomendados às adolescentes de doze anos. Ao alto, tafetá quadriculado; à direita, veludo e organdi; em baixo, tafetá listrado.



ANAMARIA CÉLIA

EDUCAR SEM IRRITAR Numerosos são os pais que pretendem educar os seus filhos dentro de um regime de força; querem que a criança lhes obedeça e para isso não empregam mais do que a sua autoridade. Gritam e chegam a dar pancada pelas menores faltas que a criança possa cometer. Não procuram usar da inteligência, do tato, para conseguir, de outras maneiras, melhores resultados. E isto seria tão fácil! Você, por exemplo, que se esgota, gritando o dia inteiro para o seu filho: "não faça isso!", "não mexa nisso!", "não corra!" e outras coisas parecidas, se cansaria menos e não irritaria tanto o seu filho se procurasse educá-lo de forma diferente. A criança obedece mais quando está brincando do que quando é levada a sério. Por que não tentar então esse caminho? Se, por exemplo, ela se recusa a comer ou se recusa a dormir; se ela fizer qualquer coisa que ponha em perigo a sua própria integridade física; se atentar contra os bons costumes, enfim, qualquer que seja o caminho errado que o seu filho esteja tomando, procure, inteligentemente, desviá-lo para outros assuntos, e brincando você encontrará meios de fazer com que ele obedeça. Seu filho mais depressa comerá "gatinhos" do que um bife... Mais depressa ele largará um brinquedo para se dedicar a outro, desde que esse outro lhe seja apresentado de forma atraente. Assim, não será difícil afastá-lo de uma brincadeira perigosa para uma inofensiva.

Habitue-se a brincar com ele; isto fará com que ele a considere "um dos seus" e até será bom para os seus próprios nervos. Não o interrompa com um "não sou criança" quando ele a procurar para brincar; brinque com ele, e sempre, dentro das suas brincadeiras, procure orientá-lo bem. Converse com ele de forma compreensiva e lógica. E, com histórias que você mesma poderá inventar, mostre-lhe os resultados maus de travessuras inadequadas.

Com esse sistema esteja certa, você ganhará um amigo e terá muito mais probabilidades de êxito do que com gritos e palmadas evitando, dessa forma, que o seu filho venha a se tornar uma criatura irritada e pirrcenta.



Os "astros também estudam... Bobby Driscoll e Luana Patten, duas novas "descobertas" de Hollywood, não negligenciam nos seus estudos, apesar de toda a sua fama



SAIBA QUE...

A criança deve ter a oportunidade de desenvolver-se o mais naturalmente possível.

mas também do conforto moral e mental que a criança precisa.



Vida ao ar livre e boa alimentação são as principais bases para uma boa saúde.



O seu filho precisa, antes de mais nada, da sua atenção, do seu carinho. Sem eles, pouca coisa se poderá fazer em seu benefício.



Não é só do conforto físico,

em seu benefício.

ECHARPES E NOVIDADES

A moda atual é rica em detalhes. Ora é uma echarpe que passa sobre o busto, formando "basque" atrás, ora uma outra que passa por um ombro, drapeado sobre os quadris; ora outra que prende sob o cinto, ou outra ainda com franjas em tom contrastante; ora um lenço que cai de um bolso da saia ou da blusa, ou letras aplicadas numa blusa, formando um nome, enfim, são inúmeros os pequenos nada que transformam um vestido simples num traje elegante.





A saúde do BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

ACIDENTES TRAUMÁTICOS DO NASCITURO

Situações que, na ocasião do parto, ferem a integridade do nascituro ocasionando-lhe, muita vez, inclusive a própria morte, de outras o marcam de forma indelével ou lhe atrasam o desenvolvimento normal.

São consequências dessas situações os seguintes acidentes do recém-nascido:

1.º Os Cefalo-hematomas — É um freqüente acidente dos partos laboriosos, na criança.

Constituem eles tumefações mais ou menos grandes que aparecem alguns dias depois do parto, assentadas, em alguns ossos da abóbada craniana, comumente nos parietais, ósseo na sua periferia, que dá uma crepitação pergaminhosa.

Evitar confusões com a meningoencefalite, isto é, expulsão a própria massa encefálica e seu revestimento (as meninges). Com o caput succedaneum a primeira distinção é que este é imediato ao parto, e apenas mole sem a crepitação.

Trata-se, nos cefalo-hematomas, de derrames sanguíneos sub-periosticos, cuja reabsorção se dá entre o 2.º e o 4.º meses.

A punção e os curativos levemente compressivos resolvem em geral os casos, sem outras complicações; só em alguns casos pode persistir um certo espessamento do crânio na área respectiva.

O caput succedaneum se resolve por si mesmo; não contém sangue e sim simples líquido seroso branco.

2.º Paralisia espástica obstétrica — (Síndrome de Little) — A afecção caracteriza-se por uma natural rigidez dos membros inferiores.

A rigidez é já percebida logo ao nascer, ou dos primeiros dias ao término do primeiro ano.

A criança só começa a caminhar por volta dos 4 e 5 anos.

Tomada a criança pelas axilas e suspensa, observa-se que ela toca o chão apenas com as pontas dos pés, enquanto as pernas se afastam unidas pelos joelhos (atitude galinácea).

A marcha é característica: a criança anda nas pontas dos pés (marcha digitigrada) e balanceada (criança anda como os galináceos); daí marcha galinácea. Quando atingidos os membros superiores, estes se mostram geralmente encurvados para a frente; os dedos das mãos estão constantemente animados de movimentos involuntários (mov. atetósicos, mov. coreícos).

A face umas vezes é rígida; outras, ao contrário, extremamente móvel (face caretante). Muito frequentes as perturbações oculares: o estrabismo, o nistagmo (tremor dos globos oculares como dançando sobre molas).

Atribuiu-se a paralisia espástica de que nos ocupamos à ausência ou pouco desenvolvimento do feixe piramidal. Nos prematuros, particularmente sujeitos a ela, que a apresentam, essa causa pode ser aceita e o é geralmente. Noutros casos, porém, a causa é mais complexa, sem dúvida, pois além dos fenômenos piramidais, existem sintomas outros. De mais a mais o fator traumático aparece nitidamente nos casos coincidentes com os partos laboriosos, daí, mesmo, sua inclusão entre os acidentes do parto, como aqui o fazemos.

Nos prematuros a Doença de Little é susceptível muitas e muitas vezes de regresso; nos outros casos, o prognóstico é antes reservado.

3.º Paralisia flácida de origem central (Doença de Foerster) — A criança trás hipotonia dos músculos, o que a impede de manter-se em pé, ou ter a cabeça erecta.

Aqui parece haver alterações do lobo frontal prejudicando a inteligência e a linguagem da criança; contudo há casos de cura, o que só se dá, porém, no fim de alguns anos.

Em alguns casos parece predominar fenômenos atáxicos, isto é, da marcha, e noutros, amiotônicos, isto é, de equilíbrio; então se poderá observar que está em jogo uma hemiplegia ou uma diplegia.

A natureza central da paralisia leva a exclusão os traumatismos da medula, ao exame, fator também de paralisias flácidas; decisivo o achado de fratura da coluna vertebral o líquido céfalo-raquideano sanguinolento, comuns nesses traumatismos. Assim também a paralisia do reto e da bexiga.

4) Encefalopatias Infantís — Das mais funestas consequências de parto prolongado, difícil, são essas encefalopatias em virtude principalmente de seu caráter indelével. Causas mecânicas, no momento de parto, nelas dão lugar, principalmente, a lesões vasculares hemorrágicas, do cérebro, umas vezes pela violência dos fatores traumáticos, em si mesmos (espedaçamento da fóice do cérebro, não compressões de forceps ou, mais vezes, nos repuxamentos na extração da cabeça derradeira); outras vezes, apenas pela sua extrema fragilidade devido a causas genéticas (doenças hereditárias) ou causas apenas humorais (falta de vitamina K no sangue materno durante a gravidez, avitaminose C).

As Encefalopatias Infantís são os despojos frequentes das aplicações de forceps, da bacia estreita tornando o parto prolongado, das manobras obstétricas como recurso imposto pelas circunstâncias quando há de qualquer modo salvar a vida materna nos casos dramáticos da parturição.

Vê-se, por aí, que se o fator traumático é, por si só, em muitos casos, a única causa determinante, noutros casos as condições da própria criança concorrem decisivamente, e assim mesmo no parto natural, as bucefalopatias podem ocorrer, e é o que muita vez acontece, havendo alguma predisposição da criança às hemorragias, e por outro lado estando ela frente a condições que tornem o parto prolongado.

4.º Lesões de nervos, fraturas — Faremos somente uma breve menção desses acidentes, em geral benignos.

As lesões dos nervos se manifestam, em geral, por paralisias, no comum passageiras, como a paralisia parcial ou total de um braço. Massagens, aplicações quentes, movimentos passivos, em regra bastam para fazer a cura; só em alguns casos considerados graves caberá recorrer à diatermia e electroterapia. Noutros vezes a paralisia é da face.

Trata-se, aqui, de compressões sobre o próprio nervo, devido à aplicação de forceps. Nas paralisias do braço, é o próprio plexo que é traumatizado, nas manipulações do feto por quem faz o parto.

Fraturas dos ossos podem também ocorrer: da clavícula, da epífise superior de humerus, e até distorsão da articulação escapulo-humeral (ombro).

Eis, em resumo, as consequências sobre o feto e o nascituro que em boa parte são evitados mediante a Assistência da gravidez e os Exames PréNatais.



"Robe" rosa claro com pregas formando bolero. Em lã verde-esmeralda, mangas quimono, gola alta. "Robe" em "taille" amarelo pálido, trabalhado de nervuras. Em cetim com listras mates, gola e bolsos em veludo.

Intimidade



Cabeças

BONITAS

NÃO é preciso ir-se diariamente ao cabeleireiro para se ter uma cabeça bonita. Qualquer pessoa, com um pouco de habilidade poderá fazer, mesmo em casa, o seu "mise-en-plis". O essencial é enrolar o cabelo, em toda a volta da cabeça, quando ainda molhado e deixar secar bem. Em seguida, com o pente ou escova obtem-se o efeito almejado.



DESTRUIÇÃO

Há pouco mais de um mês, publiquei nesta mesma revista um trabalho intitulado "Covardia", onde abordei os lastimáveis atentados contra inocentes e indefesos animais do nosso Jardim Zoológico Nele, descrevi, sem nenhum exagero, a brutal covardia de inúmeros indivíduos que só vieram ao mundo para a vergonha da espécie. Hoje, no entanto, transporto-me das grades reforçadas do nosso Zoo, para o recinto da nossa Biblioteca Nacional, onde, de longa data, por mais que pareça estranho, vem acontecendo absurdos que, comparados aos que focalizei no Jardim Zoológico, pouco ou quase nada ficam devendo.

A idéia de fazer tal sindicância nasceu-me quando, num dia desta semana, tomei o ônibus 64, para um simples passeio. Ali escutei, sem querer, uma palestra entre dois homens que pareciam, pelos assuntos abordados, bastante viajados. Ambos, num determinado instante, começaram justamente a discutir com grande indignação o que haviam presenciado na referida biblioteca, ao terem necessidade de consultarem ali uma obra de alto valor.

— Francamente, eu só acreditei em tamanho horror porque vi com os meus próprios olhos. Aquilo, no entanto, não foi praticado pelo moleque de morro. Não, infelizmente a destruição está na massa do sangue do brasileiro. Na Biblioteca do Paraguai, um país que está incluído entre os mais atrasados, faz gosto se ver a conservação dos livros e a ordem reinante. O consulente pode retirar o livro que quiser, para ler ou fazer qualquer consulta no próprio jardim da Biblioteca e faz a devolução do mesmo, completamente incólume. Na daqui, Santo Deus! Se isto fôsse permitido, garanto a você que dêsse dois milhões de livros ou mais que ela possui, não restaria nem sequer a metade, pois os consulentes seriam capazes de levar os livros para casa ou deixarem abandonados no jardim.

A conversa parou aí, pois um dos cavalheiros saltou no ponto imediato. Todavia, aquelas frases ficaram remoendo no meu cérebro e, no dia seguinte, estava eu na Biblioteca Nacional para averiguar, com imensa tristeza, a veracidade de tal acusação. Visitei várias seções e não encontrei uma só que ainda não houvesse sido vítima da maldade de indivíduos sem escrúpulos. Tive nas mãos alguns dos volumes de Direito Constitucional — pelo gênero, observem que não podem ser usados por leigos na matéria — e, parece incrível que neles tenha observado falta de leis que foram retiradas a gilete ou a outro instrumento cortante e, páginas completamente arrancadas. Na seção de livros didáticos, enciclopédias, dicionários, coleções de Dálias Oficiais, de Justiça, revistas em geral e jornais, demorei-me mais um pouco. Esta é, realmente, a seção mais danificada. O bibliotecário de serviço atendeu-me com presteza e colocou à minha disposição uma quantidade ilimitável de volumes inteiramente inutilizados. O homenzinho tremia de raiva à medida que ia me mostrando livros e mais livros, com páginas arrancadas e trechos cortados.

— E' uma lástima minha senhora que homens cultos, estudantes e professores, venham consultar um volume ou uma coleção qualquer e tenham a lamentável coragem de praticar semelhantes horrores com tantos livros adquiridos pelo Governo para eles mesmos!

— E não há vigilância?

— Nem tenha dúvida! No entanto, a senhora há de compreender que o Governo não vai pagar um vigia para cada consulente. Aqueles de cuja intenção podemos desconfiar, são muito espertos e não se deixam apanhar em tamanho delito. A tática que eles costumam usar é a seguinte: quando percebem que estão sendo observados pelo bibliotecário de serviço do primeiro turno anotam as páginas ou trechos que interessam e no segundo ou no terceiro vêm realizar o "serviço" que a senhora está vendo.

— E não seria possível avisar aos outros bibliotecários?

— O que adiantaria, se os turnos são frequentados por centenas de leitores. O mal, minha senhora, está enraizado na falta de educação do nosso povo, na desonestidade e no espírito de destruição que ele possui.

Nada pude dizer, diante de tão esmagadora realidade. Tentei balbuciar para mim mesma uma justificativa; tentei convencer-me de que fatos daquela natureza acontecem em todas as Bibliotecas do mundo. No entanto, pareceu-me ouvir e ver em cada parede, em cada livro ou em cada estante da Biblioteca Nacional, um protesto veemente ou uma prova cabal de que as palavras pronunciadas por aquele homenzinho curvo e, de casaco branco representavam a lidima expressão da verdade: falta de educação, desonestidade e espírito destruidor — conceitos que, infelizmente, representam os maiores flagelos do povo brasileiro e que precisam ser combatidos pelo Governo e pelos educadores da mocidade do nosso país.

Correspondência

Lucy — Cruzeiro — Est. de São Paulo.

"E' possível suportar-se a companhia de um homem que só nos inspira nojo e indignação? Estou cansada de fingir que o amor e até os filhos que ele me deu não representam para mim motivo de contentamento. Vou abandoná-los, pois, só assim recuperarei a tranquilidade e o amor pela vida".

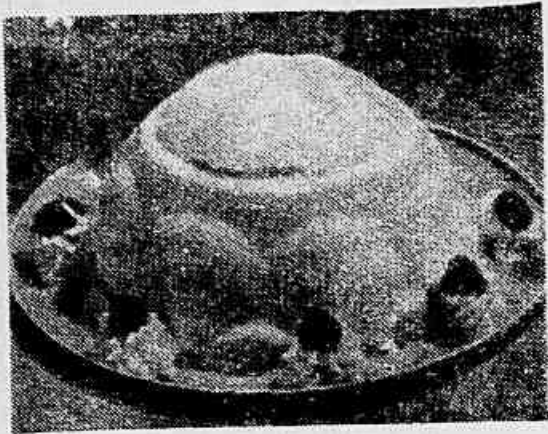
Lucy, deixei de responder à pergunta do início de sua carta, porque, ao observar o conteúdo da mesma, acredito que qualquer resposta por mais engendradora que seja não passaria de um grande disparate. No entanto, eis aí, o triste resultado de toda aquela que se sente dominada pelo pavor da solidão. Você — conforme esclarece em sua missiva — casou-se com este homem, simplesmente por ter receio de ficar solteirona, destino em demasia cruel, para uma criatura do seu temperamento. Por favor, desculpe-me a franqueza, porém, com tal atitude, você demonstrou um egoísmo e uma frieza de sentimentos impróprios a uma mulher de caráter. Que abandone este homem, cuja companhia afirma não suportar, eu a perdoaria, embora acredite que você antes de casar-se com ele, soubesse que este fatalmente seria o fim: porém, abandonar estas duas crianças que são o sangue do seu sangue e a carne de sua carne, francamente! E' desumano. Monstruoso, talvez comporte melhor.

Procure criar juízo, amar os seus filhos e ser uma mulher digna, pois, somente trilhando este caminho lhe será possível recuperar a tranquilidade e o amor pela vida.

Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

week-end

NA COZINHA



NHOQUIS REDONDOS

Cozinhe $\frac{1}{2}$ k. de batatas em água e sal, escorra bem e passe pelo passador, deixe esfriar bem, junte 1 colher de chá de manteiga, 1 ovo pequeno, 1 gema e 80 grs. de farinha de trigo. Divida essa massa em bolas do tamanho de nozes, achate um pouco com os dentes de um garfo para que fiquem marcados, e vá jogando na água a ferver. Logo que subam à tona, estão prontas. Escorra em peneira de taquara, depois arrume num tabuleiro, regue com manteiga, polvilhe com queijo ralado e leve a tostar no forno. Arrume ao redor do assado.

ARROZ COM MIÚDOS

Leve a cozinhar numa panela os miúdos de um pato, e o pescoço, com água e sal, alguns tomates e cheiro. Noutra panela frite uma colher de cebola ralada com outra de gordura de pato. Junte $\frac{1}{2}$ k. de arroz bem lavado, cubra com água quente, junte os miúdos picadinhos e o molho coado. Tempere com sal e leve a ferver e retire para fogo brando até ficar pronto.

RABANADAS RECHEADAS

Corte 12 de miolo de pão dormido de 2 cm. de espessura. Umedeça com leite e

sal, depois passe em ovos batidos, frite em pouca manteiga com gordura quente e arrume sobre papel pardo, para secarem. Faça um picadinho simples com qualquer carne fresca, enfeite com ovos picadinhos e ponha no centro uma azeitona.

BERINGELAS À NAPO-LITANA

Tome 4 beringelas descascadas, corte em 6 fatias finas sobre o comprimento, lave e polvilhe de sal. Enxagüe, passe em farinha e frite em azeite. Arrume num prato as camadas de beringela, fatias de rigota e molho de tomate. Termine com parmeão ralado e leve ao forno só para derreter o queijo.

BANANAS INTEIRAS EM CALDA

Cozinhe com casca 12 bananas prata, ou 4 da terra partidas em 3. Faça uma calda grossa com $\frac{1}{2}$ quilo de açúcar mascavo e 2 xícaras de água. Deite as bananas descascadas na calda e torne a tomar o ponto bem forte; adicione 1 colher de manteiga e 1 cálice de vinho do porto. Despeje tudo num prato, polvilhe com canela e leve a tostar no forno. Deve ficar escuro como melado.

CREME PERFUMADO

Com 1 quilo de açúcar faça uma calda e, depois de fria, junte 70 grs. de farinha. Bata 6 gemas, junte 2 colheres de licor e 6 claras em neve. Misture tudo, despeje em forma untada e leve a assar em banho-maria.



USE EM CASA

COM um algodão baratinho você mesma poderá executar esses modelinhos práticos e graciosos, para andar em casa. O avental com "pois" é arredondado na frente, subindo muito atrás, conforme indica a gravura.



A Divina Tragedia

O **HOMEM** que interpretará o Salvador não deve ter jamais sido ator, nem receberá sôlido algum e não terá nenhuma publicidade. Ficará no anonimato, pois seu nome não tem importância na "divina tragédia"

Nova York, junho — Este ano de 1949, batido por todos os ventos da tempestade entre os homens, mostra sinais sempre crescentes de que a humanidade se volta cada vez mais para os valores espirituais.

Os livros de temas religiosos, como "The Seven Storey Mountain" (Montanha de Sete Andares), do monge trapista Thomas Merton, "The Greatest Story Ever Told", (A Maior História jamais Contada), de Fulton Oursler e "The Big Fisherman" (O Grande Pescador), de Lloyd Douglas, desafiaram os editores pelo tremendo êxito popular obtido.

Em Hollywood ainda se fala do inesperado sucesso conquistado pelos filmes "Going My Way" (O bom pastor) e "The Bells of St.

Por **LESLIE LIEBER**

O DRAMA DE CRISTO NUMA NOVA CONCEPÇÃO CINEMATOGRAFICA ★ A ERA ATÔMICA COMO FUNDO ★ 20 MILHÕES DE CRUZEIROS NUMA PELÍCULA INTERNACIONAL ★ ABEL GANCE E A SUA TELA TRIPLA ★ UMA ISRAELITA INTERPRETARÁ A VIRGEM MARIA ★ O NOVO CRISTO CINEMATOGRAFICO PERMANECERÁ NO ANONIMATO ★ FILMAGENS NA ITÁLIA, FRANÇA E ISRAEL ★ O FILME SERÁ REALIZADO EM CINCO LINGUAS



Mary" (Os Sinos de Santa Maria), nos quais o tema espiritual elevou o grau de diversão acima do seu nível comum com marcado êxito.

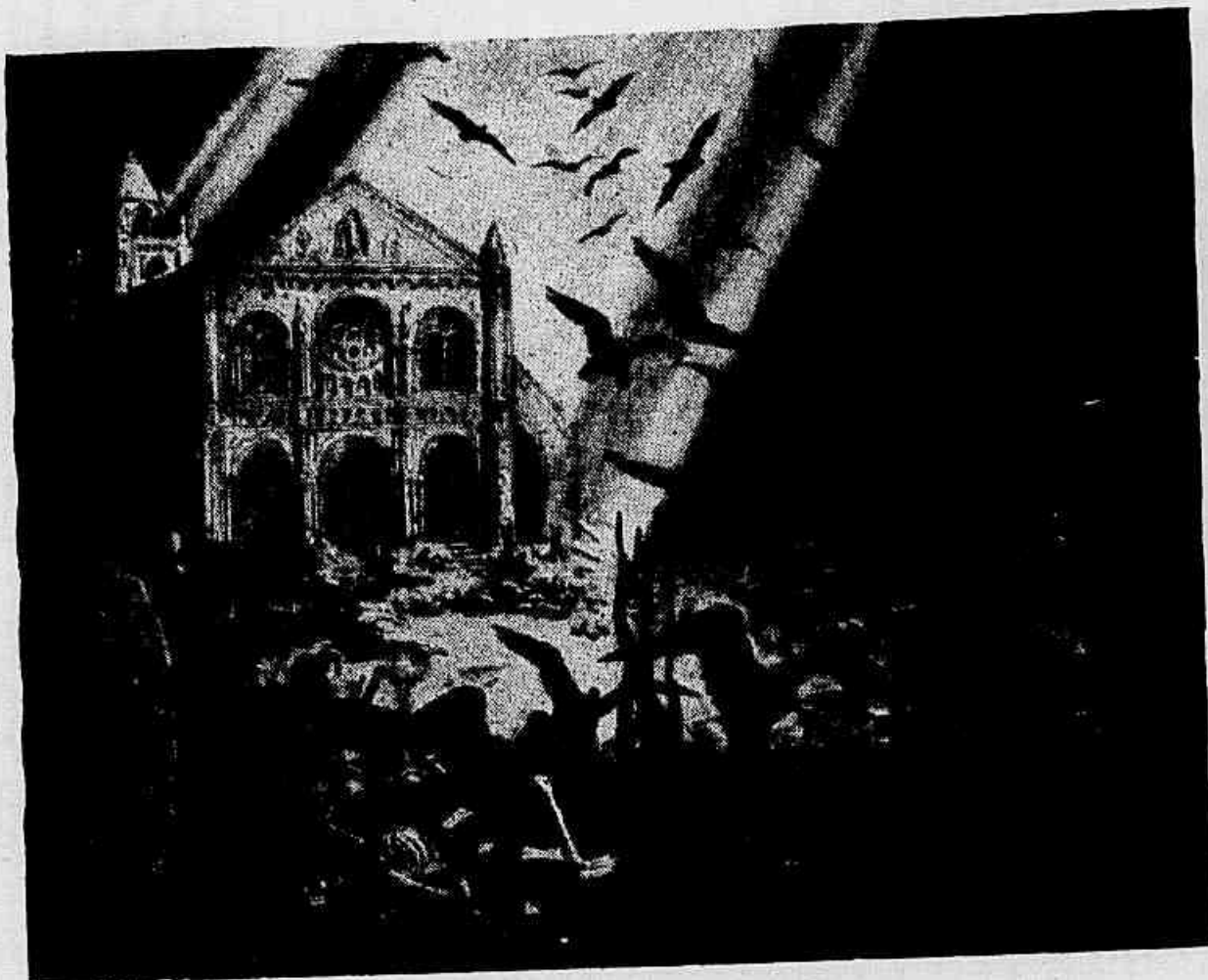
Do outro lado do Atlântico, onde o flagelo da guerra se fez sentir com toda sua brutal realidade, esse mesmo espírito se faz sentir agora, dirigido por um reverente conceito de altíssimas proporções. Há em França talentosos homens de cinema que acreditam que sua forma de arte poderá fornecer alimento para a alma.

Com a força dessa convicção, estão prestes a realizar a mais audaciosa película da história da indústria, a Paixão de Cristo. Nestes últimos anos Hollywood afastou-se desse tema,

embora o Livro que o contém esteja escrito em prosa inspirada, assegurando uma audiência de 300.000.000 em cada geração sucessiva.

Dedicamos nestas páginas as primeiras cenas de uma obra que poderá sem dúvida alguma se tornar a realização mais marcante e séria de toda a história do cinema moderno. O filme, cujo nome é "A Divina Tragédia", não se restringirá somente a recapitular o drama histórico gravado nas páginas do Evangelho, mas também procurará descrever "a ressonante influência da conduta e das palavras de Cristo" na vida diária das pessoas que nos cercam. Apresentará, de maneira simples e reverente, o drama da Paixão de Cristo visto contra o fundo tumultuoso da era atômica. Para ressaltar a magnitude do tema, os diretores planejam introduzir técnicas inovadoras, completamente desconhecidas até hoje, e que constarão do uso simultâneo de três câmaras, telas três vezes maiores que as regulamentares e montagens acústicas com cerca de 75 microfones, o que, sem dúvida alguma, transportará a audiência a uma atmosfera de grande intensidade emocional.

Uma vez que milhões de pessoas de credos diferentes verão o filme cada cena e cada palavra do mesmo foram submetidas ao estudo dos mais conhecidos teólogos de França, Suíça, Itália e Estados Unidos da América. O conceito foi inteiramente aprovado por representantes do clero cristão, judeu e mosaico. Os chefes do novo Estado de Israel tomaram-se de profundo interesse pela produção e asse-



NA MODERNA SEQUENCIA, São Paulo aparece carregando o corpo de Abel, depois do bombardeio atômico

guraram completa cooperação. Uma parte da renda obtida será empregada na restauração dos lugares Santos de Jerusalém.

UM FILME INTERNACIONAL

Tanto geográfica como linguisticamente, "A Divina Tragédia" será internacional como o próprio Cristianismo. Foi organizada uma companhia especial, "Les Films Cariatides", cujos quartéis-generais estão localizados na zona internacional de Tanger. A rodagem será feita na Itália, França e Israel. A gravação da película será realizada simultaneamente em inglês, francês, espanhol e possivelmente em árabe. Planejam-se duas versões em língua

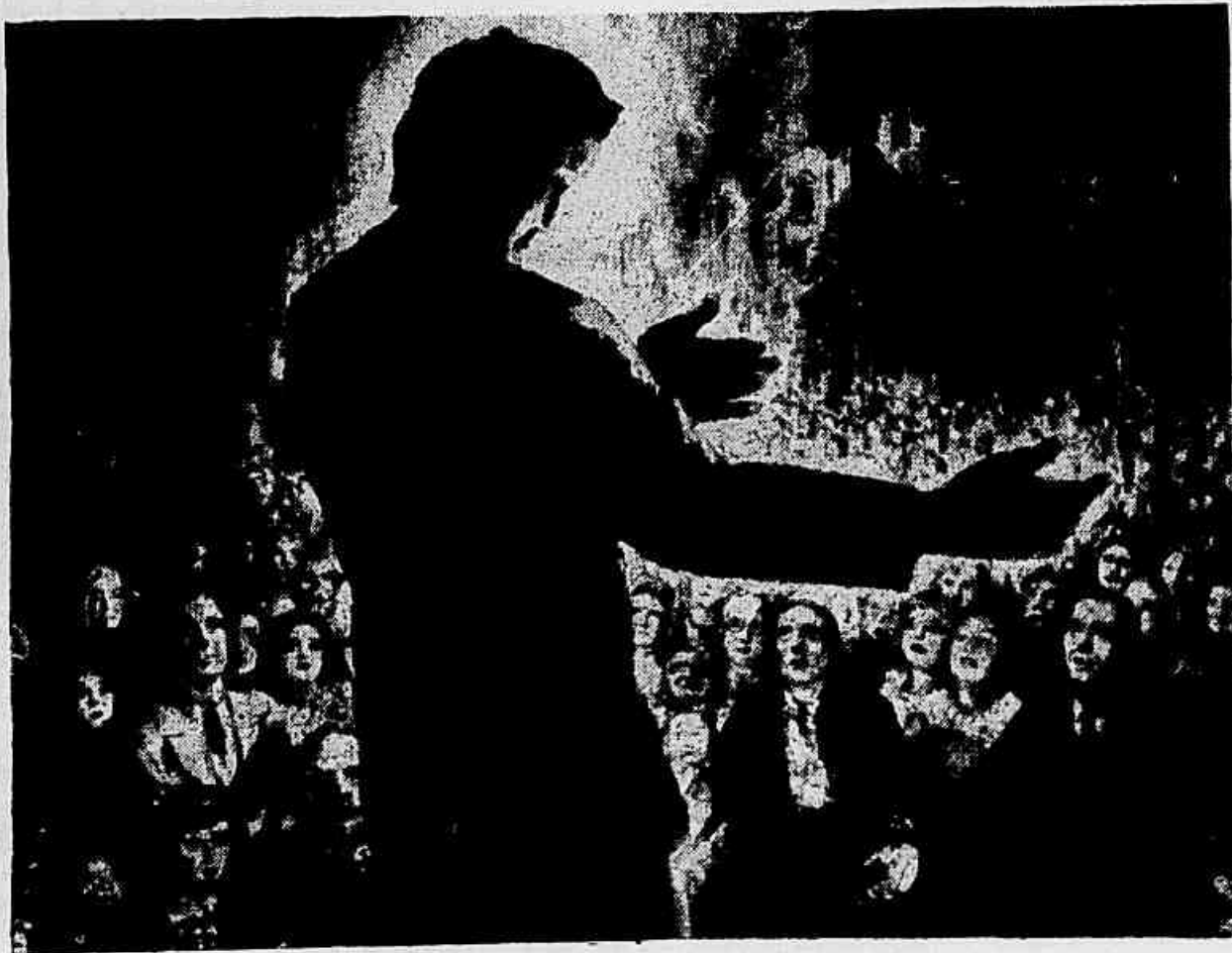
inglesa, a fim de que como diz o próprio produtor, "os americanos não estranhem o sotaque inglês e vice-versa". Haverá também uma filmagem completa da saga da época, sem que a figura de Cristo apareça, para os que não fazem questão de ver o Salvador na tela.

O responsável pela fixação da luta cristã no celulóide é um francês, ainda moço, de aparência ascética, chamado Georges La Grandière. Seu nome de família por duas vezes entrou nas páginas da história americana. Pela primeira vez, quando seu tetravô, comandando uma fragata francesa, ajudou a vencer os ingleses na Batalha da Baía de Chesapeake. A segunda vez foi há poucos meses, quando Georges La Grandière recebeu o Prêmio da Academia do Cinema como produtor da melhor película estrangeira de 1948 — "Monsieur Vincent", a história de São Vicente de Paula.

Como "Monsieur Vincent", "A Divina Tragédia" será parcialmente financiada por subscrição popular. Mais de 100.000 pessoas em França atenderão ao apelo de La Grandière na compra de "ações" para a realização.

A tarefa de financiar um filme como "A Divina Tragédia", o qual consumirá Cr\$ 20.000.000,00 (vinte milhões) ou cinco vezes mais do que qualquer outro filme produzido na França até hoje, exige muito mais do que a colaboração popular pode fornecer. O financiamento europeu já está completo. Além disso, La Grandière visitou recentemente os Estados Unidos da América para os arranjos

AS CENAS do filme serão todas baseadas em desenhos feitos por artistas franceses. Aqui, Cristo, face a face com uma multidão do século XX, que deseja chegar até Ele

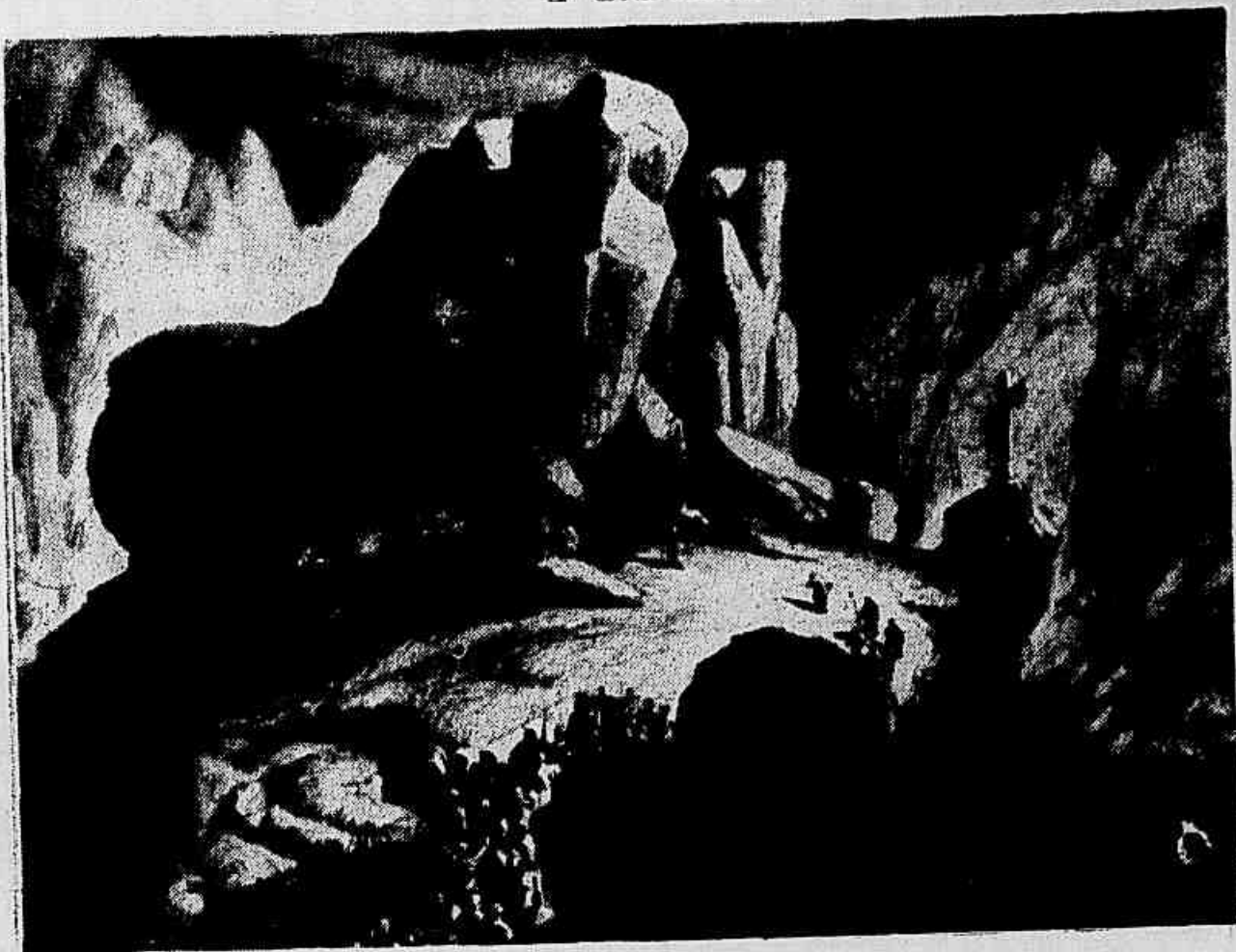


O palácio de Herodes, onde Salomé dançou e João Batista encontrou seu destino. No filme, Herodes, interroga aqui os discípulos de Cristo, depois da morte de João





O APOCALIPSE é anunciado por Paulo aos sobreviventes do holocausto atômico



A MULTIDÃO aterrorizada segue Paulo para fora do Vale dos Abutres em busca do céu

da distribuição americana e o financiamento em dólares necessário para o custeio do filme, despesas com atores norte-americanos, técnicos, etc. De conformidade com os planos atuais, a rodagem terá início este verão, e é de esperar que o lançamento ocorra na Páscoa de 1950.

La Grandière emprega uma linguagem diferente da de todos os produtores de filmes: "Este filme" — diz ele — "se Deus assim quiser, será ao mesmo tempo a mais humilde e comovedora página da Bíblia cinematográfica do futuro, deverá ser feito nos moldes das catedrais da antiguidade — os fieis trarão suas pedras e trabalharão no anonimato. No lançamento oficial da película não haverá apresentação do autor, do produtor ou da personagem que encarna a figura de Cristo."

O homem que fará esse papel terá um contrato de cinco anos, no qual ficará estipulado que "está proibido de aceitar outros papéis que pudessem ridicularizar sua interpretação de Cristo".

Não seria exato dizer que a figura do Salvador será encarnada por um "ator". Na realidade, os organizadores do filme saíram à procura de um santo humano. "Sentíamos que o candidato para o papel de Cristo deveria julgar-se incapaz de representá-lo na tela" — disse o responsável pela escolha. — "Se ele se sentisse capaz e à altura, tê-lo-íamos eliminado como indigno do papel".

DOIS ANOS DE ESTUDOS

O homem, cujos ombros levarão a cruz da interpretação da mais sublime das personalidades que passaram pela terra, tem estudado intensamente nestes últimos dois anos. Seu nome não tem importância, pois está destinado a permanecer no anonimato. Dados biográficos revelam ser ele um professor de filosofia e um ex-reserva do team de football da França. La Grandière tirou do bôlso uma carta chegada havia pouco: "Tornei a descobrir minha alma" — dizia o ator na mesma. — "Sinto que Cristo começou a fazer-me compreender sua divina missão entre os homens."

Há dois artistas que estão sendo seriamente discutidos para interpretar dois papéis importantes: o ator de teatro

Eddie Dowling, para a figura de S. Paulo, e Francis L. Sullivan, que interpretou o papel do Bispo de Cauchon em "Joana D'Arc", para o Demônio.

Ainda não foi escolhida a intérprete da Virgem Maria. "Será uma judia, escolhida pelo comitê israelita" — diz La Grandière.

Todo o trabalho da técnica inovadora, bem como as paisagens, já todas esboçadas, são de Abel Gance, um francês de 57 anos de idade.

Gance introduziu três das suas invenções técnicas cinematográficas nessa película, as quais revolucionarão o mundo da indústria do filme. O uso simultâneo de grupos de câmaras permitirá focalizar de maneira nunca dantes conseguida. O espectador terá uma visão incrivelmente ampliada: verá com dois olhos o que foi captado com quatro.

TELA TRIPLA

A tela cinematográfica de Gance, conhecida por "triptych", será uma espécie de acordeão visual, capaz de ser ampliada três vezes além da superfície normal de projeção. Sua forma semi-circular dará ao público espectador a impressão de ser circundado pela ação, como na vida real.

O som emanará simultaneamente de diversos pontos da sala de projeção, proporcionando a "perspectiva sonora". Quando Cristo pede à multidão que o siga nas orações, sua voz vem da tela. Mas a resposta da multidão se eleva do lado da sala onde se encontra o público.

Gance, pioneiro dessas três invenções há mais de dez anos, guardou-as para o seu lançamento em "A Divina Tragédia" e, desse modo, essa película será apresentada com uma intensidade dramática nunca obtida na arte do cinema. Eis a sua confissão de fé para o prólogo da sua obra:

— "Imploro a luz divina para que me considere um humilde trabalhador, a fim de que eu a faça arder e cintilar, iluminando todas as telas do universo — um construtor da nova catedral da luz e do som, trabalhando com um exército de artistas e técnicos imbuídos da fé e do esplendor da tarefa que aspiram levar a bom termo."

A CRUCIFICAÇÃO, vista através das pernas dos soldados, acentua a isolamento de Cristo



UMAS FÉRIAS

CONTO DE RENARD Q. PEREZ

O trajeto do quintal para a rua tinha seus perigos; pedia habilidades. Emerenciana, atarefada no vai-e-vem do fogão, não me preocupava. Mas mamãe, bordando pontos-de-cruz na sala-de-jantar, era uma barreira. Requeria manhas:

— Emerenciana me pediu que pastorasse o padeiro.

Se com o pretêxto conseguia transpor a porta, estava salvo: atravessava correndo o alpendre e o portão da rua, com os olhos fitos na praça, a praça linda onde Jacques, de pés descalços, era a maior atração.

O nosso recanto era o banco sombreado pelas galhadas verdes do ficus-benjamin. Trepávamos no encosto alto do banco e de lá armávamos o pulo, braços e mãos estendidas procurando encontrar o galho baixo da árvore. Balançávamo-nos feito um pêndulo, imitando os gritos guturais que escutávamos no cinema.

As vizes, engrossados pela molecada da redondeza, preparávamos a quadrilha de bandidos. Jacques escolhia logo o pôsto:

— Eu sou o chefe.

— Está certo. Mas com a condição de você morrer quando o mocinho atirar.

Jacqu esprometia. E escolhia os asseclas, eu entre eles, ficávamos cochichando pelos cantos os melhores esconderijos. Depois debandávamos. Jacques dava o aviso e daí a pouco a turma do mocinho passava correndo na busca. As respirações se tornavam ofegantes na excitação da espera. Eu me diminuía dentro do canteiro de crotos, transido, suportando heroicamente as formigas de roça a me-escalar as pernas e braços nus — o movimento mínimo despertaria atenção. Aos ouvidos me chegavam retalhos de diálogos:

— Amarre êle, Marcelo.

As vizes, contra a regra da brincadeira, o prisioneiro reagia. Vinha um murro, o murro era devolvido, mocinho e bandido se atracavam. O primeiro insistia:

— Peça paz, peça paz!

Sempre essas insubordinações partiam de Jacques, que não se conformava em se deixar prender passivamente, sem uma bravatazinha. Esquecia a promessa e resistia, a brincadeira se transformava num bolo sério. Abandonávamos os esconderijos para cercar os lutadores no corpo a corpo pela grama úmida. Chaves inglesas, balões, a assistência torcia, gozando, dividida em partidos:

— Aperta, Caetano!

— Isso, Jacques!

Outros ficavam olhando os lados, prudentes. De repente, o alarme:

— O guarda!

Seu Gotardo vinha rondando devagarinho ao longe, balançando o "casse-tête" com indiferença, ignorante ainda. Suspendíamos num instante a luta, apartando os adversários marrons de lama, cabelos desgrehnados, possesores:

— Esse galego...

— Galego é sua vó...

E os palavrões explodiam, sonoros, uns nomes que eu nunca ouvira mas que gravei à força de escutar.

★

Aquela nova amizade veio desfazer o vácuo de minhas férias. Antes de nos mudarmos para a casanova, os meus dias se desenrolavam monótonos. Leonora, seis anos, vivia grudada às salas de Emerenciana, ou entretida num ângulo da sala-de-jantar compondo laços disformes em bruxas de olhos vermelhos, sentando-as depois na mobiliazinha azul, pequenina, com aplicações em

decalcomania. Organizava festas, casamentos ("Leonardo, você quer ser o padrinho de Sônia Lúcia?"), uma inútil. Na casa nova, o aparecimento de Jacques foi uma bênção. Logo nos primeiros dias da mudança mamãe, muito atarefada com a limpeza da casa, me esqueceu completamente. Ganhei a rua. Foi quando conheci o Jacques. Emerenciana, que nos via juntos quando passava para as compras, implicou com a minha amizade. Considerava Jacques talvez num plano diferente do meu, precoce de mais, cheio de sabedorias. E tinha razão, mas o garoto me entusiasmava. Ensinava-me brincadeiras exóticas, fazia-me revelações surpreendentes, que eu escutava boquiaberto, num êxtase. Roubava cajaranas no quintal de d. Georgina; um dia contou que andara pelos telhados no quarteirão de casas conjugadas. E eu imaginava Jacques lá em cima, recortado contra o céu, com imponências de estátua. O que não se vislumbria de lá! As coisas deviam reduzir-se, esquisitas... E lamentava não poder subir também, não ter uma mãe como a de Jacques.

— Você não teve medo não?

O menino fazia um gesto soberano, mostrando o desdém. Emerenciana, que parara para escutar o final da conversa, balançou a cabeça para um lado e outro:

— Eu ainda digo a d. Geni.

Que dissesse! Jacques mandava na mãe viúva, fazia-lhe gestos feios em discussões célebres no quarteirão. A mãe saía aos gritos pela calçada, ia se refugiar na casa de d. Georgina, que fazia flores de goma:

— Esse menino me mata! Isso não presta não, d. Georgina, isso é um satanaz! Ele chamou nome comigo! Eu só queria que esse miserável morresse!...

E rebentava no choro farto, engasgado.

D. Georgina, penalizada, suspendia os trabalhos de massa:

— Se incomode não, d. Geni.

Trazia uma cadeira:

— Bote esse menino interno, que êle endireita.

Da porta, eu escutava aquelas lamentações muito sério, o coração opresso. Invejava o Jacques, admirava-o, mas não aprovaria nunca aqueles excessos:

— Jacques, faça isso não. Você não sabe que quem chama nome com a mãe vai para o inferno?

Ele enterrava as mãos nos bolsos. Que inferno! Esse negócio de inferno é mentira de padre, que inferno nem coisa nenhuma!

Alarmava-me. Mas êle mudava de assunto, convidava-me para brincadeira de chicote queimado. Eu também esquecia logo a blasfêmia, o importante era o divertimento, era espiar-me pela grama como um animal, aproveitar enquanto a noite não vinha, desagradável, interromper a delícia.

★

Foi na hora do jantar. Papai ficou pálido, parecia um espectro. Mamãe sem jeito. Compreendi a inconveniência tarde de mais. Estava tão acostumado a escutar o desbocado do Jacques nos insultos a torto e a direito, que o palavrão saíra sem me sentir. E agora papai ali na minha frente, querendo estourar. Mamãe é que lhe segurou o braço e com a voz muito doce:

— Faça nada não, Licurgo... Êle falou sem saber.

— Suba.

Sai amarelo, pressentindo altas chibatadas. Leonora olhava-me com o rabo dos olhos, tremendo também. Não jantei.

No sótão, eu não desviava os olhos da maçaneta, atento ao menor rumor do lado de fora. Temia a apa-





rição repentina da chinela famosa. A coisa pior no mundo, para mim, era apanhar de papai. Pior, muito pior do que tomar óleo de ricino.

A noite sem rádios trazia-me pedações de conversas:

— São essas amizades ordinárias que este menino anda arranjando por aí. Ele não para mais em casa, só aparece para comer! Dêsse jeito acabava um perdido.

Emerenciana ajudava:

— E' esse Jacques.

Papai quis saber imediatamente quem era "esse Jacques". Soube, o meu amigo surgiu-lhe numa exposição de Emerenciana como uma aberração. E escandalizado decidiu que acabaria com aquela amizade.

Atendendo o pedido, não me bateu. Mas me chamou a seu quarto, e me passou uma descompostura de que tenho até hoje a lembrança nítida, dolorosa. E a sentença sinistra, no final, fez ronzas na alma:

— Você não me põe mais o pé na rua, está ouvindo?

★

Assassina, aquela ordem matou por completo o encanto de minhas férias. E para evitar uma burla, numa desconfiança que me doeu, um cadeadozinho veio unir as extremidades de uma corrente no portão de ferro. Aprisionavam-me. Papai agora tinha mais trabalho, o portão não cantava nos gonzos com a antiga facilidade. A chave tinha de fazer a trajetória do bolso para o cadeado, do cadeado para o bolso. E os meus olhos compridos. Perfeitamente: como um criminoso.

Quando Jacques aparecia na calçada e me chamava, eu desviava os olhos, ficava falando para Leonora coisas do colégio, contando histórias do "Segundo Livro de André", narrando-lhe filmes. Jacques, do outro lado da grade, introneta-se, corrigindo-me, passava a contar a história com os detalhes certos. Tinha cada artimanha, umas habilidades em se insinuar!... Interessava-me pela narração dele, esquecia-me da ordem. Mas Leonora amedrontava-se e ficava, irritante, me advertindo com o cotovelo:

— Papai aparece e lhe dá uma pisa.

Separávamo-nos:

— Papai não quer que eu fale com você. O melhor que tem é a gente ficar de mal.

Fechava as mãos, deixando estendidos apenas os dois indicadores que juntava e exibia no nariz de Jacques, por trás da grade:

— Corte.

Fazia-o com um apêto, apenas por descarrêgo. Se ele cortasse, estariam rompidas as relações. Desejava que, não havendo motivo para o rompimento, ele vacilasse — "não, não corto não" — e eu tinha retirado a minha responsabilidade. Mas Jacques prontamente interpunha entre os dedos estendidos sua mão encardida de unhas roídas e pretas, num golpe brusco. Para ele tanto fazia, tinha toda a molecada da rua para lhe fazer companhia, enquanto eu era sozinho, eu e minha irmã Leonora, 5 anos de diferença, uma idiota.

Jacques afastava-se, eu ficava com o coração confrangido, deste tamanho, voltava às conversas com Leonora. O outro passava pela calçada de mãos nos bolsos, arranjava umas amizades novas, o filho de seu Valdir, paraense, e ficavam para lá e para cá, até parecia provocação. Perseguiam-nos os meus olhos compridos. Mas quando os de Jacques se dirigiam para mim, voltava o rosto, com orgulho, para que a fisionomia não me traisse a alma despedaçada. Via mortificado os dois se encaminharem para a pracinha, correrem pela grama, resvalarem pela rampa do patamar da igreja. Tudo o que antigamente fazíamos juntos. Via-os se aproximarem do "nosso" banco, sob o pé de ficus, como para praticar uma profanação. Sofria. Que brincassem, que se

danassem do outro lado da praça, escondidos dos meus olhos pela igreja branca. Mas respeitassem o meu banco! Qual, era mesmo no recanto que o ficus-benjamin sombreava. Ah, por que eu deixara escapar o palavrão? Angustiava-me.

E eu agora dentro de casa, errante. Nenhum passatempo. Ao menos se me permitissem visitar a vizinhança!... Distrair-me-ia vendo os dedos hábeis de d. Georgina modelando as flores de massa, iria ouvir discos na casa de seu Alirio, nosso vizinho da esquerda. Muitas vezes, nos ricos dias de liberdade, eu me acercara do gramofone com Jacques, e me esquecera horas e horas escutando valsas, delicioso. Era um gramofone lindo, o disco chiando ao péso da agulha gasta, e a voz rouca se expandindo pelo canudo de metal, primeiro fino, depois mais largo, finalmente se desabrochando como uma grande flor:

"Quando eu te vi, naquela noite, leniuarada...
Minha impressão era que fosses uma fada..."

E agora, nas minhas dolorosas solidões noturnas, a mesma voz me chegava aos ouvidos, longínqua, e o peito se enchia de uma sensação amarga, tortura inexplicável que eu tentava extravazar com o desabafo:

— A ausência do amigo era um vácuo que eu não sabia encher. O portão fechado com o cadeadozinho de cobre barrava meus passos, voltava, ficava rondando pela cozinha. Emerenciana afundava a colher de pau na panelona azul. Mexia a sopa, depositava depois um pouco de caldo quente na mão em concha, provava com um chupado.

— Não queima não?

Emerenciana me olhava compadecida. Ela fazia a ruindade; mas depois, quando me via errar pela casa, tinha pena:

— Vá brincar no meu quarto.

Ia, reconhecido. Aquêl quarto era um mundo. Deitava-me na cama, sobre a colcha de croché, e ficava folheando as pilhas de revistas antiquíssimas, bichadas, ainda do tempo de noivado de minha prima Doralice. Interessava-me pelas reportagens fotográficas sobre a construção da estátua do Corcovado, chamavam-me a atenção os retratos de artistas, mulheres lindas em poses lânguidas. Mas duas horas depois já estava aborrecido, e mão no queixo ficava relembroando as travessuras de Jacques, as conversas de Jacques. Agora ele deveria estar na pracinha com o filho de seu Valdir paraense... E virava a página da revista já sem nenhum interesse. Kay Francis numa roupa colante e brilhante, Carole Lombard, Jean Harlow. Podia fazer album, colar as artistas como eu via a ajudante de d. Georgina fazer. Seria um meio de passar o tempo. Mas não me satisfazia aquela distração monótona, o que eu queria era a brincadeira no patamar da igreja. E como uma obsessão me reaparecia Jacques no banco de praça, Jacques correndo pelos telhados, Jacques metido a homem:

— Eu tenho uma coisa...

E mostrava misteriosamente, no bolso da calça, o relêvo retangular do maço de cigarro roubado do pai.

— Quer fumar?

Estendia-se no banco, um cigarro na boca, imitando artista de cinema. E ficava contando casos, umas histórias acima de minha compreensão. Dai a pouco, como o fumo lhe desse tonteiças, abandonava o cigarro. E justificando as carêtas:

— Mata-rato.

Enquanto não apareciam mais garotos para a brincadeira de bandidos, arranjava divertimentos para passar o tempo. Um poço de idéias: amarelinha, jiu-jitsu, chicote-queimado, corrida ao Cine Pio X para ver os cartazes da série:

(Cont. na pág. 46)

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

Não há distinção de cores e essa
jovem participou como os de-
mais dos trabalhos que se de-
senvolveram por cinco dias no
Distrito Federal





Eles são os "donos do mundo". Pararam os relógios. E a própria rotação da terra, dir-se-ia que foi interrompida

ÊLES SÃO A ESPERANÇA DO MUNDO

ENTUSIASMO E ALEGRIA NO III CONGRESSO INFANTO-JUVENIL DE ESCRITORES ★ A JUVENTUDE GOSTA DE MÚSICA ★ OS TEMAS DO CERTAME ★ UMA LIÇÃO AOS PROFESSORES ★ "CONSTATAMOS A AUSÊNCIA DO AMOR NO CORAÇÃO DOS HOMENS" ★ "É PROIBIDO XINGAR OS COLEGAS DE V. EXCIA." ★ PARA ONDE SE VOLTAM OS OLHOS DO MUNDO ★ AS CONCLUSÕES

Reportagem de MILTON PEDROSA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

QUEM entrasse um dia desses no edifício do Instituto de Educação daria de frente com um quadro negro, onde se liam, numa letrelinha insegura e irregular, essas palavras: "Aviso. É expressamente proibido xingar os colegas de excia."

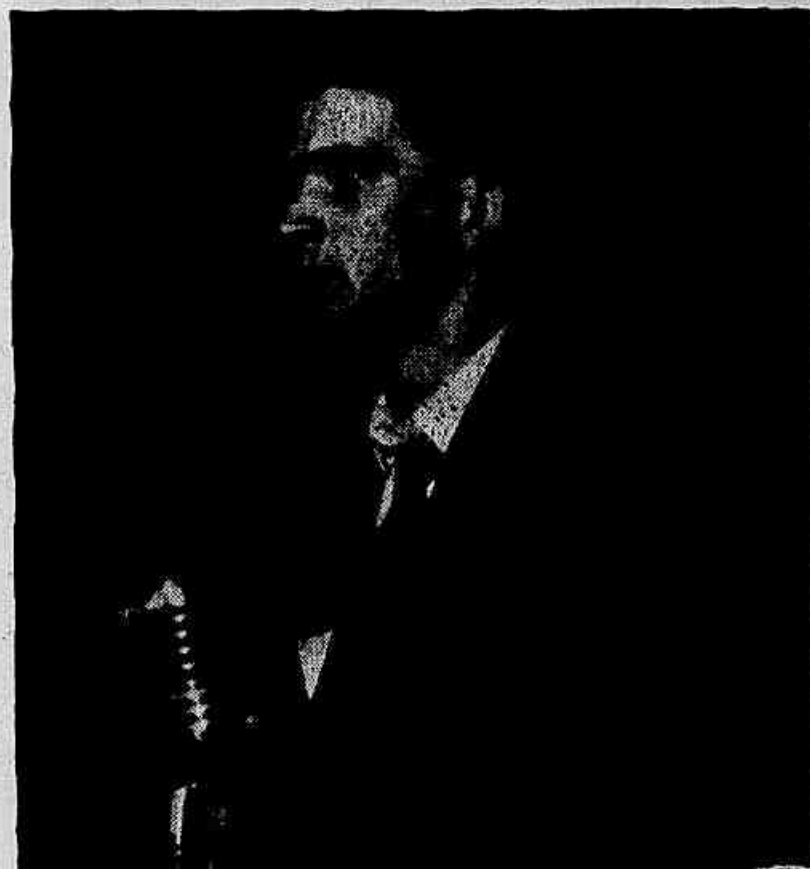
É que ali se realizava o III Congresso Infanto-Juvenil de Escritores, um congresso de jovens, portanto; um congresso em que as idéias não eram limitadas pelas conveniências e por isso com margem para muita discussão, inúteis ou não, mas discussões, debates, enfim.

E um deles, logo na primeira sessão, girou em torno do tratamento entre os congressistas. Houve várias teses nesse sentido, mas venceu o tratamento de v. excia. Poderia ter sido outra, pois que entre a mocidade outros existem e bem poderia ter sido o de você, vossa senhoria, companheiro, camarada, colega, amigo, irmão, que de

multos modos se tratam os jovens. Mas venceu o v. excia., e vá lá alguém distrincar as razões da preferência. Não foi uma vitória por unanimidade, houve uma minoria derrotada, minoria que, a poder de giz, transferiu para o quadro negro da entrada do edifício do Instituto de Educação o seu protesto, irônico e simples, mas protesto, afinal.

OS TEMAS DO CONGRESSO

Mas não foi apenas esse o tema de debates. Outros e de importância foram discutidos e conclusões foram apresentadas, pois a seriedade presidiu sempre os trabalhos desses jovens. Lembremo-nos dos congressos anteriores — o primeiro por iniciativa dos paulistas, organizado por dona Lenira Fraccaroli e o segundo pelos mineiros, sob a orientação de Vicente Guimarães e da profes-



O presidente não tem o direito de sentar-se: um descuido e adeus ordem no plenário. Repetem-se as interpelações e os pequenos incidentes



Um flagrante de Lellah Borman, da bancada do Distrito Federal, quando abordava um assunto sério



Pimenta pede a palavra para desencadear uma tempestade no cenário encantador de mocidade e esperanças



A secretária tem que repetir a leitura de teses e indicações. E' Maria Luiza Nardell



João Francisco Gonçalves é do Espírito Santo. Ardoroso e combativo, participa das discussões



Esta congressista pensa mais do que fala. E parece que os seus pensamentos não estão naquele recinto trepidante



E' sério o problema em debate. E ele fixa a atenção no orador que acende os debates, aguardando a sua vez



O sorriso é da mocidade e, sobretudo, fica bem à mulher. A gravidade dos problemas não impede um pouco de bom humor



Este é mais meticoloso. Escuta, faz seus cálculos antes de falar. Não há pressa. Nada de improvisações



Teresa Cristina, carioca, olha assim como quem vai contestar alguma coisa que estão dizendo



Ramalana Gazinelle, da delegação de Belo Horizonte, tinha experiência de outros congressos



Alguém disse uma piada e a congressista olhou o livro para disfarçar, porque o volume está de cabeça para baixo



Este é sério mesmo. Certamente defendeu o tratamento de "vossa excelência" vitorioso afinal



E no conclave também havia tranças, óculos, discrição, malícia, prudência porque a ele compareceram temperamentos e figuras diversos



Um sorriso de boa vontade e confiança caracteriza a atitude deste menino. Flagrantes como este eram comuns

Exito a contagem de votos!
brada esse jovem congressista de
espírito combativo, enfrentando a
resolução da Mesa



João Felisberto Pimenta, da delegação de Belo Horizonte, está sempre ainda mais aceso se mantém o debate, participando ativamente.



Ila Marcondes de Vasconcelos tem dez anos e foi a mais jovem congressista. Apresentou tese que defendeu com brilho

sôra Célia Brandão Lobato. O terceiro congresso não quebrou a orientação primitiva. Rezavam seus estatutos sobre suas finalidades: incentivar a criação literária infanto-juvenil, promovendo a publicação de suas criações; encarecer a necessidade de maior número de centros de cultura para crianças e jovens, tais como grêmios, bibliotecas e discotecas; apresentar sugestões aos escritores para a melhoria da literatura infanto-juvenil e incentivar o intercâmbio cultural entre os jovens. Isso, entretanto, não se poderia obter assim a esmo e foi, então, organizado o temário, compreendendo os seguintes pontos: 1 — Livros didáticos de hoje; 2 — A poesia, a criança e o jovem; 3 — O teatro para crianças e jovens; 4 — O jornalismo por crianças e por jovens, e 5 — A radiofonização e a literatura infanto-juvenil. Sobre as conclusões a que chegaram, após seis dias de debates, veremos adiante, pois que essas conclusões devem ser levadas em consideração, pelo menos é o que esperam os pequenos escritores, um dos quais, agradecendo a presença de um professor durante os debates, observou: “— Espero que o senhor aproveite alguma coisa.”

ELES SÃO O CENTRO DO UNIVERSO

Mas assim são os jovens. Ali estavam mais de uma centena deles, discutindo sérios problemas. Não eram mais apenas simples estudantes, com mesada garantida pelos pais, com entrada e hora certa de saída em casa ou na escola. Não. Nada disso. Eram os donos do mundo, o seu centro,



A prof. Denise Tavares, chefiou a delegação balana. É a pioneira das bibliotecas infantis na sua terra



Este congressista usa a palavra para clamar contra a censura teatral feita pelo governo



Esta é a combativa bancada campista. Mas foi a que menos lutou pela ordem no certame

enfim, e em torno deles giravam todos os problemas e eis, pois, a razão de sua veemência. Voltados para eles estão todos os olhos, pararam tôdas as atividades, não mais circulam ônibus nas ruas, fábricas não funcionam, os homens pararam de lutar, pararam mesmo os ponteiros dos relógios e até parou a rotação da terra, pois que ali se resolvem os problemas do mundo. Assim pensam os jovens e daí a razão do seu entusiasmo, da energia e da confiança que em tudo põem. Por isso, aquele pode gritar, com ares de quem é dono do mundo:

— Exijo a contagem de votos.

E' verdade que se estabelece então a confusão, mas isso acontece porque todos são animados da mesma juventude e porque são muitos. Ao todo mais de cem. Mais de cinquenta são do Distrito Federal, 33 vieram de Belo Horizonte, 21 representam S. Paulo, 7 da Bahia, 13 de Juiz de Fora, 5 são de Campos, no Estado do Rio, 3 vêm de Pernambuco, 8 procedem de Espírito Santo, 1 é de Uberaba, e mesmo do Amazonas está ali um representante. Regula o mesmo número de meninos e meninas, de jovens entre dez e vinte anos. Na capital do país, se reuniram para debater seus problemas e é bom que assim façam, que cedo comecem a discutir os problemas que o Brasil oferece para que os decifremos. Mas nem só isso fizeram. No intervalo das sessões plenárias muito visitaram eles, que andaram por bibliotecas e museus, por escola de belas artes e institutos de música, visitaram amigos, parentes e mesmo foram a cinemas e se divertiram, que isso é próprio da juventude.

OS JOVENS NÃO QUEREM GUERRA

Não nos cumpre aqui falar dos que se destacaram, pois seria um nunca acabar de citações; uns, pelas teses apresentadas; outros, pelo ardor oratório; outros, ainda, pela firmeza, pela argumen-

tação. Diremos apenas de algumas idéias, que surgiram quase como surpresa no congresso dos jovens, coisas muitas que passaram despercebidas para a própria imprensa, e que — diga-se de passagem — pouca atenção deu ao certame. Se não fosse isso, teria notado inclusive que a discussão política interessa aos jovens, como aquele que chamou a atenção de seus companheiros para o fato de que "o fascismo busca firmar pé, em uma nova investida pelo obscurantismo, unido aos pescadores de águas turvas".

Mas vale a pena ouvi-los, porque, além das conclusões tiradas das teses apresentadas, outras idéias e esperanças saíram daqueles corações juvenis e uma delas é um grito contra a guerra. Convém mesmo transcrever uma passagem da oração pronunciada no Instituto de Educação por um dos congressistas. Ele começa prevenindo: "O que dissermos nesse congresso haverá de ser ouvido. Temos ao nosso lado as armas dos simples e dos sinceros, o desprendimento daqueles que sabem o que querem". E, adiante, com voz forte, afirmou: "Postos frente ao mundo, os nossos olhos encontram um espetáculo deplorável. Não entendemos o que se passa. Não sabemos o porque do caos e tememos ser mergulhados nele. Nascemos depois de uma guerra, crescemos em atmosfera pesada e durante seis anos fomos duramente sacudidos pela mais cruel carnificina de que se tem memória. Os nossos brinquedos eram revólveres, capacetes de aço e metralhadoras. Quando liamos, encontrávamos somente encorajamento à matança. E agora todos assistem ao prenúncio de nova conflagração. Perguntamos: onde estão as promessas de um mundo melhor que nos foram feitas?"

Eis aí uma voz juvenil que se levanta contra aquilo que os grandes já esqueceram: a carnificina de que resultaram milhões de crianças abandonadas pelo mundo. Essa voz brasileira foi uma

(Cont. na pág. 52)



Neca de Congresso para esses dois... Para ele, a solução de todos os problemas do mundo está no parquinho de olhos na sua frente... Para ela... bem, ele está de óculos



A mesa que presidiu a sessão de encerramento, vendo-se o prof. Clóvis Montelro



A sessão de encerramento do Congresso teve lugar no edifício do Ipase, onde foi apanhado este flagrante

LUIZ ALÍPIO DE BARROS



Jennifer Jones

CASAMENTOS CINEMATOGRAFICOS

AINDA bem não havia acabado de se divorciar de Errol Flynn, a bela Nora contraiu novas nupcias, com outro ator de cinema e também famoso cantor. Ora, leitores, Nora casou-se com Dick Haymes, que por sua vez havia se divorciado da nova "estrela" Joanne Dru ("Rio Vermelho"). Tudo foi muito rápido, e sem tanta exploração por parte das agências noticiosas.

Mais barulho houve com Jennifer Jones (ex-senhora Robert Walker) e o produtor David O. Selznick, que foram se casar lá na Itália, depois de um velho e comentadíssimo romance.

Jennifer Jones é estrela contratada de Selznick e sempre a imprensa especializada olhou para o casal como um par de namorados à espera de uma oportunidade. A oportunidade veio agora, com um casamento na romântica península, novo Mundo descoberto por Hollywood. Enquanto isso, o ex-espôso de Jennifer, Robert Walker, não anda passando muito bem da cabeça. Esteve durante vários meses em um sanatório de doentes nervosos.

Nasce um círculo de estudos cinematográficos

UM grupo da imprensa cinematográfica da Capital Federal — Antônio Moniz Viana, do "Correio da Manhã"; Hugo Barcelos, do "Diário de Notícias"; José Francisco Coelho, do "Jornal de Comércio"; José Amadio, de "O Cruzeiro"; Pedro Lima, de "O Jornal" e "Diário da Noite"; Leon Eliachar, de "A Cena Muda"; Alex Viany e Carlos Fernando, de "Filme"; Salvyano Calvanti de Paiva, Oswaldo Marques de Oliveira (Jornal), de "A Noite", e o signatário desta seção — resolveu fundar o "Círculo de Estudos Cinematográficos", entidade que iniciou seus trabalhos com a exibição de "Les enfants du paradis" (O boulevard do crime), película francesa dirigida pelo grande Marcel Carné, e ainda inédita no Brasil, no dia 21 deste mês.

Sobre o CEC temos recebido uma série de perguntas, e por que não dizer, de insinuações também. Há no Rio de Janeiro uma Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, da qual somos um dos fundadores, e há também um clube de cinema da Faculdade de Filosofia. Não faz muito foi fundada uma Associação do Cinema Brasileiro. Nenhuma destas entidades, quando fundadas, mereceram comentários ou suspeitas por parte dos integrantes da vida cinematográfica brasileira.

Por que então as dúvidas de um ou dois amigos da cinematografia com respeito ao nosso "Círculo de Estudos Cinematográficos"?

Mas, o que é o "Círculo de Estudos Cinematográficos"? Qual a sua finalidade? É fácil de explicar. O "Círculo" não passa de uma entidade de caráter educativo, visto que o que lhe interessa é o estudo e a divulgação do cinema nas suas bases puramente artísticas, e não foi fundado com o intuito de criar rivalidades nem discórdias. O cinema como Arte é o objetivo único do CEC, e as partes do CEC estão abertas a todos que desejem estudar o cinema sob o ponto de vista exclusivamente artístico.

Através de conferências, exibições de filmes básicos da história do cinema e talvez até de experiências e cursos, o Círculo de Estudos Cinematográficos se propõe a estudar e difundir o cinema não somente nos seus aspectos estéticos, filosóficos, históricos, etc., como também despertar no público o interesse por certos conhecimentos que o tornem um espectador que vê em um filme alguma coisa mais que um simples passatempo. É um objetivo que o grupo que fundou o CEC pensa alcançar. Para isso será necessário muito espírito de luta e esforço pessoal. O grupo sabe dos obstáculos

que tem que enfrentar, mas sabe também que tudo tem que vir a seu tempo. Com paciência e trabalho talvez se possa alcançar muita coisa de útil. O CEC não pretende reformar nem ditar normas; deseja apenas colaborar um pouco em prol da Arte cinematográfica, tão abandonada no Brasil.

Finalizando, queremos acentuar que o CEC absolutamente não se interessa pela política cinematográfica, tão comum em nossos meios filmicos. Há a Associação Brasileira de Cinema, em boa hora fundada, que poderá defender com eficiência os interesses dos que fazem e vivem do cinema em nossa terra. E existe também a ABCC, que poderá desenvolver uma campanha séria em defesa da indústria filmica nacional. Os componentes do "Círculo", que são na maioria sócios da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, podem muito bem apoiar esta campanha através de suas colunas em jornais e revistas. Quanto a CEC, entidade, ficará apenas com os aspectos estéticos, filosóficos, históricos, etc., do cinema. Que é muita coisa.

Pelo menos assim pensa o signatário desta seção, que explana aqui unicamente conceitos pessoais.

Flagrantes de Hollywood



A ENCANTADORA Jeanne Crain, antes de entrar em filmagem, chama a cabeleireira do estúdio para ajeitar os seus lindos e sedosos cabelos... Ela vem aí em "Quem é o infiel?"



LINDA DARNELL é fã indiscutível da literatura clássica. Aqui, num intervalo de filmagem, ela folheia a edição norte-americana da "Divina Comédia", de Alighieri



A LINDA Barbara Lawrence e sua "stand-in" estudam os papéis antes de entrar em cena. Barbara Lawrence tem um papel de destaque no filme "Quem é o infiel?" (A letter for three wives)

NAS TELAS

"O PINTOR DE ALMAS"

A volta de Lewis Milestone à comédia. Não chega a ser uma película com os mesmos predicados de "Minha vida com Carolina", película onde o genial diretor de histórias de guerra ("Sem novidades na frente", "Um passeio ao sol", "Mais forte que a vida"), abordou com muita segurança o gênero humorístico, mas este "O pintor de almas" tem mesmo os seus bons momentos e merece uma ida ao cinema tão cheio de más películas norte-americanas. Direção boa, e boa fotografia. Interpretações seguras de Dana Andrews, Lilli Palmer e Louis Jourdan (o melhor dos três). Película da Enterprise, distribuída pela Metro Goldwyn Mayer.

"RUA SEM NOME"

Mais uma boa película da série de semi-documentários policiais e de espionagem que a 20th Century Fox está realizando. Um pouco inferior a "A casa da rua 92" e "Sublime devoção", mas ainda assim um filme que

faz com que a gente lembre os bons tempos do cinema norte-americano. William Keyghley é um técnico e um mestre no gênero policial. Sua direção, por conseguinte, é segura e vibrante. Lloyd Nolan e Mark Stevens estão à vontade dentro de seus papéis. Mas quem rouba o filme ainda uma vez é este excelente Richard Widmark, um completo ator de cinema. Filme da 20th Century Fox.

OUTROS FILMES

Dos restantes filmes que encheram a semana da Cinelândia, somente "Es-cravas do amor", que vem batendo recordes, merece ser visto. Sobre os outros — um incrível "Defensor romântico", um fraco "Chega de milhões", uma insípida "Tosca" — não vale a pena perder espaço. Podemos salientar apenas a reprise de "O castelo do homem sem alma", película inglesa extraída do romance de A. J. Cronyn "A família Brodie". A direção de Lance Comfort é medíocre, mas há o trabalho interpretativo de Robert Newton, um dos maiores atores do cinema.

DE TODO O MUNDO...



DE LONDRES — O flagrante acima, distribuído com exclusividade para a REVISTA DA SEMANA pelo British News Service, mostra o famoso ator britânico Robert Donat e a "estrela" Glynis Johns, à saída da *avant-première* do filme "An ideal husband", da London Film Production. Robert Donat e Glynis Johns interpretam os principais papéis da película. E já que falamos em Donat, podemos informar que ele será o principal intérprete de um filme de Sir Alexander Korda, cujo título está garantido: "The Winslow Boy". E agora perguntaremos aos distribuidores de filmes britânicos no Brasil: onde anda o tão falado "Coronel Blimp", película interpretada por Donald e que não tomamos conhecimento no Brasil? O público brasileiro agradecerá se algum distribuidor se lembrasse de trazer para cá tão comentada película (comentada pela imprensa britânica e pela

imprensa norte-americana, é claro).

Seiscentos filmes completos, representando mais de um milhão e meio de dólares, foram atingidos pelas chamas durante um gigantesco incêndio que devorou o edifício da "Columbia Pictures" em pleno coração da capital do México. Vinte e quatro pessoas foram atingidas por queimaduras leves e contusões. Acredita-se que o sinistro tivesse como causa um curto circuito ou imprudência no Departamento de Expedições para o estrangeiro.

Harry M. Warner, destacada personalidade do mundo cinematográfico, foi agraciado pelo governo da Itália com a "Estrêla da Solidariedade Italiana", pelas atividades que desenvolveu como presidente do comitê que percorreu todos os Estados Unidos angariando donativos para o "trem da solidariedade" enviado àquela nação. A condecoração é a mais alta concedida pelo governo peninsular a um civil. Recentemente Warner foi nomeado oficial da Legião de Honra francesa, também pelas atividades concernentes à remessa de um "trem da solidariedade" à França, no ano passado.

A película norte-americana "A cortina de ferro", da 20th Century-Fox, está despertando uma série de tumultos nas suas exibições em alguns países europeus, principalmente na Itália e na França, onde é bem alto o número de comunistas.

Segundo notícias de Santiago do Chile, a película italiana "Paisá", de Roberto Rossellini, marcou um notável sucesso de bilheteria quando do seu lançamento na capital andina.

PANELINHA

Na seção "Queixas e reclamações", do "Diário de Notícias", desta capital, encontramos este tópico:

"Moradores da rua Haddock Lobo, nas proximidades do n.º 437, onde se acha localizado o "Cinema Brasil", de propriedade do sr. Luis Severiano Ribeiro, queixam-se que aquela casa de espetáculos, fechada há mais de 12 anos, transformou-se num verdadeiro parquinho, cheio de enormes ratazanas que constituem motivo de constantes receios por parte dos reclamantes, principalmente às crianças, além de ser um perigo para a saúde dos que ali residem. Além disso, o terreno, completamente coberto por um alto capinzal, com água estagnada, e cheio de mosquitos, foi por sua vez transformado numa verdadeira "sapucaia". E perguntam os reclamantes: "Havendo falta de um cinema naquela altura da rua Haddock Lobo, por que o sr. Luis Sereriano Ribeiro não reabre aquela casa? Ou, pelo menos, por que não cuida melhor de sua propriedade?..."

O Silveira Sampaio passou no "Corredor do Veneno" e disse que estava terminando o seu "As sete viúvas de Barba Azul". Disse mais que estava fazendo o seu filme na casa de um amigo e de outro. Vamos ver que o filme, feito sem estúdios e outras coisas, vai sair melhor de que muitos feitos com orçamentos grandes e outros apoios materiais.

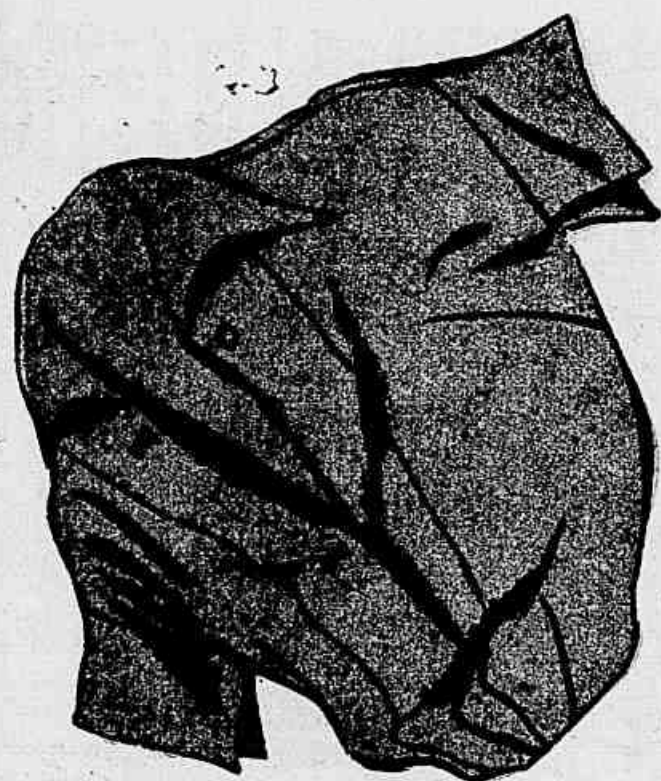
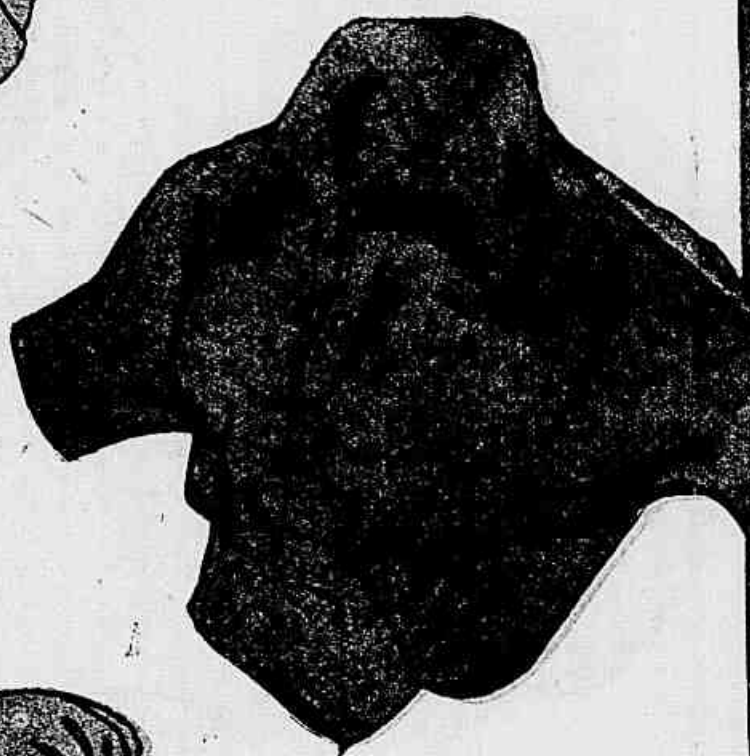
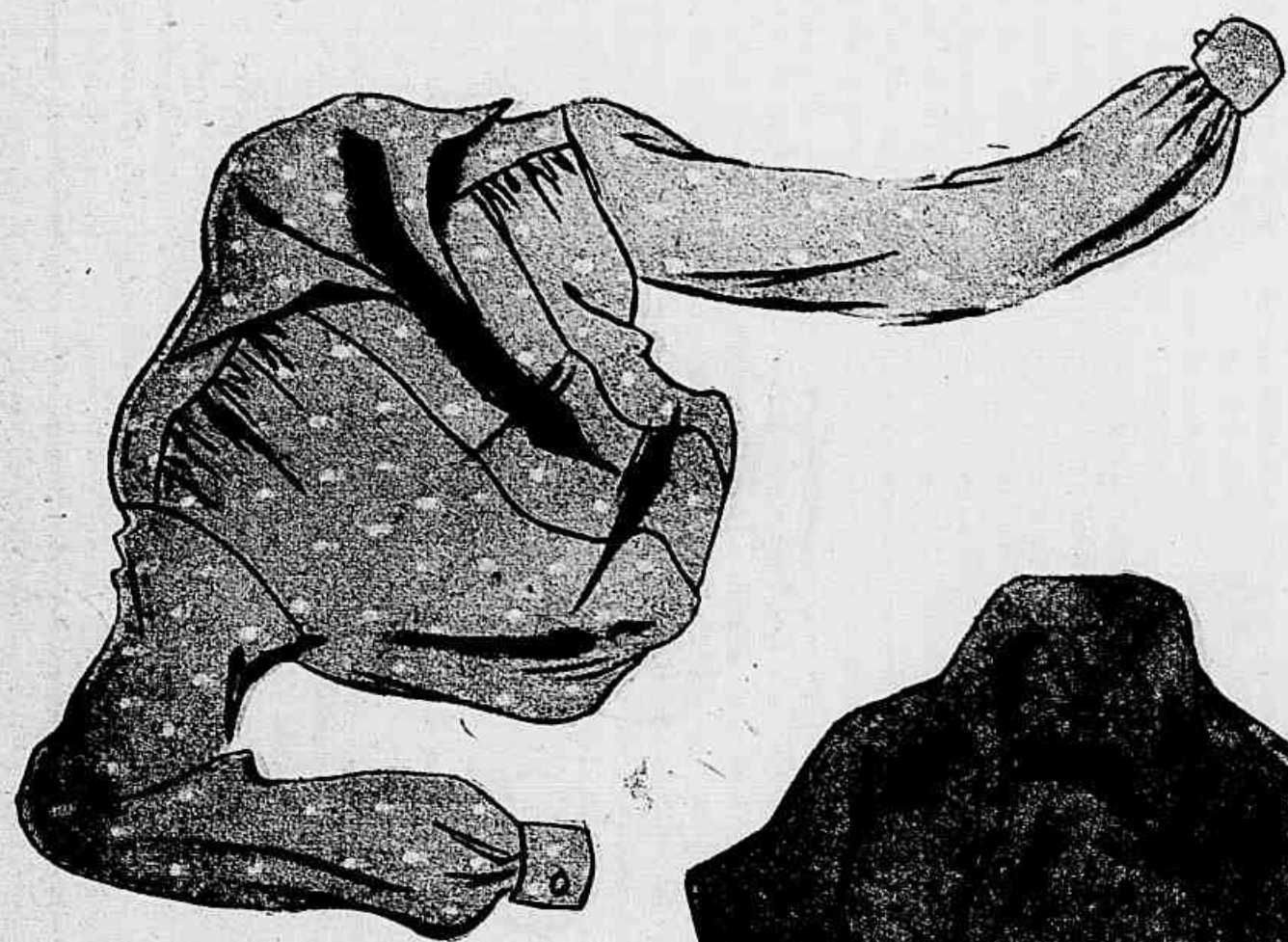
A polícia agora deu para controlar as lotações nos cinemas. Está muito bem que ela faça isso, se é para o bem do público. Mas acontece que a polícia precisa controlar também, e com urgência, a distribuição, em suas repartições, de permanentes que dão direito a entradas em cinemas, teatros e outras casas de espetáculos. E' assustador o número de caronas policiais. Em dia de estréia, no Metro, por exemplo, alguns fiscais chegaram a contar de uma feita mais de 300 penetras munidos de carteirinhas distribuídas pela polícia e pelo Juizado de Menores. E' o cúmulo. O general chefe de Polícia precisa ver como anda este negócio. Uma vergonha.



O MAIS RECENTE FILME DE ALDO FABRIZI E' da mais recente película do famoso homem de cinema italiano Aldo Fabrizi a fotografia que estampamos acima. Trata-se de uma película em que Fabrizi, além de fazer o primeiro ator, acumulou o trabalho de direção. "Emigrantes" é o título do filme, e conta a história de uma leva de italianos que vem procurar na América do Sul a terra da promessa. O filme, como já dissemos, tem Fabrizi como primeiro ator e como diretor. Nando Bruno, Ave Ninchi e o argentino Ivan Grondona são as outras figuras principais do elenco. A película apresenta cenas rodadas na Itália, em um navio de emigrantes e na América do Sul. Ao que fomos informados, a película foi adquirida para lançamento no Brasil pela companhia distribuidora Europa Sul América Filmes



ANITA GARIBALDI Vai ser filmada a vida de Anita Garibaldi, a notável e inconfundível heroína brasileira. A película, que será adaptada do livro do sr. Valentin Valente, terá cenas tomadas no Brasil e na Itália. Do organizador geral da película, comendador Goffredo D'Andrea, recebemos a fotografia acima, na qual o comendador aparece (o terceiro, da esquerda para a direita) ao pé do monumento da heroína brasileira, em Roma, entre os seus mais íntimos colaboradores na realização da película, srs. Renato D'Andrea, Piero Caserini e Romolo de Martino. O filme sobre a esposa de Garibaldi aparecerá com o título de "Anita Garibaldi, heroína por amor"



BLUSAS MODERNAS

AS blusas não são, atualmente apenas complemento de um traje esportivo, servindo também para trajes mais "habillés" quando os seus tecidos mais caros e os seus feitios mais rebuscados fazem-nas rivalizar com os mais elegantes vestidos. Aqui apresentamos alguns modelos de blusas esportivas e outras "habillés", as últimas confeccionadas em cetim, jersey de seda e mousseline.



sentados são todos êles próprios para o inverno, bastante elegantes, destacando-se entre êles, a sugestão que se vê ao alto, à esquerda, um notável "tailleur" em lã cinza com aplicações em veludo negro ou azul-marinho.



ELEGANTES

OS modelos aqui apresentados, representam as mais modernas criações de Molyneux, Schiaparelli, Christian Dior, Robert Piguet, Balenciaga, etc., e revelam as atuais tendências da moda. Como vêm, não há uma linha única, mas uma grande variedade que permite à mulher escolher sempre aquilo que melhor se adapte ao seu tipo físico. Os modelos aqui apre-





"Le passé ne meurt jamais complètement pour l'homme..."
F. de Coulanges

CONTO DE JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIRÓS

ELA chegara num dia de chuva, dentro de um vestido preto, muito magra e sem graça. Semanas antes, enviara-nos uma carta onde pedia licença para ficar algum tempo conosco. Mamãe fizera cara desconsolada, papai, bonachão, rira-se, pilheriando. E os quinze dias decorridos após chegada da carta foram inteiramente dedicados à prima Adelaide.

A vida monótona a que nos habituáramos pouca coisa de interessante apresentava; assim, a visita de um parente há tanto tempo esquecido, revolucionara-a por completo, fizera-nos deixar de lado pragmáticas antiquadas, entregando-nos a frequentes discussões.

Mamãe lastimava-se, sugeria que nos mudássemos temporariamente a que o velho acudia em seu eterno bom humor:

— Mas, não é tua prima, Isabel?

— Prima!... Há quanto tempo não a vejo?!

Deixava-me ficar quieto, gozando a novidade e imaginando, com meus botões, que a tal prima deveria ser alguma criminosa a procura de refúgio.

Naquela época, molecote de grupo, lera, às escondidas, uns romances em folhetim que mamãe comprava ao turco nosso vizinho. Eram aventuras fantásticas, cheias de subterrâneos, cassinos e mulheres que fumavam.

Foi tão grande a influência que sobre mim exerceram as referidas histórias, que não podia ver um tipo menos comum sem que por meu cérebro desfilasse longa tragédia. Em aula, muita vezes, sentia o peso da regua de seu Angenor, por causa de uma cicatriz que nosso mestre apresentava à altura do olho esquerdo. Portanto, nada mais propício que a chegada de prima Adelaide. Felizmente, era dezembro, período de férias, e escapei das célebres reguadas.

Os dias foram passando, vagarosos

para minha impaciência, mas rápidos, muito rápidos para mamãe. De manhã à noite, ouvia-se-lhe a voz, e seus olhos negros enchiam-se de indignação.

— "Ora, vejam só! Nunca se lembrou da gente, durante quase trinta anos; e, agora, com o maior desprazo, avisa-nos que vem morar aqui!"

— Mas, ela pediu licença, Isabel.

— Bonita licença!...

A notícia saiu correndo de porta em porta. Num repente, toda vizinhança comentava.

— Uma prima!

E as línguas de trapo:

— Essas primas de última hora...

Apesar das contestações, mamãe não conseguia esconder uma pontinha de orgulho, por se ver tão procurada de hora para outra.

Naquela cidadezinha, isenta do frenesi de capitais, onde a vida se mostrava igual desde primeiro de janeiro a trinta e um de dezembro, o povo, sem outras grandes diversões, matava o tempo tagarelando, criticando os próprios amigos ou fazendo planos para as festas de igreja.

Toda noite, impreterivelmente, quando os homens regressavam do serviço, acendiam-se as varandas, e até onze, e pouco, as línguas trabalhavam sem parar. Os homens metiam-se em política, criticavam o governo, lamentavam a sorte do "querido Brasil". As mulheres interessavam, sobretudo, "gaffes" cometidas pelas amigas, que se mostraram num enterro com vestido alaranjado ou se pintaram demais para a procissão de Santa Rita.

Meus pais, pouco ou nunca, frequentavam essas reuniões, o que deu origem

a uma série de conjecturações nas quais mamãe era apontada como vítima de ciúmes violentos. Restringiam-se a nos dirigir cumprimentos e ligeiras palavras trocadas por cordialidade.

Entretanto, a visita de uma parenta "expulsa da família" atraía toda aquela gente gulosa de novidade.

A mulher do turco, dona Euzébia da esquina, dona Florinda, dona não sei mais quem, uma a uma ou todas juntas (o que era terrível, pois falavam ao mesmo tempo) vinham, sob pretexto de uma vizinha, saber alguma coisa da prima Adelaide. Mamãe descrevia-a com reticências e pigarros, deixando as curiosas muito excitadas.

— Adelaide, filha de meu tio Eustáquio e de uma... (olhos arregalados)... portuguesa bonitona...

E a vida, para nós, mudara completamente. Não tínhamos mais hora para comer nem para dormir. Também, nossa varanda passou a ser iluminada, todos os dias, depois das sete.

Foi assim, em meio de toda essa agitação, que a prima Adelaide chegou.

Chegou pelas quatro horas, debaixo de aguaceiro terrível.

Desde manhã, andava, por toda casa, a atmosfera inquietante das grandes expectativas. Mamãe metera-se num vestido cor de chumbo feito especialmente para festas religiosas; papai não fora trabalhar. Sobrecarregaram-me de recomendações: que fizesse cara bonita ao receber algum carinho, que me conservasse calado, respondendo o estritamente necessário. As vizinhas, muito cedo, plantaram-se às janelas, olhos fitos no largo da igreja. Nossa prima teria re-

cepção superior à do presidente que, meses atrás, visitara a cidade.

Mas, que decepção!...

Tanto barulho, tanta coisa para, ao abrir-se a porta, vermos, diante de nós, u'a mulher ossuda, óculos e cabelos grisalhos enroscados em tranças que lhe aureolavam a cabeça.

Abraçou meus pais com desembaraço e, passando-me a mão pelo queixo, perguntou:

— E' este o teu filho?

Conduzimo-la ao quarto que ficava no sótão. Eu subia as escadas, desiludido. A prima não tinha cara de assassina! Isso aborrecia-me sobretudo, pois desejava pôr em prática minhas habilidades de detetive, mostrar que não era mais o garoto que "salu dos cueiros, ainda ontem".

Consolava-me, porém, a idéia de que dentro em pouco, iria conhecer a vida da hóspede inesperada.

Aguardava, ansioso, a hora do jantar (hora em que se conversa amistosamente) pois, na certa, ela teria que apresentar alguma explicação.

Para maior desapontamento meu e dos outros, prima Adelaide nada disse que nos satisfizesse a curiosidade. Recordou passagens da infância, travessuras, viagens, tudo com muita intimidade, como se vivessemos juntos há longo tempo. De vez em quando, soltava uma gargalhada estrepitosa e, logo em seguida, num suspiro, o conhecidíssimo "Ah! meu Deus!"

Meus pais entreolhavam-se admirados, a indagarem o motivo daquelas expansões um tanto bruscas. Por fim, mamãe aventurou uma pergunta tímida:

— Que foi que te trouxe até nós?

Ela quedou-se, ligeiramente perturbada. Respondeu:

— Águas passadas não movem moínho, minha filha. Para que recordar o que está liquidado?

E noutro tom:

SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

(Cont. na pág. 46)

O MISTÉRIO DE ADELAIDE

CASA Festas

Inaugura suas novas

INSTALAÇÕES



A CASA FESTAS, tradicional organização especializada em uniformes para as classes armadas, coulots e roupas de montaria para civis e militares, fardamentos para bancos, companhias, edifícios, hospitais, bandeiras de nações, clubes e demais artigos, acaba de inaugurar novas e luxuosas instalações onde expõe a variedade enorme de seu escolhido e selecionado estoque. Convidando seus clientes a visitar as novas instalações, a CASA FESTAS, nesta oportunidade, orgulha-se em poder dedicá-las ao conforto e comodidade de seu grande público.



CASA FESTAS, TECIDOS, COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

Sede: Av. Almirante Barroso, 24 — loja
Sucursal: Av. 13 de Maio, 64-B — loja





— Não é nada, não. Ele está apenas consultando o mapa da China.

BOM HUMOR



— Cafézinho, querido?



— Essa é boa, encomendei uma capa e veja o que me mandaram.



— BUUUUH!!!



TOM
HENDERSON

— Que pena não tê-lo convidado para jantar há mais tempo. Vejo que aprecia tanto "spaghetti".





Franquito, Maria Cristina, Maria Fernanda, Maria Ester e Carlitos, no dia da celebração do sexto aniversário natalício. (Da esquerda para a direita). Em baixo: Numa fotografia tirada em sua casa, os cinco irmãos Dilligenti se mostram vitoriosos como competidores das Dione. A esquerda: Festejando o sexto aniversário, os cinco irmãos argentinos recebem presentes de livros e procuram lê-los com a amiguinha que os visita.

CINCO A CINCO

FOTOS KEYSTONE

QUANDO vieram ao mundo as famosas irmãs Dione, no Canadá, as maiores revistas do mundo, jornais cinematográficos, a imprensa e o rádio celebraram o acontecimento como um dos mais sensacionais episódios da fertilidade humana. Aquelas garotinhas cresceram cercadas de todos os cuidados do governo, recebendo os seus pais toda a assistência, de maneira que nada lhes faltasse para o crescimento normal e sem crises.

Era tal o interesse público em torno das recém-nascidas do Canadá que se mantinha um cordão de isolamento na casa em que vieram à luz, cuidados esses que se mantiveram até bem pouco tempo. Turismo no Canadá que não incluísse uma visita às Dione, não era turismo.

Mas, em 1943, houve uma réplica na América do Sul ao fato canadense. Nasceram na Argentina cinco crianças, e desta vez os bebês se dividiam em sexos: dois garotos e três garotinhas!

No Canadá os cinco recém-nascidos eram todos do sexo feminino; na Argentina, houve divisão, tornando-se mais interessante, portanto.



O governo portenho tomou a si encargos a favor do casal que repetia um episódio raramente verificado na sociedade humana, de maneira que os pequeninos quintuplos da família Dilligenti, puderam criar-se e desenvolver-se normalmente, estando hoje com seis anos de idade, fortes, sadios e felizes.

NÃO DEIXE DE LER!

A CENA MUDA

EM SUA NOVA E PALPITANTE FASE
OS SEGREDOS DA FILMAGEM — Indiscreta reportagem de Salvyano Cavalcanti de Paiva.

ESTRELAS INVEJADAS — Um artigo de Ramon Peón, diretor argentino.

LABIOS QUE ESCRAVIZAM — Uma intensa história de amor e aventura, vivida por Robert Taylor, Ava Gardner e John Hodiak, numa novelização do filme do mesmo nome.

O HOMEM QUE EU DESPOSEI — Um artigo de Elisabeth Young, esposa de Robert Young.

TELAS DA CIDADE — Comentários sobre os mais recentes filmes estreados no Rio.

INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA — Uma entrevista com Henrique Pongetti.

GALERIA DE ASTROS — Fotografias de Viveca Lindfors, Louis Jourdan e Ruth Ruman.

MELODIAS PARA VOCÊ — Últimas novidades em letras de foxes, sambas e boleros.

CINE-TESTE — Um curioso e divertido passatempo.

YVONE DE CARLO — Traços biográficos da "estrela" com farta ilustração de sua residência.

SEÇÕES COMPLETAS — Rádio, Teatro, Música e Jazz.

E MAIS... Mexericos, Curiosidades, Flagrantes, Crônicas, Comentários, etc.

A CENA MUDA

A REVISTA DO FÂ
HOJE EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS

UMAS FÉRIAS

(Cont. na pág. 31)

— Quem chegar no fim é filho sem pai!

E agora aqueles dias vazios, o cadeadozinho de cobre estragando as minhas férias. Do portão eu via a praça linda estender-se à minha frente, verde da arborização, a imponência da igreja branca tapando o céu, a praça muito mais atraente agora que estava proibida. Dias compridos em conversas com Leonora, ou folheando revistas, sobre a colcha de croché que fazia marcas nas minhas coxas e nos meus cotovelos. Só aos domingos pela manhã o cadeadozinho se abria para mim. Esperava esse momento, olhando com inveja a rica liberdade de Jacques, na praça. Ele descalço, em correrias. E eu, em pé por trás do gradil de ferro, com minha estúpida roupa de palha-seda e sapatinhos alvos da primeira comunhão, esperando mamãe e Leonora para a missa das nove.

VIVER COM AMOR

(Continuação da pág. 11)

— Estamos em 1940, Carol, e grandes acontecimentos estão desabando sobre o mundo, que somente Deus sabe em que vão dar. Você, antes, estava vivendo uma vida de amor, já fora mais jovem em sete anos e senhora de mais tempo, evidentemente. O tempo não corre depressa se você está em seus sonhos primaveris de dezesseis aos dezenove... Tudo então corre muito bem: amor, esperança, política doméstica, briguinhas... Mas já agora é diferente para você, Carol. É diferente porque há o fator tempo, e já hoje você não é mais aquela mocinha de ontem. Já é uma mulher.

— Clive, você é um sujeito assustador. Nunca encontrei pessoa igual em minha vida.

— Como poderia encontrar um homem igual a mim? Se jamais achou um que procurasse conhecer

as mulheres? Nunca ouviu a um homem dizer: "Estudar a natureza feminina? Desisto!". Quantos homens conhecem suas esposas, sabem que elas se julgam infelizes, com a sorte frustrada, e que somente se casaram com eles porque não acharam coisa melhor em seu caminho? Como vê, Carol, eu conheço muito bem o seu "Country Club".

— Quanto a mim, Clive, não sou nenhuma esposa que se julgue infeliz, nem tive a sorte frustrada e jamais trocaria o meu esposo por nenhum outro. Apenas fracassei. De alguma forma, falhei. Só isso.

— Muitas vezes falhamos por ser muito perfeitos.

Carol sorriu de bom humor.

— Pelo menos você não me disse: "você, Carol, ainda é muito jovem e tem a vida diante de seus olhos. Poderá recomeçar de novo..."

O MISTÉRIO DE ADELAIDE

(Cont. da pág. 42)

— Pois é! Quem não morre sempre aparece!...

Ante tal resposta mamãe, desconcertada, nada mais perguntou.

E os dias foram passando sem que prima Adelaide entrasse em qualquer entendimento.

Entretanto, assaltaram-me, novamente, as antigas suspeitas.

Adelaide possuía u'a mala antiga, trancada a cadeado, que, desde sua chegada, conservava-se intacta a um canto do quarto, coberta por um pano preto.

Justamente nas histórias que eu lera havia arcos misteriosos onde se escondiam joias furtadas e documentos importantes; como andasse ávido de aventura, querendo, por força, descobrir vestígio de crime naquela mulher, a tal mala passou a constituir, para mim, objeto digno de exame minucioso. Não tive mais sossego. Cheguei a sonhar coisas horríveis: crianças aterrorizadas, punhais ensanguentados...



VICTORIA DE LOS ANGELES ★ ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA ★ O REGRESSO DE SZENKAR ★ SOLANGE PETIT RENAUX

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

As vésperas da temporada lírica, multiplica-se o número de concertos. A Orquestra Sinfônica Brasileira, a Associação Brasileira de Concertos, a Cultura Artística, em atividade simultânea, concorrem com as realizações da Temporada Oficial. O Teatro Municipal é o ponto de convergência de todas essas iniciativas, pois a A.B.I., a Escola de Música e o Ministério da Educação possuem auditórios de lotação limitada, não comportando, assim, acomodação adequada para o público cada vez mais numeroso.

Acontece, porém, que, logo após as festivas comemorações de seu aniversário, uma soberba festa organizada pela operosidade e pela competência de Maciel Pinheiro, a nossa maior casa de espetáculos entra em crise. Uma usina elétrica própria fornece luz ao teatro. Ora, depois de quarenta anos de serviços ininterruptos, pela primeira vez, falhou. Assim, enquanto se entrega o Municipal à ação dos eletricitistas, as empresas que haviam reservado datas, transferem, rapidamente, seus recitais para outro local e as salas disponíveis são mobilizadas. Mas as autoridades asseguram que, na data marcada para o início da temporada lírica, já o Municipal estará reparado e em condições de funcionar. E, assim, é relativamente pequeno o transtorno causado pelas instalações elétricas com defeito.

VICTORIA DE LOS ANGELES

Acompanhamos, sempre, com grande interesse os recitais promovidos pela Associação Brasileira de Concertos. Desde que surgiu em nosso meio musical, ela vem dominando um setor da temporada, apresentando, sempre, recitalistas de valor e conquistando, pouco a pouco, o lugar, em outros tempos, ocupado pela Cultura Artística, hoje em franca decadência.

Victoria de Los Angeles foi uma bela surpresa que a A.B.C. reservou para os seus sócios. Tal foi o sucesso obtido pela cantora espanhola que o público exigiu mais um recital, depois da estréia consagrador.

Proporcionou-nos, assim, a A.B.C. magníficas horas de arte, trazendo mais um nome que será lembrado, com saudades até a próxima visita, pelos cariocas.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Temos registrado, com satisfação, as recentes atividades da O.S.B., que, vencendo uma crise interna já reconquistou o antigo prestígio, acrescentando, até, a ele, novos e excepcionais triunfos. Assim, tivemos, este ano, sob a batuta competente de Lamberto Baldi, uma série magnífica de concertos e, mais tarde, apreciamos a arte de Freitas Branco, regente português, que trouxe, ainda, sua esposa, excelente pianista. Com programas bem escolhidos, esses "quest-conductors" conseguiram obter do conjunto, sob sua direção, interpretações dignas de registro especial.

Por isso mesmo, sinceramente lamentamos que o regresso de Eugen Szenkar não tenha constituído a ocasião auspiciosa, que prevíamos. Depois de uma demorada ausência, ele nos deu, na sua "rentree", uma impressão de fadiga. Com programa que constitui "rotina sinfônica", regeu sem entusiasmo. Acreditávamos que a viagem, que fez, o trouxesse, com novas energias, para manter o elevado

nível artístico a que atingira a orquestra. Mas Szenkar não parece bem disposto. Pelo menos, diante do seu primeiro concerto, tudo indica que ele não volta imbuído de um espírito de constante renovação e aperfeiçoamento. A O.S.B. está entrando numa nova fase, abrindo



Victoria de Los Angeles

novos caminhos artísticos. Não pode estacionar, sem comprometer, definitivamente, a posição e o conceito de que goza. Para mantê-los, é preciso que sempre que novo circule nas veias do conjunto. Não quero dizer com isso que essas condições exijam novos artistas, ou artistas jovens, mas certamente é indispensável que receba a Orquestra dos mestres uma orientação firme, capaz de galvanizá-la, não a deixando mergulhar numa atmosfera morna e inexpressiva de burocratização da música, levando-a, antes, à procura de um apuro cada vez mais rigoroso na interpretação.

Se Szenkar não compreender que é necessário manter esse movimento contínuo, estar alerta, vigilante, impedir a invasão da negligência e do desleixo, muito breve sentirá a incompatibilidade entre a franca evolução da orquestra, rumo a padrões artísticos mais elevados, e sua tendência, como regente, no sentido de descansar na rotina, fugindo às ásperas exigências de uma atitude construtiva, que garanta o progresso.

CONCERTOS PELO RÁDIO

A Rádio Globo está apresentando, regularmente, uma série de concertos. Vários recitalistas já participaram desses programas, que se realizam no auditório da Escola Nacional de Música, com a presença de um público numeroso.

Tivemos oportunidade de comentar, aqui, o recital de Alice Ribeiro. Agora registramos a passagem pelo microfone daquela emissora de uma artista há algum tempo afastada do nosso meio musical, onde já obteve, no passado, alguns grandes triunfos. Trata-se de Solange Petit Renaux, cuja passagem pelas Temporadas Líricas lembramos, com saudade, sobretudo, das criações que, no apogeu de sua carreira, a consagraram, como Thais e Tosca.

TEATRO

JOSE FOMM

JEAN ANOUILH Nasceu em Bordeaux, aos 23 de junho de 1910 e permaneceu nessa cidade até oito anos antes de vir com seus pais a Paris. O grande dramaturgo sempre escreveu, e pouco mais tarde materializou o seu amor pela expressão dramática, representando com alguns jovens para uma plateia de parentes e amigos. Seu conhecimento, porém, estava limitado em Bernstein e Bataille. Aos 18 anos, viu no teatro a peça de Giraudoux "Siegfried", que lhe causou profunda impressão. Desde aí descobriu todos os mestres modernos, principiando por Paul Claudel. Nesta fase, Jean Anouilh escreveu suas duas primeiras peças: "Mandarine", com 19 anos, e "Hermine", dois anos mais tarde. Estas peças constituem, juntamente com "Y'avait un prisonnier", escrita em 1934, uma elaboração inicial de temas principais no teatro de Anouilh, mas sob uma forma puramente exterior e social, contanto muito semelhante àquilo que haviam produzido seus predecessores. Todas essas peças sobressaíram no teatro de revolta e de provocação, amargo e raivosamente cruel, que tinham marcado um Steve Passeur ou um Bernard Zimmer.

"Hermine" é a história de um pobre jovem, escrita de uma maneira cínica. O pobre jovem, Frantz, ama Monime, rica moça que também o ama. Ao casamento de ambos, porém, opunha-se uma tia de Monime, a velha duquesa de Granat; as iniciativas de Frantz para conseguir dinheiro separaram-no da namorada. Desesperado, decide assassinar a duquesa, mas há mais que um desejo incontrolado de satisfazer sua paixão. Há o orgulho do crime, o gelido silêncio diante dos policiais, há uma vingança e uma revanche. A sombra de Frantz estão as silhuetas de tipos revoltados das literaturas, tais como Julien Sorel e Raskolnikov. Frantz é um romântico, mas que luta para não o ser. "Não sou um imbecil que tem o mal do século e que anseia um lugar na terra", exclamava ele. "Sou apenas alguém que quer viver e ser feliz". Mas o crime não lhe trouxe a felicidade. "Deixa-me", diz-lhe Monime, "tu me horrorizas. Foi pelo dinheiro que mataste minha tia". Frantz termina por se aniquilar e reconhecer seu erro.

Patrocinada por Pierre Fresnay, a peça foi aceita por Paulette Pax, que a encenou no teatro L'Œuvre, então dirigido por Lugné-Poe. O êxito alcançado foi majestoso e Paul Blanchart assim se expressou: "Numa época que o teatro resplandecia, numa época em que Obey, Reynal e Passeur faziam representar "Vénus et Adonis", "Au soleil de l'instinct" e "Une Vilaine Femme", um provinciano de 22 anos impõe como estréia o drama da juventude e da pureza, com um tal vigor, um senso de diálogo e um acentuado temperamento de homem de teatro como jamais se viu".

Assim iniciou Jean Anouilh no teatro. Hoje, representado nas cinco partes do mundo, tanto em Nova York como em Tel-Aviv, Anouilh é um dos raros homens de teatro de sua geração que percebe anualmente muitos milhões de francos. "Antigone", de sua autoria, completou a 500ª representação no palco, e nas livrarias foram vendidos mais de 100.000 exemplares.

Em fevereiro último, quando Mae West reapareceu na Broadway com "Diamond Lil", os frequentadores da "première" interromperam o espetáculo com 5 minutos de palmas, que foi a maior ovação para uma atriz desde Sarah Bernhardt. Foi também o mais expressivo marco na carreira de Mae, desde 1927, quando apareceu no drama intitulado "Sex". De "Sex" até "Diamond Lil", Mae West conquistou mais de 3 milhões de dólares em filmes, peças, bonecas com sua estampa, e ainda uma novela que ela própria escreveu, e a "loura das curvas perigosas" tornou-se um símbolo americano. Seus ditos passaram ao folclore e os psicólogos classificaram-na como uma expressão da luxúria na América. Com 55 anos de idade, Mae é mais simpática do que nunca e o número de seus fãs cresce assustadoramente. Suas apresentações nos palcos da Broadway foram interrompidas por ter a atriz quebrado o tornozelo, mas promete regressar triunfalmente tão cedo ela possa novamente bambolear em cena. A título de curiosidade transcrevemos alguns ditos da famosa atriz que passaram ao folclore americano:

Sobre a hospitalidade: "Venha ver-me de vez em quando".



Cena de "Pais e filhos", de Shaw, pelo Teatro dos Amadores do Recife

Sobre a fome: "Joana, descasque-me uma uva".
Sobre ela mesma: "Posso conseguir mais com meus olhos e minha voz do que qualquer mulher se desdobrando".

Sobre a geometria: "A curva é a mais adorável distância entre dois pontos".
Sobre a humanidade: "Eu costumava ser Branca de Neve, mas derreti".
Um estatístico de Hollywood declarou que Mae tinha as mesmas dimensões que a Vênus de Milo, ao que a atriz respondeu: "Mas sou muito melhor que a Vênus, pois tenho dois braços e sei como usá-los. E ainda mais, queridinho, não sou de mármore".

NO RECIFE — Continua intenso o movimento teatral no Recife. A ida de Ziembinski para aquela capital resultou em inesperado êxito, pois o conhecido diretor de cena encontrou um público entusiasta e amante do teatro. No Santa Isabel já foram encenadas, pelo Teatro dos Amadores do Recife, peças de grande projeção nos palcos mundiais, como "Pais e filhos" (Casamento desigual), de Bernard Shaw, "Nossa cidade" (Our town), de Thornton Wilder, e outras, sob a direção de Ziembinski.



*Gosto dos teus lábios assim...
com o novo baton Van Ess*

criado especialmente para a mulher brasileira!

Os lábios se tornam ainda mais sedutores e irresistíveis, quando realçados com o novo baton Van Ess — "Rose". Doçura inesquecível... Harmonia de cores... Van Ess é o baton perfeito! Acentue ainda mais a beleza dos seus lábios, com uma das lindas cores Van Ess.



Adquira hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

O tempo foi correndo...

A vida voltara a sua antiga rotina. Prima Adelaide, pouco a pouco, estabelecera relação com toda vizinhança e até aceitava encomendas de balas puxa-puxa.

Se, algumas vezes, amanhecia taciturna e, por muito favor, cumprimentava entre os dentes, não lhe davamos grande importância; já nos acostumamos a suas excentricidades; procurávamos não a contrariar o que acarretaria uma série de lamentações.

E ninguém mais se preocupou com o motivo de sua vinda. Aliás, ninguém é modo de dizer, porque havia certa cabecinha de vento que, dia e noite, matutava no que poderia conter a mala coberta de preto. Essa mesma cabecinha continuou saboreando as reguadas de seu Angenor sem que isso a tirasse dos devaneios.

Mas, como diz o povo, tudo nesta vida tem fim, o silêncio de prima Adelaide quebrou-se, um dia. E foi, ainda, o dono da cabecinha maluca, sendo surpreendido a escarafunchar com arame a fechadura da mala, que provocou o desespero da prima, fazendo-a desabafar.

Lembro-me, perfeitamente, malgrado os vinte e tantos anos que me afastam dessa cena, da expressão que adquiriram os olhos de Adelaide. Pareciam querer saltar das órbitas. Crisparam-se-lhe as mãos e ela avançou para mim, esbofetando-me. Depois, deixou-se cair no chão; prorrompeu num pranto convulso. Fiquei feito estátua ante aquele quadro inesperado.

Mamãe acudiu, atraída pelos gritos. Debalde tentou levantá-la. Adelaide não parava de chorar, rosto mergulhado nas mãos.

Deixamo-la preocupados; mesmo assim, não escapei do chicotinho trançado que ficava na despensa, aguardando as grandes oportunidades.

O jantar decorreu tristemente. Mamãe começava a sentir umas célebres pontadas que lhe sobrevinham após algum aborrecimento.

A criada, que fôra levar comida, voltara com os pratos intactos.

Nossa hóspede guardava profundo silêncio, trancada no quarto.

Assaltou-nos a idéia de suicídio. Papai falou em arrombar a porta...

Mas, não foi preciso. Adelaide surgiu no alto da escada, muito pálida dentro do vestido preto. Parecia fantasma.

Desceu em passos lentos, como de costume.

Reunimo-nos no salão.

Conservou-se calada por longo tempo, olhando-nos com ternura.

Depois, num sorriso desconsolado:

— É inútil disfarçar; o passado persegue-nos como a própria sombra.

Contou-nos uma longa história que tentarei reconstituir:

"Com a morte de papai, formei-me professora e fui lecionar numa cidadezinha mineira. Salvo alguns aborrecimentos com as crianças, o que é coisa natural, sempre tive vida tranqüila. Morava em companhia de uma viúva modesta, cuja filha era minha aluna. Sentia-me tão a vontade como se estivesse em família. Cheguei mesmo a rejeitar o convite que me fizera certo amigo de papai; se o tivesse aceito, talvez, morasse, ainda, em Belo Horizonte.

Mas, preferi continuar dando minhas aulas na escolinha desprovida.

Passaram-se dois anos sem que nenhum incidente quebrasse a doce despreocupação em que vivia. Mas, um dia (há sempre um dia na vida da gente) entrou para a escola um rapaz alto, louro, olhos azuis. Chamava-se Guilherme e era descendente de suíços.

Naquele tempo, jovem e bonita, não tardou que eu despertasse a atenção do novo colega. Começou por me emprestar livros; acompanhava-me até o portão; viamo-nos mais a miúdo... Para resumir, dentro de pouco tempo amávamo-nos perdidamente.

Escolhemos 26 de Maio para o casamento, pois Guilherme nascera nessa data. E justamente na véspera...

Era um sábado. Noite esplêndida. Estávamos, eu e a viúva, na cozinha, preparando balas para a festa. De repente, entrou a menina, afrita, tre-

(Cont. na pág. 49)



Cena do 2º ato de "Nossa cidade", de Wilder, apresentada pelo Teatro dos Amadores do Recife



DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

TOMAMOS a barca domingo com a idéia de ver Cacilhas, uma cidade que é para Lisboa mais ou menos o que representa Niterói para o Rio. Paga-se dez cruzeiros pela travessia de dez minutos, mas depois que a gente senta na cômoda cadeira de vime vem um funcionário e nos entrega um bilhete por 10 centavos. Não sabemos ao certo o porque dessa complicação, pois deve sair caro à Companhia estar empregando um homem fardado para receber vinte cruzeiros por duzentos passageiros, que é a capacidade da barca. Provavelmente será uma questão de tabelamento de preços, e a Companhia cobra mais um tostão para os que desejam sentar durante a travessia do Tejo, um grande rio de água salgada, com salinas até lá para cima nas cercanias de Santarém, onde vai a maré.

Cacilhas é antiga, com ruas estreitas e desengonçadas, calçadas ainda mais estreitas do que as do bairro da Urca no Rio, obrigando os itinerantes a colocarem-se junto às paredes do muro para dar passagem aos autos e ônibus que passam rápidos pelas ruazinhas bastante movimentadas.

Há muitos ônibus, confortáveis e grandes, americanos e ingleses, que vão pelas diversas localidades de Extremadura.

Tomamos um deles e fomos a Setúbal. O trajeto é interessante: na primeira metade o terreno é quase plano, com pinheirais, oliveiras e algumas parreiras em terra semi-arenosa, por vezes dando-nos idéia das regiões dos pinheirais do Paraná. Pequenas vilas, com casas de branco, alegres, com os botequins e vendas onde os camponeses reúnem-se à porta para discutir a chuva que vem vindo aos poucos, as colheitas, o preço do vinho ou o jogo de futebol com os espanhóis. Sim, porque o Portugal-Espanha é o Rio x São Paulo no campo esportivo!...

Depois começamos a subir. As terras são melhores, nas alturas, os sítios mais tratados e, frequentemente, depauperados magníficas quintas, construídas há pouco tempo, com telha francesa ainda bem vermelhinha, paredes brancas e janelas azuis. Por vezes aparecem laranjeiras carregadas com seus pomos de ouro: as boas laranjas setubalenses, justicadamente apreciadas e mais caras do que as outras. Contém pouca semente e, as vezes, com umbigo como as laranjas balanas.

Até o cimo dos montes, vai-se vendo, ao longe, a grande baixada do vale do Tejo, com Lisboa grande e espalhada, suas esaaas de cores claras, no outro lado.

Passamos por grandes olivais, muitos com grossas árvores centenárias que já devem ter dado toneladas de azeitonas cada uma, na sua existência tão útil. Passamos por várias pequenas vilas onde os habitantes, em trajes domingueiros passeiam, tal como no interior do Brasil, na praça onde há um corêto para a filarmônica do lugar.

Chegamos enfim a uma altura donde se depara, sossegada, grande, tomando muito espaço na paisagem sorridente a velha Setúbal, com o seu porto e alguns veleiros ao largo.

Saltamos numa praça importante onde estão situados vários cafés. Estava cheia de gente esperando a saída ou chegada de vários ônibus, veículos esses sempre muito bem pintados, limpos e novos.

Depois de andar pelas ruas estreitas e velhas do centro, admirando o estilo vetusto das casas e as vitrines das numerosas lojinhas, muitos cafés e casas de vinho com os gordos barris com torneiras, sempre ladeados por fregueses que fazem parte integral do ambiente e sem os quais os barris ficariam bem tristes, tomamos a direção do porto. Cruza-se antes uma larga avenida, bem arborizada, com excelentes construções, ora modernas ora bem antigas.

Nesse ponto estava a granfinagem da cidade a tecer, passeando de um lado para outro, admirando-se mutuamente ou simplesmente namorando. Os noivos já ao lado das noivas numa intimidade respeitosa. E os que ainda não haviam chegado, estavam indo para lá. Quase todos com roupas escuras, principalmente marron. As moças, de vestido preto ou bem escuro, examinavam simplesmente ou cumprimentavam com discrição os candidatos...

Um pouco distante do ponto mais chique da longa avenida, e em grupos menores, viam-se os mais modestos: gente do mar, pescadores ou lavradores, como que formando uma segunda categoria. Mas nem por isso menos interessados nos mesmos assuntos de eterno agrado da juventude — tanto cá nesta Setúbal como em Bergen, na Noruega, para não dizermos Praia do Flamengo ou rua Barão de Itapetininga. No cais, recém-construído, amplo, enormes rédes de pescar sardinhas estavam a secar — rédes que pareciam andar por perto de 100x5 metros cada uma, bem estreitas as malhas de linha escura, por onde nem netinhos de sardinha passam.

Um grande veleiro de três velas estava amarrado a uma bóia, no porto, e, ao lado, noutro com dois mastros apenas, ouvia-se bem a guitarra e a sanfona dos poucos marinheiros a bordo cantando um doce fado, que mais terno ainda se nos apresentava pelo aspecto pitoresco do local, com o sol poente ao largo do mar.

Num extremo do cais, ainda coberto

o chão pelas rédes a secar, um portozinho para barcos menores, onde se encontravam amarrados uma meia dúzia de pesqueiros com velas cor de tijolo. Tudo novo e de construção bem recente e esmerada. Nota-se que as mãos renovadoras do governo espalharam-se pelo país todo, não se centralizando apenas na capital. Há várias praças interessantes em Setúbal que é, aliás, a quarta ou quinta cidade de Portugal quanto ao número de habitantes. Há uma bela estátua de Bocage, oferecida por portugueses e brasileiros.

Depois de darmos uma volta pelas ruas da cidade, fomos ao café Brasil e tomamos café com leite e alguns doces do lugar, como sempre deleitosos e, quando já estávamos com o charuto brasileiro no meio, fomos de novo tomar o ônibus. Por sorte, conseguimos os dois últimos assentos, pois seria o último carro para Lisboa, e não é permitido viajar em pé. Caso não encontrássemos lugar, teríamos que dormir em Setúbal ou tomar um taxi, o que, aliás, seria mais fácil, pois os há bons

em quantidade. Com as estradas de rodagem bem feitas e conservadas, pode-se utilizá-las à vontade.

Poucos quilômetros após a nossa saída começaram a sair e entrar passageiros, num movimento muito animador para o proprietário da Empresa. Achamos o preço muito razoável, pois pagamos Cr\$ 10,00 na ida e nove na volta por um percurso de 40 quilômetros em cada direção.

Voltamos por Palmela, uma cidade já maior do que os povoados que víamos na ida.

A noite estava bastante fresca, mas, apesar disso, uma moça que acompanhava um pastor protestante achou que melhor seria viajar com a janela aberta. Os passageiros aguentaram a friagem e o vento por bastante tempo, até que um deles pediu ao condutor para fechar a janela. O casal assim fez, mas só em parte, pois pela fresta continuavam o frio e o vento a penetrar no ônibus; já com o anoitecer, isso tornou-se bastante desagradável aos demais. O jovem casal estava tão aquecido pelo amor evidente entre eles que nem tomava conhecimento da temperatura ou do ar encajado. Para bem de todos o reverendo e sua namorada saíram bem antes de chegarmos a Cacilhas e lá pela branca estrada à lua cheia pudemos ainda observar os dois de braços dados seguindo em direção a umas casas próximas.

(Conclui no próximo número)

Um livro que poderá modificar o curso de sua vida!

COMO EVITAR PREOCUPAÇÕES E COMEÇAR A VIVER

por DALE CARNEGIE

O sucesso alcançado com o livro "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas" — a obra mais lida do mundo depois da Bíblia — estimulou Dale Carnegie a apresentar este novo trabalho. Longe de ser um livro teórico, nos proporciona algo de simples, de concreto, de efetivo. É um livro otimista, pois de otimismo precisamos atualmente mais do que em qualquer outra época. Lutar contra as preocupações — contra o hábito de nos preocuparmos — é uma cruzada a que devemos prestar o máximo de nossas forças.



DEZ COISAS QUE ESTE LIVRO FARÁ POR VOCÊ

- 1 Dar-lhe-á grande número de fórmulas práticas, comprovadas, para resolver as situações que o preocupam.
- 2 Mostrar-lhe-á como eliminar imediatamente cinquenta por cento das suas preocupações profissionais.
- 3 Por-á ao seu alcance sete maneiras de cultivar uma atitude mental que lhe trará paz e felicidade.
- 4 Indicar-lhe-á a maneira de diminuir as suas preocupações financeiras.
- 5 Explicar-lhe-á uma regra que banirá muitas das suas preocupações.
- 6 Dir-lhe-á como você poderá tirar vantagens das críticas que lhe fizerem.
- 7 Ensinar-lhe-á quatro hábitos de comprovada eficiência para evitar a fadiga e as preocupações.
- 8 Dir-lhe-á como acrescentar uma hora por dia à sua vida de trabalho.
- 9 Mostrar-lhe-á como evitar os distúrbios emocionais.
- 10 Apresentar-lhe-á a história de dezenas de pessoas que lhe dirão, com as suas próprias palavras, como conseguiram deixar de lado as preocupações e começar a viver.

Volume com 408 páginas
Cr. \$25,00

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 639 - S. PAULO

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 25 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queriam enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00



O mistério de Adelaide

(Cont. da pág. 47)

mendo. Mal tive tempo de ouvir as primeiras palavras. Desmaiei.

Guilherme havia sido morto, despropositadamente, minutos antes, num conflito que se levantara perto de sua casa.

Prima Adelaide interrompera a narração por várias vezes. As lágrimas nasciam-lhe abundantes e seu rosto chupado transfigurava-se por completo.

Mamãe perguntou-lhe o que fizera após a morte do noivo. Disse que, duas vezes, tentara o suicídio; viajara pelo norte, e, finalmente, saudosa da cidade onde nascera, escrevera-nos, na incerteza de nos encontrar.

Tomara o navio. Tivera sorte. Ali estava.

Fomos deitar emocionados. Como havíamos sido injustos!

Para o futuro, Adelaide iria ser tratada como uma verdadeira prima.

Mas, no dia seguinte, aguardava-nos surpresa maior que a recebida tempos atrás. Prima Adelaide desaparecera!

Procuramo-la por toda parte. Recorremos ao jornal e ao rádio. Tudo inútil! Nunca mais tornamos a vê-la. Apenas, como lembrança, deixara-nos a mala "encantada" onde encontramos um vestido de noiva, já amarelado pelo tempo.

Mamãe queimou-o no quintal. O vento carregou as cinzas para longe.

Com aquelas cinzas, terminava o mistério de Adelaide.

O homem que vendeu...

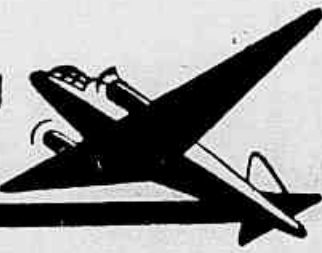
(Cont. da pág. 18)

Estava agora sua mão sobre a minha e senti percorrer-me o braço uma espécie de choque elétrico. Súbito um dos ombros de Adriana se descobriu com o resvalar da blusa. Não pude resistir e a beijei rudemente, apaixonadamente. Seu rosto estava junto ao meu e seus braços me enlaçaram o pescoço. Estávamos unidos num só extase de amor.

Quando me despedi, ela me recomendou à porta:

— Pensa bem, Abell Este negócio me tem feito viajar às nuvens!

PELAS estradas do CEU



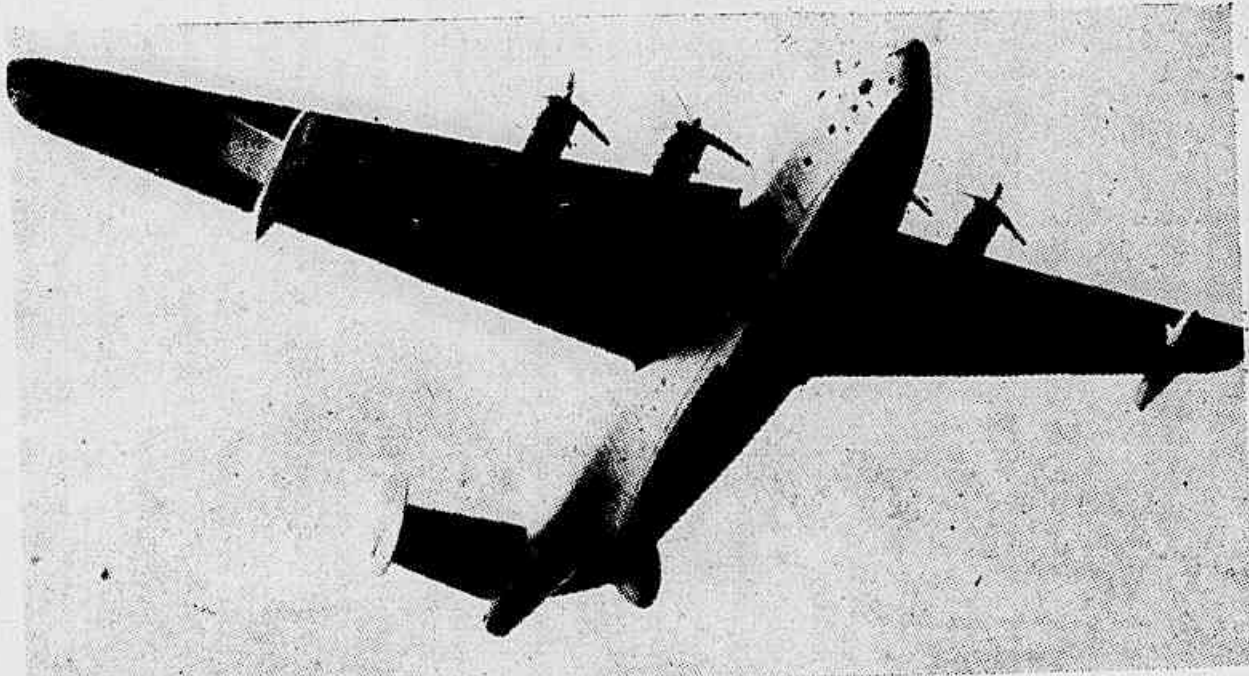
ANDRÉ MAX

QUANDO da realização do II Congresso de Aeronáutica, nesta cidade, dentre algumas teses de suma importância, uma houve que mereceu os maiores aplausos de congressistas, homens da imprensa e da assistência em geral. Não se tratou, propriamente, de uma tese, na exata extensão do termo, e sim de uma Recomendação enviada à mesa diretora dos trabalhos, solicitando que o Congresso então reunido aprovasse as seguintes indicações:

a) — Que as empresas de aviação comercial, os Aero-Clubes e o Ministério da Aeronáutica, especialmente a DAC (Diretoria de Aeronáutica Civil), organizem serviços eficientes e rápidos de informação para a Imprensa e o público, sobre todos os acontecimentos de interesse coletivo. Isso, quanto ao interesse da própria imprensa.

b) — Que todos os órgãos da imprensa providenciem para que o noticiário publicado sobre essas atividades seja absolutamente verídico e isento de aspectos alarmantes com referência à segurança dos transportes aéreos. Seria mesmo de desejar que os órgãos da Imprensa possuíssem seções especializadas em aviação, pela natureza peculiar desse gênero de transportes. Isso, no próprio interesse da aviação.

c) — Que houvesse da parte da Imprensa como de todas as entidades aeronáuticas a



Um dos gigantes aviões do tipo "Mars" em pleno vôo. Estes aparelhos são as aeronaves das comunicações do porvir

maior conjugação de esforços para o desenvolvimento da mentalidade aeronáutica do Brasil. Isto, no interesse geral.

Justificando esses itens básicos, o autor da Recomendação borda os mais oportunos e justos comentários, dizendo a certa altura: "O ponto crucial nas relações entre a imprensa e a aviação reside no fator segurança, exatamente o que desperta maior atenção ao público. Ora, este ainda tem suas dúvidas, inegavelmente, o que deve ser atribuído à qualidade do noticiário sobre desastres e outras dificuldades ou acidentes de nenhuma importância, divulgados sem a necessária triagem, que viesse colocá-los nas verdadeiras proporções.

Quase todos os jornais fazem sensacionalismo em manchetes sobre desastres de aviação, cometendo assim duplo erro: a) desagradando os anunciantes interessados no assunto Aeronáutica, e, b) criando prevenções contra a aviação.

A prova da asserção pode ser fornecida por exemplos recentes, de conhecimento geral. Um time italiano de futebol, estava preparado para vir ao Brasil. Com o desastre sofrido pelo Torino, todos os seus jogadores se recusaram a viajar de avião, tendo sido cancelada a vinda.

Depois de outras considerações justas, refere-se o autor da Recomendação àquela notícia absurda que dizia, mais ou menos assim: "Graças à habilidade do piloto que conseguiu pousar de dorso, evitou-se a perda de vidas". Isso denota apenas grande falta de conhecimentos aeronáuticos...

— Assim o farei, Adriana. Você tem sido verdadeiramente maravilhosa!

Incomodado comigo mesmo regresssei a Puebla. Como havia ocorrido aquilo? Sim... era um bom prelúdio para uma sociedade comercial em projeto! Para alguns homens nada mais fôra que parte dos males do ofício; mas, quanto a mim, jamais havia eu desperdiçado meus beijos aqui e ali.

Voltei a Puebla a fim de consultar com Olga. Minha mulher, porém, não gostou do negócio. Eu procurei descrever Adriana como sendo uma senhora idosa, dada a negócios, possuidora de fortuna, apenas para não despertar ciúmes em Olga. Entretanto, o que parecia inconveniente era que eu me endividasse com uma pessoa estranha.

Depois de outra veemente discussão, acedeu a assinar comigo os papéis necessários para vender a casa e sacar

todo o nosso dinheiro no banco. Enquanto reunia todo o disponível, ia arrumando as coisas para regressar à capital do país, o que fiz, algo decepcionado com a recepção que me fizera Olga.

Instalei-me num hotel mais modesto e, no mês seguinte me dediquei inteiramente ao trabalho. Firmei o contrato e demos início às atividades da Companhia que já era nossa. Até que enfim ia estabelecer-me de conta própria, ia ser dono de mim mesmo, em negócio que conhecia como a palma de minhas mãos.

Como me sentia envaidecido quando acrescentava à lista de segurados um novo cliente! Mas, inesperadamente um potentado, um cidadão verdadeiramente importante me iludiu e fui contar minhas mágoas a Adriana. Tão indignado me encontrava que ela me sugeriu um jogo de baralho em seu apartamento, convi-

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"
envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade Solado chipsa de fogo, borracha

leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo ANABELA

Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta Vaquilha, havana marron, solado de borracha De ns. 36 a 44. Preço de abate: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos queiram. Inteiro e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACREDITAMOS REVENDEDORES

O nome "ZEFERINA" é uma garantia Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



COMPLETA E
EQUILIBRA SUA
REFEIÇÃO

Faltou um alimento básico à sua refeição?... Então, enriqueça-a com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma completa seu almoço... melhora seu lanche... e reforça seu jantar. Um copo de Malzbier da Brahma tem o mesmo valor energético de um ovo de granja ou de um bom bife. Ligeiramente adocicada, Malzbier da Brahma é a cerveja preferida em todos os lares. Não deixe, pois, faltar o melhor à sua refeição... o melhor em sabor e o melhor em prazer: a nutritiva Malzbier da Brahma.

EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — P. FUNDO

Record 3221

dando para o mesmo o opulento sr. Hernanzen e esposa, a fim de que, ali, pudesse eu entrar em contacto com ele.

Naquela noite Adriana levava lindo vestido negro com um decote aberto nos quatro pontos cardiais. Quando cheguei ao seu apartamento ainda não haviam chegado os seus convidados. Falámos de negócios e esperamos. Deram as oito, as nove e nada de chegar o casal Hernanzen. Adriana, nervosa, serviu coquetel mais uma vez.

As dez nos demos por vencidos. Adriana, com os olhos marejados de lágrimas de humilhação, soluçou:

— Oh! Abel... eles não vieram... Esqueceram!

Eu, que jamais havia resistido a prantos de mulher, senti-me ao seu lado e comeci a acariciá-la.

— Não tem importância, Adriana. Podemos passar sem eles.

— Claro! Que tolice esta minha. Chorar por essa causa!

Aproximou-se mais um pouco e seu rosto roçou no meu. Seu perfume turbava-me. Algo me lembrava que eu devia ir-me, prudentemente. Porém, distante de minha esposa nestas últimas semanas, a solidão em que estava eu vivendo, a separação do meu lar, tudo isso me impulsionou para os braços de Adriana, e, em segundos, trocávamos ardentes beijos.

Depois... Comecei a desgostar de mim mesmo. Disse-lhe eu umas palavras idiotas, procurando desculpar-me. Adriana, porém, não se mostrou arrependida de nosso romance e respondeu:

— Não há de que perdô-lo, Abel. Tinha que ser assim mesmo.

Mas é que sempre pensei que um homem que se casa por amor e vive em harmonia com a esposa não precisa de outra mulher. E agora... Adriana! Senti-me um canalha, um verme. Tive vontade de ir-me... Porém, como poderia fazê-lo se estava ligado à mesma por aquele maldito contrato social?...

No dia seguinte, encabulado, cheguei ao escritório. Adriana, porém, era uma verdadeira mulher de negócios. Disse-me que o sr. Hernanzen se havia desculpado, explicando que havia confundido a data do compromisso. Estava ele tão contrariado com a falta involuntária que seria diplomático não insistir, o que aceitei docilmente. O que mais eu desejava era riscar aquela noite do meu pensamento.

Algumas noites depois o telefone me despertava. Impaciente e apreensivo coloquei o fone ao ouvido e até mim chegou a voz alarmada de Olga. Não entendi muito do que me transmitia, mas entendi que falava em polícia... em Rafael Larios... que este não se salvaria da morte.

Esse Rafael Larios era um jovem de maus procedimentos do lugar. Olga me havia pedido por telefone, dias antes, que eu arranjasse casa para vir com os filhos, uma vez que Virginia estava mantendo relações com Rafael, que, por sua vez era o chefe de um bando de rapazes de maus procedimentos. Por isso, minha filha acabara as relações de amizade com Luís Heldon, embora ela se negasse a explicar com clareza o motivo desse rompimento.

Procurei tranquilizá-la e lhe disse que partia imediatamente para lá. E me pús a caminho.

Quando cheguei à minha casa, dela saía Olga metida num abrigo fechado nos ombros.

— Vamos ao distrito, querido! Não m'a quiseram entregar! Oh! Abel! Nunca imaginei que tais coisas viessem a acontecer conosco!

Sem que Olga de nada suspeitasse, sua filha Virginia se aliara a Rafael na venda de refrescos com álcool à garotada. Denunciados, a polícia os visitou e ele procurou fugir levando Virginia, perseguido pela polícia, entrou no seu carro que estacionava a um lado e partiu procurando fugir nas vizinhanças de um barranco. O carro resvalou e despenhou-se no valado. Não se sabe como saiu Virginia ilesa do acidente, enquanto ele se machucara gravemente.

— Oh! Abel... Rafael morreu um minuto, depois que te telefonei! — exclamou ela a chorar.

— Pobre rapaz! E tivemos sorte por não ter sucedido o mesmo com Virginia!

— Sim, é verdade; mas é uma desgraça! Por causa disso a retém para testemunha presencial. Os demais meninos foram entregues aos seus pais.

— Nós a receberemos. Como foi que terminou com Luís?

— Bem... sabe você que ele quer muitíssimo a seu tio, e...

A resposta não era uma novidade para mim. Eu bem imaginava a cena em que Luís defendia veementemente a Ernesto Heldon, enquanto Virginia me defendia com igual fervor. Senti-me nesse momento como um verdadeiro canalha.

A rusga de Virginia com Luís foi apenas um capricho de juventude. Passou a acalorar a corte de Rafael para mostrar ao outro que ele em nada lhe importava. Olga nada pôde fazer para impedir. Eu então raciocinava que, se não houvesse saído do emprego, nem brigado com meu chefe, nada disso teria acontecido. Era incontestável que os erros da mocidade, quase sempre têm origem nos erros dos maiores. E, no caso atual, o causador de tudo era eu.

Afinal, consegui abrandar o coração do delegado e levar Virginia para casa. Ela, temendo a língua do povo, propôs ir comigo para a capital, a fim de arrumar a casa, quando, depois de tudo instalado, iria Olga e o nosso outro filho.

Logo que estávamos na capital, Adriana começou a agir para conquistar a simpatia de todos. Convites para ceias, concertos, passeios, exposições e espetáculos, eram coisa frequente entre ela e Virginia ou entre ela e Olga. Eu tinha que assistir impassível a toda esta comédia.

Pode parecer impossível que um homem aprenda a dominar-se aos trinta e oito anos. Pois eu aprendi. Eu, que não pude tolerar a meu chefe que não pude tolerar a clientes afobados, tive que tolerar Adriana, bem como a cada um dos

(Cont. na pág. 52)

CASPA! CABELOS BRANCOS!

USE LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas n° 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

VIDA LITERÁRIA

E. CATTETE REIS

DIGRESSÃO

Enquanto o latim clássico, através das maravilhosas orações de Cícero, das odes de Horácio, da "Eneida" e das "Geórgicas" de Virgílio, das obras de Tito Lívio e Salústio, veio, pode-se dizer, diretamente, do período áureo da literatura romana aos nossos dias, não teve o latim vulgar, o latim da plebe, que a soldadesca levaria às províncias e que se transformaria nas línguas novilatinas, as mesmas fontes diretas e virgens, que permitissem um estudo mais apurado da língua-mater.

Diversos são os modos por que chegaram até nossos dias as variações sintáticas, o analismo gramatical, a abundância de preposições, o aparecimento do artigo, as mutações fonéticas e semânticas, que caracterizaram o linguajar, da poderosa República.

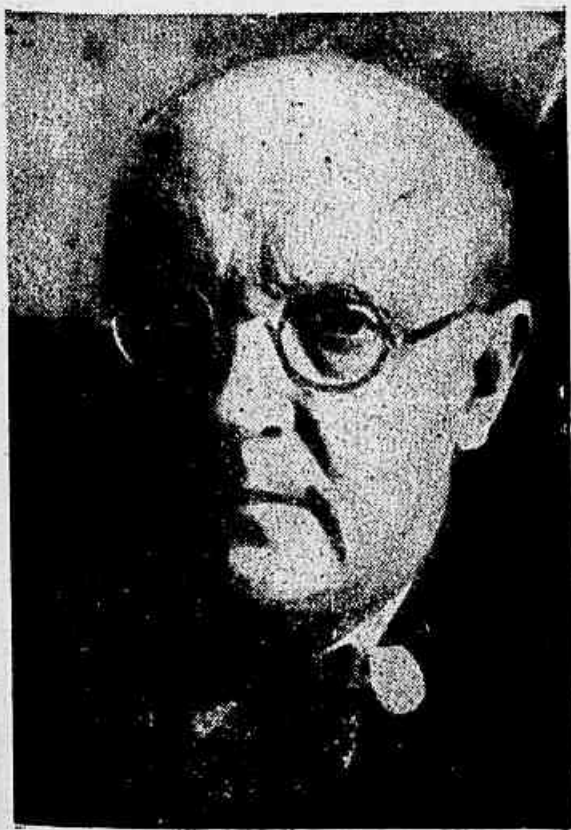
Apesar de sua variedade, nenhum deles, ou todos juntos, permite, como as obras clássicas em relação ao latim erudito, uma apreciação apurada da língua vulgar.

O estudo comparativo das línguas movilatinas nos permite, por exemplo, descobrir palavras não encontradas nas obras dos clássicos e que, no entanto, são aceitas, hoje, na linguagem corrente dos ramos oriundos do tronco latino, tendo obedecido, nas suas mutações semânticas, para cada um deles, às mesmas leis que presidiram às variações sofridas pelos vocábulos provenientes do latim erudito.

Este fenômeno só pode ser explicado pela existência, apenas no latim vulgar, da palavra que originou, no moderno linguajar dos povos latinos, esses termos comumente aceitos.

Numerosos outros métodos se nos oferecem, possibilitando um conhecimento mais profundo da maneira como, no vai e vem de cada dia, se expressavam a plebe e mesmo os grandes luminas das letras romanas.

Apresentando-se-nos ensêjo, versaremos, de novo, essa questão.



DUHAMEL

DUHAMEL E AS MULHERES

UM jovem poeta, cujos sucessos femininos são numerosos e, muitas vezes brilhantes, vangloriava-se de conhecer as mulheres. Georges Duhamel, que estava presente, durante uma dessas demonstrações de vate, observou, então, sorrindo:

— Sim, mas, muitas vezes, conhecendo as mulheres, desconhece-se a mulher!

VÁRIAS

A associação mundial de escritores PEN Clube, realizou, sábado último, às 18,30 horas, sua segunda sessão pública de julho, em sua sede na Avenida Nilo Peçanha, 26. O programa constou de uma conferência do escritor e poeta Álvaro de Las Casas sobre Martin Fierro e os trovadores e poetas sul-americanos, tendo contado também com o concurso da declamadora D. Margarida Lopes de Almeida, que recitou versos de poetas de nosso continente.

A reunião foi muito concorrida.

O escritor e poeta Múcio Leão, membro da Academia Brasileira de Letras, pronunciou no dia 20 do corrente, às 17 horas, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma palestra subordinada ao tema: "Atividades jornalísticas de Joaquim Nabuco".

Essa conferência fez parte do "Curso Joaquim Nabuco", promovido pelo Instituto Histórico, em comemoração do nascimento do grande brasileiro.

No Palácio do Catete realizou-se, no dia 14 do corrente, com a presença do sr. Presidente da República, a entrega das insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, conferidas ao sr. Ataulfo de Paiva, membro da Academia Brasileira de Letras.

Falou nessa ocasião, o sr. ministro da Justiça, tendo agradecido o homenageado.

No dia 23 de agosto, às 17 horas, o sr. coronel Leony Machado, tradutor e grande conhecedor da obra de Goethe, fará, no Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras, uma conferência, com que essa instituição comemorará o bicentenário do festejado autor de "Fausto".

COMPARAÇÃO — Jean Moréas, que sempre se distinguiu por sua pouca modestia, conversando com um jovem poeta que lhe fôra apresentado, declarou:

— Aqui onde me vê, sou um poeta no gênero de Homero.

— Que aliás, observou o moço, talvez não tenha existido...

— Perfeitamente, replicou Moréas. — Com essa vantagem: Homero não existiu talvez, ao passo que eu... existo!

PRÊMIO DOS EMBAIXADORES — Henri Bosco conquistou o "Prêmio dos Embaixadores", com a apresentação de seu romance "Malicroix".

Esse escritor francês pertence a uma família de origem piemontesa, fixada na Provença, e nasceu em Avignon. Em 1925, escreveu seu primeiro romance, "Pierre Lampedouze".

Outros contemplados com essa distinção foram o poeta franco-uruguaio Jules Supervielle, com uma seleção de poemas e Michel de Saint Pierre.

BERNARD SHAW E O PROTOCOLO



SHAW — quase um século de ironia e irreverência para com o mundo e os homens

Bernard Shaw recebeu um dia o seguinte convite, enviado por uma dama da alta sociedade londrina:

"Lady X... permanecerá em sua casa, quinta-feira, entre as 15 e 18 horas".

O escritor devolveu-lhe o convite acrescentando-lhe:

— "Mr. Bernard Shaw também".



Hemingway

O grande novelista norte-americano, consagrado pelas numerosas edições, em várias línguas, de seus livros, aparece na foto acima quando, há pouco, visitou Veneza, onde, certamente, colheu observações preciosas. O autor de "Por quem os sinos dobram" é dos campeões de "best-sellers" na América do Norte

UM PROFETA PESSIMISTA — Um romancista, que se fazia notar pelo seu incurável pessimismo, tendo ido em visita à casa de Jacques Deval, traçou o quadro mais sombrio que se pudesse imaginar da situação no futuro:

— Eu vejo com isto, respondeu Deval, que você é daqueles que aceitam antecipadamente as catástrofes com a condição de as haver anunciado.

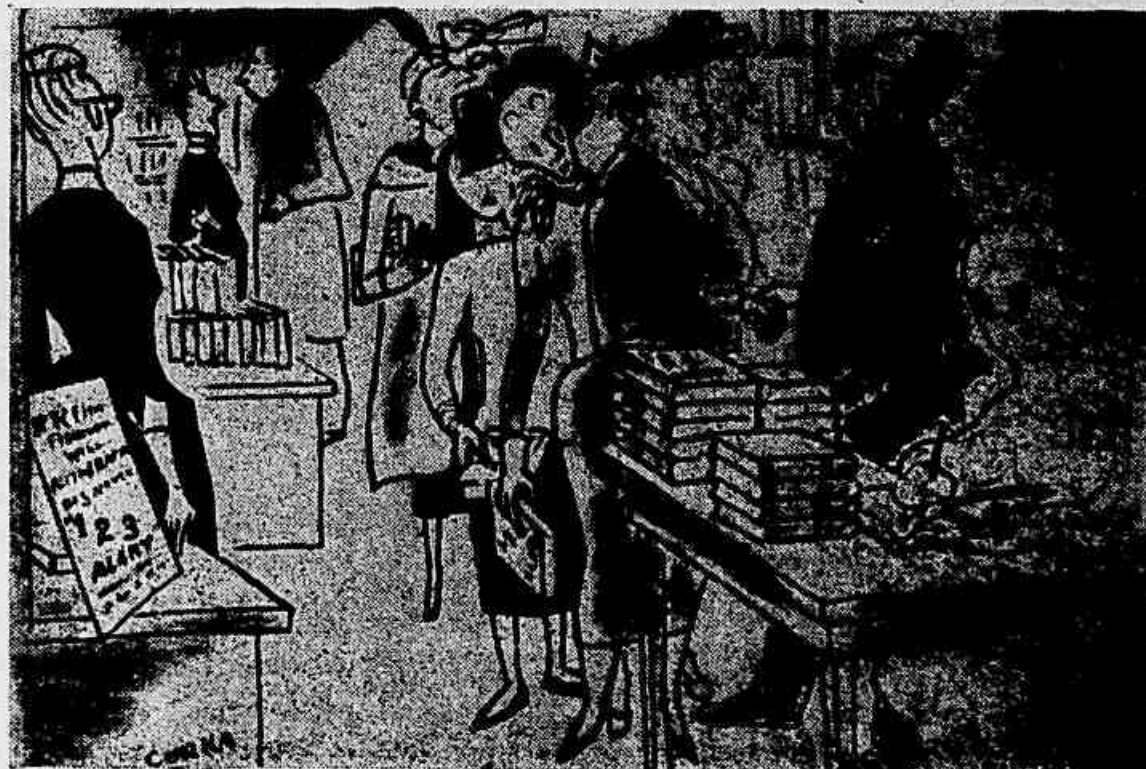
IMAGENS E CARICATURAS

O batalhão começou a passar: na frente os pequenos garotos; depois a música estrugindo a todo o pulmão um do brado canalha. (Lima Barreto — Recordações do Escrivão Isaias Caminha).

...vastas e gordas poltronas de marroquim com de vinho abriam macieiras sensuais de colos. (Coelho Neto — A Esfinge).

Nós colocamos o infinito no amor. A culpa não é das mulheres. (Anatole France — O Jardim de Epicuro).

Completamente surdo, trazia os olhos à flor do rosto, arregalados, como se quisesse ver os rumores na imensa treva do silêncio circunjacente. (Humberto de Campos — "Sombras que sofrem" — "Constância Alves").



O autor fantasma distribui autógrafos.

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



**LOÇÃO
TÔNICA
MAC BIR**

*Um Produto
Cientifica-
mente
Preparado*

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma garantia de saúde para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o embranquecimento e a queda dos cabelos!

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr\$ 35,00

Atendemos também pelo Reembolso Postal
1 vidro Cr\$ 40,00 - 3 vidros Cr\$ 100,00
6 vidros Cr\$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à
CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

JÓQUEI

Cont. da pág 14)

"Com o Heliaco no páreo, é uma loucura inscrever a Garbosa" — diziam.

"Vai chegar último, longe" — diziam outros.

"E alguns mais otimistas, falavam: "Vai puxar o "train" para o Handam e no final é bem capaz de não se entregar e ainda entrar colocada".

"E foi nessa expectativa nada favorável, que a Garbosa Bruleur embarcou para São Paulo.

"Durante a semana rezei fervorosamente, pedindo a Deus que mandasse pelo menos um pouco de chuva para atrapalhar o Heliaco. Desejava ganhar essa carreira de qualquer maneira. Mais pela Garbosa, do que propriamente por mim. E parece que Deus ouviu as minhas preces, pois na sexta-feira antes da carreira, choveu copiosamente, alagando completamente a pista. Dei pulos de contentamento, e fiquei esperando a hora do páreo. No domingo não choveu, mas também não fez sol. A pista continuava pesada. Depositava grandes esperanças, pois a minha égua tinha um trabalho assombroso.

"Cinquenta e nove mil poulas vendeu o Heliaco. Dezesete mil apenas, a parelha Handam-Garbosa. E dessas dezesete mil, diga-se a bem da verdade, o Handam contribuiu com muito mais da metade.

"Começou o páreo. Garbosa vinha na ponta regulando o "train". — "Vai parar na entrada da reta" — gritavam todos. Ulloa vinha atrás, regulando a carreira do Heliaco pelo Handam. Viramos a reta e

O homem que vendeu...

(Cont. da pág. 50)

meus novos segurados, cujo dinheiro me servia para ir amortizando minha dívida e garantir minha família que continuava sem proteção. Vi claramente que todo o desejo de Adriana era o de fazer-se estimada de Virgínia. Queria, na certa, nela um aliado em caso de possível divórcio.

Mas eu estava disposto a levar a cabo um plano íntimo. Pagar a Adriana e, depois, dissolver a sociedade. A essa altura já eu estava dispondo de créditos bancários e não seria difícil conseguir fundos para comprar a parte de minha sócia. Assim, tive que converter-me em um avarento horrível. Almoçava uma torta com um copo d'água. Quando Olga me disse que devia comprar um novo par de sapatos, comprei graxa e remendei os meus. Como trabalhei!

— Que horror, Abel! — exclamou Adriana. — Vai terminar com fadiga ce-

rebral!

— Não se preocupe. Estou bem.

Estaria mesmo bem, se pudesse suportar mais seis meses. Mas isso seria fácil? Como poderia eu separar-me de Adriana, cada vez mais cativante e provocadora?

Uma noite nos comunicou que tinha um camarote à nossa disposição para assistir à estréia de uma companhia de

comédias muito falada. Eu fiquei em casa, essa noite, pretextando dor de cabeça. Já Olga e os filhos tinham sido para o teatro, fazia uma hora, quando ouço soar a campainha. Fui abrir e vi de cara com Adriana.

— Que vieste fazer aqui?! — perguntei-lhe meio rudemente.

— Vim por um minuto — respondeu passando para a sala.

Aí então se deu a cena.

— Abel, que se passa com você? Que pensa fazer de nosso amor?

Tratei de conter-me.

— Não há mais nada entre nós, Adriana, do que a razão comercial de "Litton & Cartier, Seguradores".

Ela depositou seu abrigo numa cadeira e se aproximou de mim inundando-me com todo aquele seu diabólico perfume.

— Querida! Muito aprecio sua dedicação por Olga. Eu mesma me compadeço dela de coração. Mas não podemos seguir assim. Procuremos evitar-me, quando me amas como eu te amo.

— Amor! Essa é boa! — interrompi-a.

— E' exato que nos estimamos, Adriana, mas já; não mais agora que descobri a classe de idiota em que você me converteu.

— Idiota?! De que está você falando?...

— Daquela noite de "bridge" com Hernanzen. Nunca os convidaste para tua casa. Foi o próprio Hernanzen quem me disse faz poucos dias.

em vez da Garbosa parar, fugiu vários corpos, ganhando disparada.

"Nunca me esqueço da cara do Ulloa na repesagem. Fitou-me com raiva e exclamou: "Eu fico esperando pelo Handam e ganhas com a Garbosa. Na próxima irei à forra". Foi um delírio naquele dia em S. Paulo. Deram banho de champagne na égua, e como a bebida estava sobrando deram-me um banho também. Foi a última vez que ganhei com a éguinha do dr. Buarque. Montei-a mais duas vezes, mas em ambas entrei deslocado. E para cúmulo do azar, no Grande Prêmio S. Paulo de 49, tive que ganhar dela montando o Saravan. Mas o que eu queria mesmo era ganhar do Leguisamo, que viera especialmente para montar a minha "Lourinha".

Rigoni pára, estenuado. Parece agora abatido, sinceramente emocionado. Depois de alguns minutos como que acorda, muda de roupa, toma o carro e saímos. Vamos até o Jardim Botânico jogar "snooker". Rigoni joga razoavelmente, mas leva 40 com 3 vermelhas. Fica espantado de perder. Saímos e novamente no carro continuamos a conversa.

— "Pretendo ainda montar mais uns quatro anos. Este ano pretendo chegar a 130 ou 140 vitórias. Não é impossível. Ganhei 83 em 6 meses e posso muito bem ganhar mais 40 em outros 6 meses. Em 1953 abandonarei definitivamente a profissão, mesmo porque ela já vai se fazendo difícil. Estou com 56 quilos e quando tenho que montar com menos peso, é um inferno.

"Faço longas caminhadas a pé, vestido até a alma com roupa de lã. Mas isso não chega, e então tenho que enfrentar o banho turco. E isso me enfraquece terrivelmente. A alimentação é outro problema que me aflige. Gosto de comer e tenho que fazer regime permanentemente. Não é vida.

"Estou ganhando uma fortuna realmente, mas não há dinheiro que pague a minha saúde. E por isso, dentro de quatro anos deixarei de ser jóquei. Então, casar-me-ei e mudarei de profissão."

Eles são a esperança do mundo

voz de solidariedade com aqueles órfãos. E' uma mensagem dizendo que o sacrifício deles não foi em vão, e que não será esquecido.

Pois não é a guerra o que interessa a essas crianças. Mas, em vez disso, aquilo que eles afirmaram aprovando a inclusão, nos debates do próximo congresso infanto-juvenil, sobre música, pois música é o que eles querem ouvir, que é ela o que eles devem ter no coração, e não ódio.

Mais do que isso, através daquela voz aparentemente débil, eles afirmaram no III Congresso Infanto Juvenil:

— "Constatamos a ausência de amor no coração dos homens."

ESSAS SÃO AS CONCLUSÕES

Não é necessário distinguir. João Clemente Baena, Carlos Mauricio Levacov, Leilah Bormann, Alexandre Nunes Poyers, Luis Carlos Dias Costa Aroeira, José Felisberto Pimenta, Hélio Arêas, Évio Birchall, Jaram Guarani Gomes, Alberto Maduar, Daisy Maria Belfort, Jair de Moraes César, Yeda Sabá, Nilo Alvares Soares, Cléa Brasileiro, Wander Moreira, Teresa Cristina, Maria Luíza Nardeli, Ramalana Gazinelli, João Francisco Gonçalves, Nadim Ikezen, foram alguns nomes que mais marcadamente participaram dos debates. Eles falam a mesma linguagem franca e desataviada, anunciando coisas simples e profundas que somente os jovens sabem sentir. Foi o que disseram nas conclusões a que chegaram, depois de debatidas as teses, no final do congresso. Dizem nessas conclusões, por exemplo, que a criança e o jovem gostam de poesia, desde que esta

Ela empalideceu.

— Oh! Abel... Se pudesses saber o que é ser mulher! Temos que usar nossa estratégia para conseguir nosso caminho.

Tirei sua mão de meu ombro.

— Você tudo fez para dominar-me,

mudar o rumo de minha vida? E hoje eu a odeio!

Ela me dirigiu um olhar misterioso, pôs o abrigo e murmurou:

— Odeia-me? Nem sabe o que diz!

— Explique-se!

Pedirei a Olga que se divorcie de você. Quando terminar seu compromisso comigo, nem terá esposa nem negócios.

— Muito bem. Mas se é isso que vai fazer, publicarei tudo. Os jornais morrerão por uma situação destas. Além disso, tenho certos episódios de sua vida passada e os publicarei. Se pensa que me vence, enganase-se.

Avancei para ela disposto a estranheá-la. Ela procurou sair e eu a detive, bradando coléricamente:

— Espera! Ouve as minhas condições.

Vamos continuar como até agora, ate que liquide meu débito. Em seguida contratei um empréstimo bancário para comprar a tua parte. Mas nesse interim, não quero nenhum contacto teu com a minha família, e deixa Virgínia em paz, estás ouvindo?

Ela se foi desaparecendo na noite sem responder-me.

seja posta ao seu alcance, e recomendam a criação do 1.º Salão de Poesia Infanto-Juvenil nos Estados e, ao mesmo tempo, de cursos da arte de declamar. Sobre teatro, concluíram que não deve haver censura neste setor, recomendando-se aos teatrólogos o estudo sobre a psicologia infanto-juvenil e que os autores de peças para moços se coloquem acima de paixões ou interesses pessoais e de grupos, produzindo trabalhos úteis. E pregam o incentivo no sentido de organização de companhias especializadas, de que seja afastada a figura do empresário comercializante, e que em todas as cidades deve ser criado o Teatro do Estudante. Em matéria de radiofoniação, resolveu o Congresso recomendar aos dirigentes das emissoras a organização de sadios programas para a juventude e a inclusão de mais música nesses programas, afirmando que o "mercantilismo que domina atualmente as emissoras é prejudicial aos jovens e às crianças". As conclusões sobre o livro didático dizem que o governo deveria fazer por onde eles fossem mais bem cuidados e, tecnicamente, mais bem elaborados e que não devem ser padronizados os livros para ensino, mas que, além disso, devem ser impressos em papel linha d'água, que barateia o seu custo. Quanto ao assunto jornalismo, as conclusões das teses apresentadas dizem que não seja orientado pelos adultos o jornalismo praticado pelos jovens, e pedem uma verba ao Instituto Nacional do Livro, nunca menor de dez mil cruzelros, destinada a premiar os colaboradores dos jornais infanto-juvenis que se destacarem. Por último, marcaram para Pernambuco a realização do próximo Congresso.

A ESPERANÇA DO MUNDO

Estas as principais conclusões a que chegou o III Congresso Infanto Juvenil de Escritores. Elas mostram a seriedade com que os congressistas encararam os problemas que lhes dizem respeito. Nem faltou na delegação baiana uma jovem professora, Denise Tavares, que a ele compareceu como assistente, para levantar a reivindicação máxima dos jovens baianos, a criação de bibliotecas infantis, nem a combatividade da bancada campista, lançando, em homenagem à memória de Monteiro Lobato, a idéia do "Concurso Monteiro Lobato de Histórias Infantis". Mas também não faltou alegria e graça, e mesmo namoro, entre os jovens, pois que eles eram jovens e não se achavam entre senadores e nem tais coisas eram eles, tanto que muitos se rebelaram contra o tratamento de excelência. Pode-se, porém, dizer que foi um congresso positivo e é pena somente que dele não tenha podido participar a maior parte dos nossos jovens e sabemos as razões profundas por que assim é.

O fato, porém, de que há um pequeno número que já se reúne e compreende que é necessário um trabalho de equipe para o estudo de questões de interesse coletivo já abre perspectivas para o futuro. Não importa que as soluções por eles apontadas encontrem a má vontade e o desinteresse, mesmo sérios obstáculos, que lhes opõem os maiores responsáveis. Daí disso mesmo, lhes virá uma nova lição e isso certamente algum proveito lhes trará.

Por enquanto, batamos palmas ao espetáculo que é essa juventude, discutindo e deliberando como se fossem os donos do mundo.

Na verdade, pensando bem, são eles os donos do mundo. O futuro pende de suas pequeninas mãos e para eles tem o mundo os olhos voltados, pois eles são a esperança.

No dia seguinte soube que havia aceito. E ficamos no trabalho nutrido ódio recíproco. Procurei trabalhar redobradamente até pagar tudo. Quando o olho vejo em seus olhos de fogo esta aversão: "Poderia matar-te!". E me arreio todo. Peço a Deus que me resguarde, proteja meu lar e os entes queridos dos resultados de minha loucura.

Uma noite, vendo-me extenuado, Olga me alertou:

— Abel! Você precisa descansar!

Mas eu continuava com um único pensamento: conseguir recursos para libertar-me de Adriana. Enfrentei um situação doméstica perigosa ao lado de minha esposa. Meu estado de esgotamento, poderia parecer que eu estava desprezando por outras; ao sair na cama, todas as noites, não tinha mais ânimo para nada. Queria apenas dormir, esquecer o mundo, gozar das delícias de uma ligeira e passageira morte.

Quem se compadecia de mim? Eu não mais era naqueles meses do que um homem contra quem nada havia; um homem que fora soberbo e audaz, que não suportara o mando de seu chefe, e que agora se reduzira à condição de escravo de um compromisso, o homem que vendeu sua própria alma a uma mulher fatal!

Mas vença! E com que alegria íntima eu me via novamente livre, senhor de meus negócios, na paz de meu lar!

Nº 16

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

GOSTAREI DE IR TAMBEM,
FICAREI
INVISIVEL...



E' UMA PESSIMA VIZINHANÇA.
DEPOIS EU VOU APENAS
INVESTIGAR...



ENTRAREI EM ALGUNS BARES,
TOMAREI UMA CERVEJA E
FICAREI ALERTA...



HUNKY ESTA' PENSANDO UM PLANO
DE ARRANJAR DINHEIRO COM O CADA-
VER QUE ENCONTROU...



QUERO QUE
VOCES PROVEM
QUE TEM
CORAGEM.



DAREI A VOCES
A OPORTUNIDADE
DE PROVAREM
QUE SÃO HOMENS.



QUERO QUE VOCES ME AJUDEM A POR
UM SUJEITO "KNOCK-OUT" BATAM,
MAS NÃO COM MUITA FORÇA.



VOCES QUEREM PROVAR QUE SÃO HOMENS
OU NÃO? AI' VEM O SUJEITO.



TEM UM CIGARRO?



E' POIS EU ACHO
QUE VOCÊ TEM
VEREMOS!



EU DISSE PARA NÃO
BATER COM TANTA
FORÇA... LEVEMO-LO
PARA DENTRO...



AGUARDEM! A VIDA ÍNTIMA DE UM TUBARÃO

DEIXA PARA AMANHÃ AQUILO QUE NÃO PODES FAZER HOJE

ESPETACULAR! FENOMENAL!

ESTUPENDO!

RELATO TOTAL E FIEL DA VIDA ÍNTIMA DE UM TUBARÃO, CONSEGUIDO A CUSTA DE MUITO ESFORÇO. UMA VERDADEIRA BOMBA. AGUARDEM BREVEMENTE NESTAS COLUNAS O SEU LANÇAMENTO. EMOÇÃO E MAIS EMOÇÃO EM CADA PALAVRA DO TUBARÃO

PREÇO 50 GARGALHADAS
NÃO PODE SER LIDO A PRESTACÕES

AULA DE Inglês SEM DICCIONÁRIO

Pelo prof. CÃO BRIDGE

A língua inglesa é um idioma em que nem sempre pão é pão e queijo é queijo, como na nossa. Na expressão: Sears Roebuck, a tradução exata é esta: Sears rói o livro. Ora, como quem rói livro é traça, está muito bem visto que na frase Sears Roebuck, Sears só pode ser traça. Nem é preciso consultar dicionário ou mesmo saber inglês para descobrir toda a verdade.

SUCIAIS

Subscrição — Está constituída uma comissão de patriotas interessados em salvar o país. Na primeira reunião organizou-se uma lista para angariar fundos para a compra de um leme para a nau do Estado que o perdeu e anda à matroca desde 1930.

Exposição — Estão sendo feitas da tribuna da Câmara e do Senado por vários artistas de re-



nome que pintam quadros impressionantes da vida do Brasil

Excursão — Brevemente serão realizadas por vários Estados do país excursões turísticas por líderes de nossos partidos políticos de maiores recursos oficiais, com o fim louvável de convencer os brasileiros pessimistas de que política é isso mesmo.

Homenagem — Com o aplaudível propósito de provocar outros discursos de sensação e agitar o mundo dos deuses olímpicos, está correndo em todas as camadas sociais uma lista para a grande homenagem a ser prestada à memória de Matias de Albuquerque, quando então o seu espírito falará de além-túmulo sobre a tomada de Póto Calvo a 19 de julho de 1635, salvo erro ou omissão.



COMO CONQUISTAR A FELICIDADE



Ele — Felicidade, se não casares comigo, dou um tiro na cabeça. Ela — Então dê lá fora, para não sujar o tapete.

CONDE DE SALAMALEQUES
(Copyright — 1949)

O melhor meio de chegar a ser feliz nesta vida é não levar nada a sério, como dizia Confúcio.

Quando uma pessoa vier até você e lhe propuser um negócio vantajoso, no qual, em oito dias, todos ficam ricos, só aceite a proposta se esse corretor de vantagens lhe adiantar uns dez por cento de tanto lucro.

O homem que vive atrás de felicidade é um idiota. Deve colocar-se sempre à frente da mesma. Só assim poderá evitar que a famosa divindade erre o caminho e vá deitar-se traçoeramente nos braços do vizinho, ficando você com cara de bobo.

Uma viúva rica, jovem, bonita e liberal é coisa que não existe, e se existe já foi fazer a felicidade de outro muito mais esperto do que você.

Se é verdade que o homem feliz não possui camisa, não há nenhum jogador de futebol que chegue a ser feliz. Mesmo mudando de camisa.

A felicidade da formiga é ser vizinha de um agricultor ou plantador de hortas. Por sua vez, a felicidade destes é poder matar todos os formigueiros das redondezas. Por esse motivo o próprio Criador de todas as coisas, in-

clusive formigas, agricultores e hortelãos, fica sem saber como resolver esses casos de felicidade na terra entre racionais e seus inimigos.

Quando uma jovem que namora vive a suspirar, é que a felicidade se afasta como o demônio com medo da cruz. O único jeito de ela tornar a ser feliz é fazer uma carta ao namorado pedindo dinheiro. A felicidade reside na esperança. Enquanto ela estiver esperando a resposta, está sendo muito feliz.

O dinheiro jamais mediu a felicidade de quem quer que seja. Um milionário pode abrir a carteira e encontrá-la cheia. Dinheiro e cheques, depósitos nos bancos, crédito em toda parte. Mas quando um pobre toma o bonde e está somente com os quarenta centavos no bolso, essa moedinha de níquel falsificado vale mais e representa muito maior felicidade do que todo o dinheiro do milionário que possui automóvel e nunca viajou num bonde da Light, confortavelmente espremido.

Para conquistar a Felicidade é preciso casar com uma senhora rica e que tenha este nome. Se não... pois sim!



CONSULTÓRIO DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPÍRITO

(BARÃO DO BUTECO)

J. Maria Amélia (Rio) — Seu sonho denota grande ansiedade para receber aquele dinheiro que lhe devo, mas de forma alguma posso pagar tão cedo. Acho melhor que a senhora procure dormir e não sonhar coisas irreais.

Pedrinho — Você, tão pequeno, já com esses sonhos de homem velho? Sonho de menino é voando pelas goiabais do vizinho, armando arapucas na campina para pegar rolinhas, fazendo laços para pegar canários cantadores. Ou amolando mamãe, coitadinha, que nem nos seus sonhos pode descansar.

Gustavo — Quando se for deitar, não coma tanto. Isso faz mal à saúde. É verdade que você procura comer às escondidas, para não ser surpreendido pela dona da pensão; mas, seja

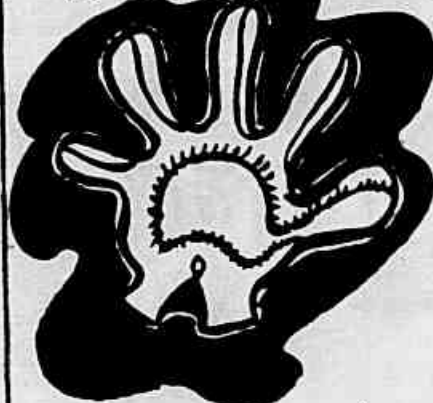


RASGOU SEU TERNO?
... O AZAR É SEU.

como for, nenhuma comida assim à pressa pode fazer bem. Procure furtar o doce, mas de maneira que possa comer tudo calmamente. Verá como passa a sonhar coisa mais ajustável à sua vida, como, por exemplo, estar na cadeia...

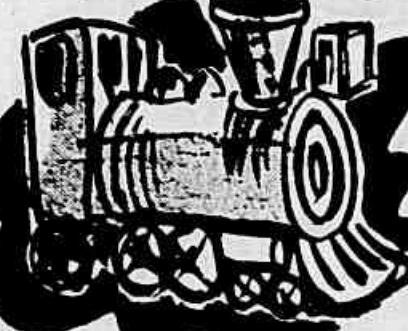
Milongueta (Madureira) — Os seus sonhos cor de rosa, linda menina de olhos louros e cabelos azuis, é o resultado de seus amores coitadinhos. Mas, se entre os dois o seu coração balança como cabeça de gente apreciando o jogo de tênis, o melhor é ir deixando que um deles morra, ou ambos, de uma vez. Do contrário, o caso se encaminha para o distrito. Não sonhe mais. Se possível conserve-se acordada durante toda a noite, até dormir sem sonhar, num rabeção da Santa Casa. Que alívio!

*** ANÚNCIOS DESCLASSIFICADOS



Vendemos — Lindas e macias luvas para as mãos delicadas de Vênus de Milo. Dirigir-se ao Sr. Conde de Salamaleques, amigo da família.

Meias — Sem meias palavras nem meias medidas, vendem-se lindas e fortes meias próprias para pernas para quem te quero, em lugar que só se atende pelo telefone.



Locomotivas — Chegadinhas agora mesmo dos Estados Unidos, vendem-se duas de 180 toneladas, próprias para filho de gigante brincar. Cartas para o Sr. Barão do Buteco, único importador autorizado.

Fábrica — Por motivo de ameaça de protesto de uma duplicata que já está apontada em cartório, vende-se excelente e digna fábrica de fubá com tico-tico e tudo. Falar com o Sr. Barão do Buteco, em qualquer banco da praça Tiradentes. Caso não esteja ali, favor dirigir-se ao distrito. E batata.



SENSAÇÃO NOS MEIOS JORNALÍSTICOS

Rio, 27 (Urgente, Man e a Pressa) — Chegou hoje, procedente da Ilha dos Porcos, o já conhecido jornalista e honesto explorador, Sr. Conde de Sala-

maleques. Estiveram presentes ao seu desembarque a imprensa em geral, altas autoridades e vários destacamentos da Rádio-Patrulha.

BROADCAST



GILBERTO DE ANDRADE

O rádio perdeu, com a morte de Gilberto de Andrade, o homem que impulsionou a Nacional, tornando-a a primeira entre as demais. Dele partiu o arrôjo para a organização de um cast grandioso em que, ainda hoje, pontificam "astros" de primeiro plano, como Ismênia dos Santos, Floriano Faissal, Isis de Oliveira, Celso Guimarães e tantos outros. Foi, graças a sua completa noção, que se tornou possível a homogeneidade de uma equipe redatorial, atualmente estacelada. Com tôdas essas iniciativas, pôde Gilberto de Andrade levar adiante o plano que esboçara num dos primeiros magazines radiofônicos, a que ele próprio intitulou de "Sintonia". Esse plano, outro não foi senão o lançamento de ótimos programas, escritos e interpretados a capricho.

Gilberto de Andrade, que muitos criticavam por ter exercido funções num tribunal de exceção, dentro do "broadcasting" carioca, constituiu a força motriz que impulsionava a poderosa emissora do edifício d'A Noite. Morto, num período em que seus préstimos não mais eram utilizados pela radiofonia brasileira, nem por isso seu falecimento passou despercebido aos verdadeiros radialistas. Principalmente, por aqueles que, abrigados à sombra do prefixo PRE-8, o acompanharam na árdua luta de colocar essa estação em pé de igualdade com as maiores do Mundo. Idealista com por cento, ele viveu para esse poderoso veículo de divulgação, empenhando-se em livrá-lo do provincianismo a que se achava preso.

Também na Rádio Tupi, não menor foi a contribuição desse radialista, apesar do ambiente hostil que se lhe apresentara, quando para ali foi chamado. Embora demonstrando pouco, mesmo assim deixou assinalada a sua passagem no prefixo PRG-3, com formação de uma equipe redatorial das mais completas. A esse homem que tanto trabalhou pelo bom nome do "broadcasting" nacional, a morte veio buscar numa destas frias manhãs. Ele partiu para o seu meio, indo viver no espaço. Nesse mesmo espaço porque tanto lutou! — A. MIGUEIS.

sua figura a curiosidade das platéias mais inteligentes do mundo. E' sobre a sua arte.

Conhecida como o "rouxinol do Chile", Rosita, cujos recitais no "Night and Day" e no rádio carioca, durante o mês de agosto, serão uma nota de distinção e beleza — vale como harmonioso espetáculo, porque "sua laringe, que é um verdadeiro instrumento musical", no dizer da respeitada crítica europeia, funde-se com a sua personalidade e com os seus amavios. Sabendo cantar como o sabem os artistas de raras qualidades, ganhará, no Rio, os mesmos aplausos que ganhou nos principais centros artísticos do mundo. O Chile orgulha-se dela, dizendo que, ao lado de Gabriela Mistral, é o seu outro "Prêmio Nobel". Nasceu a doze de maio de 1914 e é filha do famoso soprano Sofia Del Campo. Só depois de gloriosa é que, em 1948, cantou, pela primeira vez, para o seu povo.

NOVIDADES EM FOCO

José Coutinho Lopes, eis a mais recente conquista da Rádio Jornal do Brasil para seu quadro de locutores. Elemento de valor, com atuação marcante na programação da Roquete Pinto, ele vem de ser aproveitado por uma emissora particular. ★ Joubert de Carvalho, nome sobejamente conhecido dos apreciadores da música popular brasileira, foi contratado pela Tupi, a fim de participar de uma série de programas dessa emissora. ★ O presidente da República concedeu permissão para o funcionamento de uma nova emissora no Distrito Federal. ★ Luiza Lorena, intérprete de tangos e boleros, está sendo apresentada em "Fim de Semana", programa comandado por Aerton Perlingeiro. Bastante jovem, ela tem um futuro brilhante a sua frente, caso não se deixe envaidecer pelos aplausos dos fans. ★ Leon Eliachar, nosso colega d'A CENA, está respondendo pelo sucesso de "Cine Gratis", cartaz que a Tupi manda ao ar tôdas as semanas. Feito em estilo humorístico, sua apresentação prende o ouvinte, pois não envereda pelo caminho da licenciosidade.

CONFISSÃO

Sarah Nobre, figura de primeiro plano do cast mairinquiniano, há muito labuta no "broadcasting" carioca. Criadora de uma série de papéis notáveis, escolhemo-la para dizer qual o papel marcante de sua carreira de rádio-



Rosita Serrano, ao lado de Gabriela Mistral, é considerada pelos chilenos, o seu outro "Prêmio Nobel". Sua laringe, no dizer da crítica europeia, é um verdadeiro instrumento musical

RADIO-FLASHES

ROSITA SERRANO

Não é por cantar em quinze idiomas ou por ter reunido, em torno de si, a unanimidade da crítica europeia. Não é por ser a favorita dos reis, em seus saraus de arte, como o foi o Rei Farouk, do Rei Humberto da Itália e do Rei Gustavo da Suécia. Também, não é por ter, sido condecorada pelo citado terceiro rei e nem por ter arrancado, do segundo, expressões como estas: "Sois a cantora que mais me impressionou". Não, não é só através disto tudo que Rosita Serrano atrai sobre a



Luiza Lorena surgiu através de "Fim de Semana", programa de auditório que Aerton Perlingeiro conduz a contento. Intérprete de tangos e boleros, sua voz agrada Carlos Pallut



A circular esta edição, Carlos Pallut, estava prestes a ingressar no rol dos homens sérios. O jovem e eficiente animador dos programas de auditório da Guanabara vem de consorciar-se com a interessante rádio-atriz Alba Regina, também integrante do "cast" daquela emissora. O ato religioso terá lugar a 30 do corrente na Igreja da Candelária e a ele certamente comparecerão os seus inúmeros fãs para cumprimentar o jovem casal.

atriz. A consagrada artista declarou-nos ter sido o de "O Preço de uma Vida", novela de autoria de seu filho Nelson Nobre, que a PRA-9 transmitiu com absoluto sucesso. E, esclareceu-nos: — "Era um papel de mãe amantíssima, indo ao auge dos sacrifícios por um filho, a ponto de ter momentos de verdadeiro desequilíbrio mental. E, como na vida real me considero mãe amantíssima, acho que interpretei esse papel com facilidade e grande naturalidade. Mas, também... o filho escreveu para a própria mãe... Está dito tudo"

MOSAICOS

Leonor Amar, hoje brilhando na consagração azteca, conheceu o espôso quando da transmissão de um programa da X. E. W. Desconhecendo por completo o castelhano, ela embarçou-se toda provocando em Luís Aldás verdadeira cólera. Isso não impediu que meses depois ele a viesse desposar...

Tito Guizar, cuja presença entre nós foi bastante festejada, mereceu os mais rasgados elogios da imprensa mexicana, por sua participação na película "En las Altos de Jalisco", na qual viveu o papel do guerrilheiro Juan Chavez.

JUDALINE

Don Raye e Gene De Paul

A date with Judy.
In my heart ther'es
Only room for Judaline
Golden hair and an angel face
Spring for me in her embrace
What a glow to know
That she is mine
Beautiful to lock at
Are my Judy's eyes
Bright as stars
When only two are in the skies
Where there's Judy there's lov for [me
And the sun will shine Judaline.

CHUVAS DE VERAO

Samba de Fernando Lobo

Podemos ser amigos, simplesmente
Coisas de amor, nunca mais
Amôres do passado no presente
Repetem velhos tempos tão banais.
Ressentimentos passam como vento
São coisas do momento
São chuvas de verão.
Trazem uma aflição dentro do [peito
E' dar vida a um defeito
Que se cura com a razão.

Estranha no meu peito
Estranha na minha alma
Agora eu vivo em calma
Não te conheço mais
Podemos ser amigos, simplesmente
Amigos, simplesmente e nada mais.

MATINEE

Fox de Bob Russel e Carl Sigman

Matinee, seats for two.
I was there; where were you?
Matinee, curtain call
And a hush through the hall.
I had hoped you'd arrive
As the stage came alive
With a show about a boy
Who loved a girl as I love you.
When they kissed it fore my heart [out;

Once our love was like this.
And I acted ev'ry part out
As I thought of your kiss
Matinee and seats for two,
I was there but where were you?
Then, like us, they had a quarrel
And she let him alone,
But their story has a moral
That we both should have known:
Love that's true never did run [smooth.

Matinee, true to life with the joy [and the strife.
They were sad as could be;
That was you that was me,
But they kissed at the finale
And my heart melfed away.
Matinee, seats for two,
I was there; where you today?



Chega ao Teatro Municipal a mais bela do Brasil, Jussara Marquez, para a solenidade da coroação

COROAÇÃO SOLENE DE MISS BRASIL

COM a bela festa da coroação da senhorita Jussara Marquez, Miss Goiás, vencedora do pleito para a eleição de Miss Brasil, na noite de 20 do corrente no Teatro Municipal do Rio de

Janeiro, chega ao fim da primeira etapa a grande prova de seleção de belezas mundiais, a embaixatriz da beleza feminina do Brasil.

Ao ato, que se revestiu de grande solenidade,

arrastando ao nosso maior teatro uma assistência das mais seletas, compareceram muitas das misses representantes dos Estados brasileiros que concorreram à eleição de Miss Brasil, tendo a senhora do Prefeito colocado na senhorita Jussara Marquez a faixa simbólica.

O prefeito general Mendes de Moraes fez à vitoriosa e hoje rainha da beleza nacional, o discurso de saudação e parabéns, sendo muito aplaudido.

Resta agora a competição em Paris. Até hoje



Momento culminante, quando Miss Brasil, senhorita Jussara Marquez, recebia a coroa de Rainha



Após a imposição da faixa simbólica pela sra. do prefeito, o general Mendes de Moraes cumprimentava Miss Brasil





Close-up de Miss Estado do Amazonas, senhorita Maria Amália Ferreira, uma das mais belas da festa

A esquerda: Marina Cunha, Miss Distrito Federal, e que ficou classificada em segundo lugar no Brasil. A direita: Miss Território do Acre, senhorita Glória Blenner, e que tantos aplausos mereceu do povo

somente uma vez, no fim do governo de Washington Luis, coube ao Brasil a vitória de classificar uma filha destas terras como a mais bela do mundo, "Miss Universo".

Não faltam qualidades de graça e beleza plástica a Miss Brasil de 1949, para disputar com vantagens o título supremo de Miss Universo.

Jussara Marquez é dotada de uma graça contagiante e possui plástica de rara perfeição em suas linhas, sendo ainda uma jovem culta, com predicados morais e intelectuais que lhe conferem o direito pleno de disputar na Europa, na Cidade-Luz, a faixa simbólica de vitoriosa mundial em favor de nossa pátria.

Com todos os deslumbramentos de que se viu alvo a linda eleita do Brasil à seleção final de Paris, repete-se na vida real a fantasia de Cinderela, pois que Jussara Marquez é filha de uma cidade do interior de Goiás, nas fronteiras do Triângulo Mineiro, e vivia como funcionária do IAPC na capital de seu

Estado, sem qualquer preocupação de competições de tamanha magnitude e repercussão mundial.

Entrando no certamen em que tomavam parte representantes de quase todos os Estados do país, dentre os quais tipos de grande beleza feminina como as delegadas do Amazonas, São Paulo e a do Distrito Federal, Jussara Marquez teve a suprema ventura de sair vencedora de tão grande pleito, classificando-se como a mais bela do Brasil.

Cinderela que vem de sua simplicidade de cidade do interior do país e concorre com as mais lindas do Rio, de S. Paulo, de Minas, e de tantos outros grandes Estados do Brasil, alcançando, pelo seu próprio valor, pela beleza de sua figura delicada, simpática e culta, o mais destacado lugar que poderia aspirar uma concorrente ao título de embaixatriz do Brasil diante dos países do mundo.

Se não lhe couber a palma final da vitória na França, podemos estar certos de que nossa representante não diminuirá o prestígio da mulher brasileira e será uma das mais aplaudidas no conceito universal.

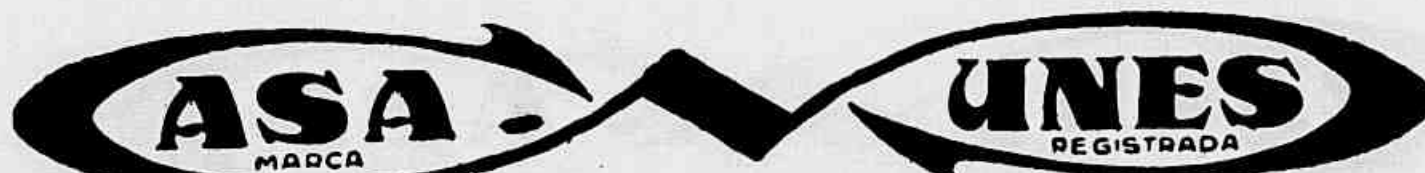


O sr. Amorim Pargas ao fazer o seu discurso na noite da coroação de Miss Brasil, no Teatro Municipal

TAPETES e PASSADEIRAS
com flores, chegados
da Inglaterra

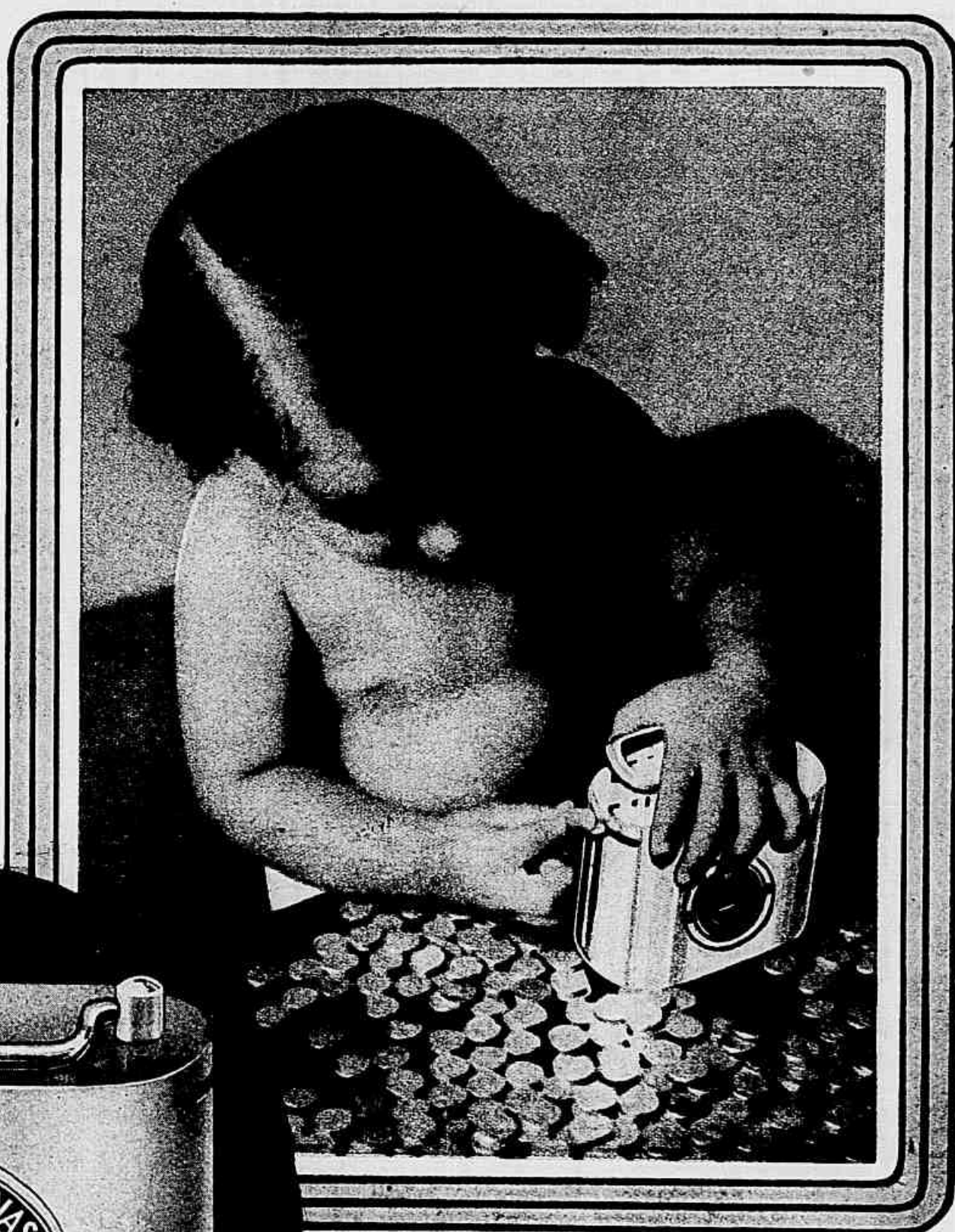


TAPETES e PASSADEIRAS
Francêses, Inglêses, Tchecos, Orientais,
Portuguêses, Persas (legítimos) e Nacionais
recebidos diretamente das fábricas



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...



**PERDURAM
POR TÔDA
A VIDA**

CONTA POPULAR

Depósito inicial	50,00
Limite	100.000,00
Juros	6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.